UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Natália Giosa Fujita

A união do corpo e da alma n'*A Estrutura do Comportamento*

Versão corrigida

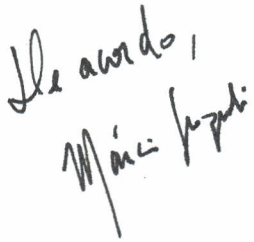
São Paulo

2014

Natália Giosa Fujita

A união do corpo e da alma n'*A Estrutura do Comportamento*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Suzuki, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Filosofia.



Versão corrigida

São Paulo

2014

Natália Giosa Fujita

A união do corpo e da alma n'*A Estrutura do Comportamento*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Suzuki, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Filosofia.

Versão corrigida

São Paulo

2014

Agradecimentos

Gostaria de deixar registrada minha gratidão ao professor Márcio Suzuki.

Às funcionárias da secretaria do Departamento de Filosofia, em especial Maria Helena, Luciana e Geni.

E a Karl Sicherl.

RESUMO

FUJITA, Natália G. A união do corpo e da alma n'*A Estrutura do Comportamento*. 2014. 178 f. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2014.

Resumo: Procuramos mostrar como a primeira das teses doutorais de Merleau-Ponty, *A Estrutura do Comportamento*, torna possível o retorno ao problema clássico da união do corpo e da alma, uma vez que, ao mesmo tempo em que faz a crítica do empirismo mecanicista que embasa as tentativas científicas (da neurofisiologia e da psicologia) de dar conta da vida orgânica e do comportamento, descobre nas descrições destes fenômenos um meio original em relação ao para-si suposto pelo criticismo como explicação e fundamentação última do conhecimento e limite para o que se pode dizer sobre o ser. Procuramos ademais sugerir as limitações do quadro conceitual em que o corpo e suas realizações, dentre as quais especialmente a percepção, podem voltar a desempenhar um papel decisivo na interrogação filosófica, em especial pela ênfase, a nosso ver excessiva, que o autor faz recair sobre a articulação entre símbolo e verdade e pela falta de descrição positiva da articulação entre as formas chamadas inferiores do comportamento – ligadas ao instinto, à vida orgânica e a uma temporalidade circular - e o nível simbólico – remetido à verdade, à liberdade e à História.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, comportamento, corpo e alma, corpo, behaviorismo, neurofisiologia, Gestalt, psicologia da Gestalt, psicanálise, Lacan.

ABSTRACT

FUJITA, Natália G. The union of body and soul in *The Structure of Behavior*. 2014. 178 f. Thesis (doctoral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2014.

Abstract: We try to show how Merleau-Ponty's first doctoral thesis, *The Structure of Behavior*, allows for a comeback of the classical problem of the union of body and soul, once it criticizes the mechanicist empirism founding the scientific attempts (from neurophysiology and psychology) to explain the organic life and behavior, while unearthing in those fenomena a milieu that differs from the transcendental self embedded in criticism as a final explanation and foundation of knowledge, and as the limit to what one can say about being. We also try to point out to the limits of such conceptual framework, in which body and its performances, specially perception, may again play a crucial role in philosophical investigation, in particular because of excessive emphasis placed upon the connection between symbol and truth, and for a lack of positive description of the articulation between the so-called inferior forms of behavior – connected to instincts, organic life and circular time – and the symbolic level – related to truth, freedom and History.

Key-words: Merleau-Ponty, behavior, body and soul, body, behaviorism, neurophysiology, Gestalt, Gestalt psychology, psychoanalysis, Lacan.

Índice

Introdução..... 7

1. Os projetos de 1933 e 1934..... 11

2. *A Estrutura do Comportamento*..... 34
2.1. Crítica do reflexo como noção explicativa dos comportamentos inferiores... 48
2.2. Crítica da teoria dos reflexos condicionados..... 75

3. Abandono da fisiologia..... 88

4. Níveis de formas: formas sincréticas, amovíveis e simbólicas..... 120

5. Tipos de estruturas: as ordens física, vital e humana..... 143

Conclusão..... 166

Bibliografia..... 179

Introdução

Na década de 1930 o jovem Merleau-Ponty, membro de uma geração de pensadores formados entre as duas guerras mundiais, explicitou de maneira original a codependência profunda entre a filosofia criticista e a ciência mecanicista, denunciando-as como cúmplices no obscurecimento da compreensão da "vida imediata"[1] e, por isso, colaboradoras numa vida política disfuncional e no limite mortífera. Uma geração anterior de pensadores já havia assinalado (e ainda estava explicitando) a convergência entre uma filosofia "quietista", uma ciência "estritamente objetiva" e o descaminho das sociedades europeias.[2]

Enquanto uma tal perspectiva histórica de longo alcance faz parecer óbvia a reação da geração dos anos 30, é na verdade notável quão cedo Merleau-Ponty se apercebeu de que o desenvolvimento dos saberes que ao longo do resto do século XX viriam a constituir a neurociência não apenas dava azo à declaração da vitória da ciência e, em contrapartida, a uma reformulação de argumentos em favor do criticismo, mas oferecia uma oportunidade de fazer progredir essa dialética emperrada por meio da articulação entre a noção de estrutura, depreendida de observação científica, e a fenomenologia husserliana. Tratava-se de apropriar os excessos que de um e de outro polo apontavam para o oposto e, por aí, em verdade para o campo ainda indefinido que se tratava de desvelar como nada menos que o real.

Pois o ponto de fuga do projeto pontiano, como do de muitos de sua geração, era conceber uma filosofia que pudesse dar-se como objetos o sujeito encarnado, a História – a própria realidade. Não, evidentemente, a da ciência, em que nada disso tem existência. Outra realidade – a real – será necessariamente um campo ampliado *que depende de estabelecer outro modo de união entre corpo e alma* que a união em Deus,

---

[1] A expressão consta no texto introdutório de *Sens et non-sens*.

[2] Freud escrevera o Mal-estar na civilização em 1929 e o publicara no ano seguinte. A Krisis de Husserl é de 1936, para ficarmos com dois exemplos de peso. Que os colonialismos, velho e novo, tenham generalizado a crise da humanidade, mostra que não se trata de uma crítica excêntrica, sem prejuízo das complicações que ela "ganha" na periferia.

afinal inescrutável, do Grande Racionalismo ou a solução por anulação de um dos termos do problema, como os séculos seguintes propuseram. Ou seja, já no primeiro grande texto de Merleau-Ponty, a disputa pelos conceitos definidores do âmbito da verdade é meio de legitimar e suprir a necessidade de dar-se o real, o concreto ou a História a pensar. *E* depende de uma retomada do problema da união entre corpo e alma que possa lhe dar nova solução, quer dizer, depende de repensar o corpo. É assim que se pode entender a percepção como o ponto nevrálgico onde tanto o criticismo pode ser desbancado pela ciência, quanto esta pela latência filosófica crítica de suas próprias descobertas, porque é aí que as cisões comuns a um e outra se baralham e exigem outra compreensão.

Merleau-Ponty assinala recorrentemente que o problema filosófico da união entre o corpo e a alma havia sido situado exatamente na percepção pelo mesmo Descartes que descobriu o "domínio indubitável das significações" para a tradição filosófica moderna, concebeu o Cogito e formulou o primeiro esquema do arco-reflexo. O "fato paradoxal" da "existência do corpo humano", que nos "ensina" a união pelas sensações que provêm da "mistura",[3] permanecera como a sombra do Cogito, marginal mas irremovível. Ele parecia neutralizado desde quando, no século XVIII, Kant, ao menos segundo a interpretação hegemônica, havia neutralizado o empecilho numa crítica da metafísica que tornava contraditória a própria noção de um corpo material exterior e heterogêneo à alma - como todo o resto do “exterior”, o corpo se revelava objeto constituído pelo sujeito, o que contudo não suprimia a legitimidade do trabalho epistemologicamente ingênuo da ciência sobre todo constituído.[4]

Indiferente aos limites jurisdicionais postos na filosofia, a partir de meados do século seguinte, mas mais marcadamente no século XX, o avanço dos conhecimentos

---

[3] *L'union de l'âme et du corps chez Malebranche, Biran et Bergson*. Paris: Vrin, 2002. Segunda lição, p. 13. Na EC, pp. 301-306.

[4] "... Descartes não procurou integrar o conhecimento da verdade e a prova da realidade, a intelecção e a sensação... Mas depois dele essa integração devia aparecer como a solução dos problemas postos pelo realismo filosófico. Ela permitiria, com efeito, renunciar à ação do corpo ou das coisas sobre o espírito, defini-los como os objetos indubitáveis de uma consciência e superar a alternativa do realismo e do ceticismo associando, segundo os termos de Kant, um idealismo transcendental e um realismo empírico." EC, pp. 305 e 306.

sobre o corpo e em particular sobre o sistema nervoso parecia desenhar uma resposta simetricamente oposta, segundo a qual era agora era alma que deveria ser entendida como uma ilusão e desaparecer em favor de um monismo do corpo-máquina. O refinamento de aproximadamente um século dessa ciência, conquanto tenha assistido a formulação de explicações menos simplistas das relações entre corpo e alma, conserva contudo uma cisão segundo a qual toda vida psíquica aparece como efeito de mecanismos corporais desprovidos de sentido[5] – quer dizer, como objeto –, mas a consciência cognoscente se põe à parte, permitindo-se conceber as outras como seus objetos, como se fosse de outra natureza. Numa palavra, dada a continuidade (que não significa identidade) histórica entre sua situação e a nossa, nos parece relevante revisitar esta primeira tentativa de articular a ligação entre uma filosofia que se retira da disputa pelo real e os fundamentos da fisiologia nervosa e da psicologia científica, aqueles setores precisamente localizados do saber onde a união entre corpo e alma pode ser ofuscada por meio de esclarecimentos equívocos. Bem como, evidentemente, é relevante entender que outros rumos o filósofo aponta para o desenvolvimento de outro tipo de reflexão, que possa se relacionar criticamente com a ciência (e não apenas com seus pressupostos epistemológicos), com a própria história da filosofia e finalmente com a História, sobretudo em sua figura presente.

Nesse sentido, procuramos realizar um estudo em alguma profundidade d'*A Estrutura do Comportamento*, preferindo-a à geralmente preferida *Fenomenologia da Percepção*, justamente porque é na primeira que se dá o embate pelo corpo (e pela alma) com as ciências no seu território próprio. É na sua primeira tese que Merleau-Ponty procura dar cidadania filosófica ao corpo contra a posição prevalente do reducionismo científico, sobretudo para encontrar um ponto de partida para elaborar uma noção de sujeito que permita pensar a totalidade da experiência. Quem o diz é o próprio filósofo ao fim de uma longa crítica do empirismo: "seria necessário definir de

[5] Mesmo os cientistas que se aventuram a interpretar em nível reflexivo os novos conteúdos de seu campo de saber remetem o significado da vida psíquica e social à vida biológica em sentido rebaixado, especialmente à ideia de autoconservação e de conservação da espécie. Assim, Damasio, numa tentativa de reelaborar o conceito de razão desde o interior da neurociência, que mencionaremos também adiante, termina por encontrar seu princípio organizador no objetivo da melhor situação individual possível no quadro da melhor situação social possível. Trata-se, enfim, de conceitos que remetem praticamente sem mediação ao darwinismo.

novo a filosofia transcendental a fim de nela integrar até o fenômeno do real".[6] Aceito o pressuposto histórico-filosófico de que apenas uma verdadeira reelaboração do problema da união do corpo e da alma poderia revelar esse real, conservaremos em mente tanto a necessidade de destacar a originalidade e a radicalidade da crítica pontiana quanto de avaliar se a nova solução que ela indica de fato atende a aspiração inicial, de que partilhamos.

[6] *La structure du comportement*. Fim da redação, 1938, publicação, 1942, Presses Universitaires de France. Utilizaremos a edição brasileira: *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Doravante EC. P. 345.

1. Os projetos de 1933 e 1934

É patente que o corpo ocupa um lugar central nas duas primeiras obras de Merleau-Ponty, a *Estrutura do Comportamento* e a *Fenomenologia da Percepção*.[7] É preciso considerar, contudo, que ele não é o tema dessas obras, mas um elemento que sobressai da descrição filosófica da percepção, este sim o problema a que o autor expressamente se dedicou naquele período. Por isso é preciso examinar, desde logo, como o problema do corpo se coloca no âmbito do da percepção, e em especial em vista da forma singular pela qual o autor se propõe a resolvê-lo, um confronto direto entre filosofia e ciência, em aberto desacordo com a separação ainda hoje vigente (embora talvez por outras razões) entre as disciplinas.

Comecemos portanto por retomar a formulação dos problemas que organizaram essas primeiras duas obras; examinaremos primeiro dois textos anteriores, o *Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção*, de 1933 e "A natureza da percepção", de 34, [8] respectivamente pedido de subvenção à pesquisa e de renovação da subvenção, dirigidos à Caixa Nacional de Ciências.[9] Na análise das obras mesmas recorremos a textos posteriores, "Titres et travaux, projet d'enseignement", de 1951, dossiê que apresentava a candidatura de Merleau-Ponty ao Collège de France, e sobretudo um texto póstumo de 1961, uma nova apresentação de candidatura à mesma instituição, que tratam diretamente da EC e da FP.

---

[7] *Phénoménologie de la perception*. Publicação, 1945, Gallimard. Edição brasileira: *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Doravante FP.

[8] Merleau-Ponty, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*, precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) e A natureza da percepção (1934); tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1990.

[9] Um detalhe: na edição brasileira desses textos a instituição à qual Merleau-Ponty pediu sua subvenção é, como reproduzimos, a Caixa Nacional de Ciências (Caisse nationale de sciences), mas noutros textos encontramos a informação de que a instituição era a Caisse de Recherches Scientifiques. Conforme verbete da wikipedia (http://fr.wikipedia.org/wiki/Caisse_nationale_de_la_recherche_scientifique) ambas as instituições existiam e em 1935 foram unificadas na Caisse nationale de la recherche scientifique, que em 1939 foi por sua vez unificada com o Centre nationale de la recherche scientifique apliquée, transformando-se no Centre nacional de la recherche scientifique.

"Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção" (1933)

A posição privilegiada do corpo próprio está patenteada na primeira sentença do mais antigo documento de autoria de Merleau-Ponty a que temos acesso, o *Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção*[10], de 1933, bem como a proposta de cotejar as ciências e a filosofia: "Parece-me que no estado presente da neurologia, da psicologia experimental (particularmente da psicopatologia) e da filosofia seria útil retomar o problema da percepção e particularmente da percepção do corpo próprio". Isso com o objetivo de refutar "uma doutrina de inspiração criticista", que explica a percepção como um processo em dois tempos, em que as sensações primeiramente recolhidas são elaboradas por uma nova operação, que as ordena e relaciona, "de tal sorte que acabam por constituir um universo objetivo".

Em desacordo com tal descrição do processo perceptivo, as pesquisas da escola da *Gestalttheorie* "parecem mostrar" que "a 'forma' estaria presente no próprio conhecimento sensível"; demonstrar-se-ia portanto que a "psicologia tradicional" sustenta a "hipótese gratuita" de uma "matéria incoerente" das sensações, a que a operação perceptiva daria uma "forma intelectual". Em seguida, Merleau-Ponty atesta que "o desenvolvimento da neurologia explicitou o papel do sistema nervoso, cuja função parece ser cada vez mais uma função de 'condução' do influxo nervoso e não uma função de 'elaboração' do pensamento". Assim, psicologia e neurologia parecem evidenciar que não há dois momentos, um da aquisição-recepção e outro da conformação dos dados sensoriais, mas que a forma está presente desde sempre no percebido.

Nota-se tanto que a filosofia é diretamente contestada por experimentos científicos quanto que seja atribuída à psicologia uma versão abreviada ao essencial da tese filosófica "de inspiração criticista" anteriormente assinalada. O que evidencia que desde logo Merleau-Ponty coloca num "campo comum" a psicologia e a filosofia, o que equivale a dizer que não há em verdade vários, mas apenas um tema: a experiência

---

[10] Merleau-Ponty, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*, precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) e A natureza da percepção (1934); tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1990. Os originais, segundo informa o editor francês em nota, "fazem parte de dossiês de Merleau-Ponty conservados pelo CNRS", e foram primeiramente publicados por Théodore Geraets em sua tese, *Vers une nouvelle philosophie transcendantale*, de 1971, obra que fez história nos estudos das primeiras obras de Merleau-Ponty.

perceptiva, objeto da epistemologia e de várias disciplinas científicas, fisiologia, psicologia, psicopatologia.

Há ainda um terceiro argumento, mais específico, a favor da unidade do ato perceptivo. Não se deve supor “os dados visuais e os do tato ou do sentido muscular” como dois conjuntos de “sensações inextensivas”, ligadas pela operação intelectual que faz a “associação progressiva dos dados visuais aos tácteis”, dando origem assim ao “espaço volumoso”. Pelo contrário, numa descrição da percepção como processo fisiológico, "a percepção se acha... recolocada num 'quadro motor'", não é possível falar em síntese intelectual (posterior) do volume, quer dizer, do espaço tridimensional ou da profundidade, porque a visão é sempre em profundidade, porque "conta" no visto com o movimento, centra-se no corpo como potência motora. O ponto-chave é, portanto, provar definitivamente que a profundidade, concebida como visual-táctil-muscular, é um dado imediato da experiência sensível.

Finalmente, um caso perceptivo é tomado como exemplar: "Seria o caso de se estudar particularmente a literatura recente da 'percepção do corpo próprio'. Se de um modo geral parece difícil distinguir uma matéria e uma forma no conhecimento sensível, a dificuldade é ainda maior e a extensividade, parece, é manifestamente coerente com a sensação quando se trata da percepção do corpo próprio".[11] O corpo figura aqui, portanto, como um objeto privilegiado da percepção; na percepção do corpo próprio torna-se evidente a impossibilidade de separar a 'extensividade' da 'sensação'. Notemos de passagem que este último ponto – a percepção do corpo próprio – é um aprofundamento do anterior, ou seja, tanto "do lado de fora" a profundidade é contemporânea da sensação, quanto "do lado de dentro" a extensividade do corpo próprio é inseparável dela. Notemos ainda que, como no fim do parágrafo Merleau-Ponty menciona o interesse especial da "ilusão dos amputados", que terá grande peso na FP, o corpo próprio funciona como argumento filosófico primeiramente quando se desmembra na disfunção, como objeto de psicopatologia.

Neste primeiro documento, portanto, Merleau-Ponty elenca quatro diferentes argumentos contra a “doutrina de inspiração criticista”: as descobertas da *Gestalt* relativas à imanência da forma, dois argumentos oriundos da neurologia – o papel

---

[11] Op. cit., pp.11/12.

'condutor' do sistema nervoso na percepção e a associação originária entre percepção e motricidade (dados visuais e táteis/motores; papel dos "movimentos nascentes" na percepção) – e finalmente a percepção do corpo próprio. Seu objetivo é o de realizar "uma síntese dos resultados da psicologia experimental e da neurologia, no que tange ao problema da percepção, e determinar, pela reflexão, o seu sentido exato e, talvez, reformular certas noções psicológicas e filosóficas correntes". Não há menção à fenomenologia.

Neste primeiro e muito curto documento chama atenção, como mencionamos, o confronto direto entre a tese da elaboração *a posteriori* dos dados sensíveis e as ciências experimentais. Quanto à eleição do criticismo como antagonista, numa *causerie* de 1959, intitulada "La philosophie de l'existence", Merleau-Ponty resume o ambiente intelectual em que sua geração se formara: "Vers 1930 quand je finissait mes études de philosophie... La plus importante des pensées philosophiques de l'époque en France était celle de Leon Brunschvicg".[12] Este procuraria seguir a tradição de Descartes e Kant: "Qu'il s'agît de notre perception des objets qui nous entourent ou qu'il s'agît de l'activité des savants... sa philosophie cherchait à saisir soit la perception extérieure, soit la construction de la science comme fait d'une activité d'esprit, une activité créatrice et constructive de l'esprit".[13] Tal objetivo implicava que a reflexão filosófica tomasse por objeto sobretudo as ciências, ou seja, que se fizesse uma crítica epistemológica; com efeito, Merleau-Ponty reconhece que "Brunschvicg avait une connaissance admirable des sciences, de l'histoire des sciences et de l'histoire de la philosophie".[14] Também Sartre lembra que: "a filosofia francesa que nos formou não conhece quase nada além da epistemologia".[15]

---

[12] "La philosophie de l'existence", in: *Parcours deux*, p. 249.

[13] Idem, ibidem, p. 250.

[14] Idem, ibidem, p. 250.

[15] Sartre, Jean-Paul. Situações I. São Paulo: Cosac & Naïfy, 2005, p. 57.

O exame erudito das ciências, apesar da atração inicial, provava-se frustrante, pois o espírito que afinal se descobria pela reflexão, ou o sujeito, "ne sont pas quelque chose dont on puisse faire une longue description philosophique, dont on puisse donner l'explication philosophique".[16] Além disso, ele é "um", ou seja, "la raison universelle", da qual todos participam e que, portanto, não é ninguém. Em face da guerra recente e, com mais razão, daquela que se preparou e finalmente explodiu, a geração de intelectuais formados pela epistemologia crítica sentiu que ela não passava, nas palavras de Merleau-Ponty, de uma filosofia "magra"[17], e nas de Sartre, de uma "filosofia digestiva". "O curso das coisas" teria corroborado veementemente a "filosofia da existência",[18] que toma por objeto de reflexão o mundo concreto e, em especial, a experiência da encarnação: "En réaction contre une philosophie du type idéaliste, kantien ou cartésien, la philosophie de l'existence s'est traduite d'abord pour nous par la prépondérance d'un thème tout autre, le thème de *l'incarnation*".[19]

Dentre os autores que teriam anunciado a nova posição (Husserl, Jaspers, Heidegger, e aqueles publicados na revista *Esprit*, dirigida por Mounier),[20] Gabriel Marcel recebe atenção especial na rádio-conferência de 59; teria sido ele primeiramente a sustentar que o corpo próprio evidentemente não é um objeto – e que portanto ao menos na relação com ele o espírito não se pode colocar à parte: "Dans la philosophie habituellement, le corps, mon corps, est considéré comme un objet... Ce que Gabriel Marcel soutenait, c'était précisément qu'il n'en est rien et que si je considère attentivement mon corps, je ne puis pas feindre qu'il soit simplement un objet". O autor estendia sua tese: "Et ce n'est pas seulement le corps qui intervenait, car avec lui, ce qui était mis sous le regard de notre esprit, c'était d'une façon générale le monde sensible".

---

[16] Idem, ibidem, p. 251.

[17] Merleau-Ponty, rádio-conferência já citada: "... pour lui au fond la philosophie consistait exactement en ceci que le regard, qui chez les savant est tourné vers l'objet, se retournait vers l'esprit qui construit ses objets de science. Voilà quelle était en gros l'allure de cette philosophie. Et alors, il faut bien le dire, le contenu de cette philosophie était assez maigre". Idem, ibidem, p. 250.

[18] Idem, ibidem, p. 259.

[19] Idem, ibidem, p. 254.

[20] Idem, ibidem, p. 253

Com esta última tese, modificava-se significativamente o objetivo da atividade reflexiva; antes votada a redescobrir o espírito universal por toda parte, agora a reflexão deveria tomar como tema "les choses sensibles, telles qu'elles tombent sous notre regard, en même temps que le corps".[21] Merleau-Ponty apresenta Marcel, assim, a convergir com Husserl na concepção de uma filosofia votada à reflexão sobre o fenômeno. Ele também menciona que sua geração teria se adiantado na direção que veio a seguir se tivesse prestado uma atenção mais respeitosa a Bergson. A observação, que pode parecer gratuita ou pelo menos de interesse marginal, contudo corrobora a ideia de que havia na França uma linha de reflexão independente da alemã e que conduzia mais ou menos no mesmo sentido, de uma atenção ao mundo da experiência encarnada.

Contudo, a segunda influência forte na direção da filosofia da existência foi intrageracional: Sartre passara uma temporada no Instituto Francês em Berlim entre 1933 e 34, onde recebeu uma forte impressão da fenomenologia e "à son retour il nous [Merleau-Ponty e seus colegas] a fait lire à tous Husserl, Scheler, Heidegger",[22] que, segue, eram certamente já conhecidos mas não tão intensamente estudados. María-Luz Pintos também entende que Sartre, uma vez de volta à França teria reforçado "chez son collègue et ami Merleau-Ponty la conviction que la phénoménologie surpasse tant la psychologie de la *Gestalt* que le néokantisme". Contudo, é de se notar que a própria viagem de Sartre havia sido motivada por um conhecimento anterior, pois, como a comentadora nota, "Gurwitsch transmet à Merleau-Ponty la même vision que la vision sartrienne puisqu'en ce moment celui-ci travaillait depuis déjà plusiers années en phénoménologie et en psychologie de la *Gestalt*".[23]

No texto de *Situações* já mencionado, Sartre abrevia a história de formação de sua geração à oposição entre "empiriocriticismo"/epistemologia e fenomenologia: '"Ele a comia com os olhos'. Essa frase e muitos outros signos marcam bem a ilusão comum

---

[21] Idem, ibidem, p.254. De Marcel, Merleau-Ponty cita"Existence et Objectivité", reimpresso, segundo nota do editor de Parcours deux, no "fim do *Journal métaphysique*".

[22] Idem, ibidem, p. 257.

[23] Pintos, María-Luz. "Gurwitsch, Goldstein, Merleau-Ponty. Analyse d'une étroite relation". *In*: "Chiasmi international", Paris: Vrin, Mimesis, University of Memphis, Clinamen Press, ano?. Número 6 ("Entre esthétique et psychanalyse"). P. 149.

ao realismo e ao idealismo, segundo a qual conhecer é comer. Após cem anos de academicismo a filosofia francesa ainda não saiu disso. Todos nós líamos [Léon] Brunschvicg, [André] Lalande e [Émile] Meyerson, todos acreditávamos que o Espiríto-Aranha atraía as coisas para sua teia, cobria-as com uma baba branca e lentamente as deglutia, reduzindo-as à sua própria substância. O que é uma mesa, um rochedo, uma casa? Um certo composto de 'conteúdos de consciência', uma ordem desses conteúdos." Sartre expressa igualmente a profunda insatisfação de sua geração com tal filosofia: "Os mais simples e os mais rudes dentre nós procuravam por algo de sólido, qualquer coisa, enfim, que não fosse o espírito. Em vão." Até encontrarem Husserl: "Contra a filosofia digestiva do empiriocriticismo, do neokantismo, contra todo 'psicologismo', Husserl não cansa de afirmar que não se pode dissolver as coisas na consciência". Ou seja, Sartre leu Husserl como uma alternativa ao neokantismo então dominante, mais exatamente como alguém que podia abrir um caminho para além da angústia da assimilação de todo o mundo a um espírito que não era ninguém, um espírito todo-devorador. Se ele exerceu de fato a influência que o próprio Merleau-Ponty reconhece, isso significa que desde o princípio os novos fenomenólogos franceses interpretaram Husserl e sua escola de forma marcadamente anti-idealista – o que é importante notar, já que a fenomenologia husserliana se presta igualmente à interpretação oposta.

No artigo já citado, Maria Luz Pintos atribui a Aron Gurwitsch, que Merleau-Ponty conhecera na casa de Gabriel Marcel no outono de 1933, o vaivém crítico entre fenomenologia e Gestaltheorie. Ela vê na aparição da fenomenologia e seu cotejamento com a Gestalt no projeto de 1934 o sinal dessa influência.[24] De fato, a introdução da

---

[24] Gurwitsch, judeu lituano, era sete anos mais velho que Merleau-Ponty. Enviara a Husserl sua tese de doutorado, defendida em Göttingen em 1928, *Phänomenologie der Thematik und des reinen Ich. Studien über Beziehungen von Gestalttheorie und Phänomenologie*, e mantinham contato desde então. Conheceram-se pessoalmente numa visita de Gurwitsch a Freiburg, ocasião em que também foi apresentado a Ludwig Landgrebe e Eugen Fink. Com o recrudescimento das hostilidades contra os judeus, Gurwitsch fugiu da Alemanha, chegando à França em abril de 1933.

Sua influência se estendeu por vários anos, durante os quais Merleau-Ponty elaborava suas teses, sobretudo por meio dos cursos ministrados no Instituto de História das Ciências da Sorbonne, de 1933 a 37, que "ont pour objectif la réalisation d'une phénoménologie de la conscience perceptive, une phénoménologie de la manière dont le sujet constitue sa perception, sa perception *du corps propre* et sa perception *de l'objet*". Gurwitsch acredita que a descrição do "encontro perceptivo do sujeito com a realidade" é a realização da "fenomenologia do noema" das Ideias I, e que neste esforço "se croisent (se recoupent et divergent) et se complètent les recherches phénoménologiques et gestaltistes. Maria Luz

fenomenologia será talvez o que de mais decisivo se pode ver no texto de 34, mas, como a própria autora reconhece, há ainda a influência de Sartre, recém-chegado de Berlim, que estudava a fenomenologia em conexão com a Gestalt já havia anos (e como teria ocorrido ao próprio Sartre tal aproximação?). Se a ausência da fenomenologia no texto de 33 realmente significa que Merleau-Ponty não a conhecia ou não via ainda todas as ligações que posteriormente desenvolveu entre fenomenologia e psicologia, pode-se ainda imaginar que ele chegou a divisar a importância do cotejamento por ter aprofundado sua pesquisa da Gestalt – ele afirma no texto de 34 ter dedicado muitos esforços a isso –, uma vez que a vinculação entre esta escola e a fenomenologia está indicada nos próprios gestaltistas. Mas, como vimos, a aproximação entre filosofia e ciência fazia parte da própria filosofia francesa em que Merleau-Ponty se formou, de modo que uma nova forma de uni-las – e fazerem-nas contestar-se e aprimorarem-se uma à outra – terá sido também uma maneira de virar o "empiriocriticismo" e a erudição afinal marginal dos filósofos contra eles.

"A natureza da percepção" (1934)

Em 1934, no texto em que fundamentou o pedido de renovação da subvenção à sua pesquisa,[25] Merleau-Ponty justifica o interesse de "um novo estudo da percepção" primeiramente pelo “surgimento, principalmente na Alemanha, de novas filosofias que põem em questão as ideias diretrizes do criticismo” – como se vê em seguida, trata-se da fenomenologia husserliana, a que o texto dá grande peso; em seguida ele menciona, como no ano anterior, o "desenvolvimento da fisiologia do sistema nervoso" e o "desenvolvimento da patologia mental"; junta-lhes um novo tema: a "psicologia da criança", e finalmente menciona "uma nova psicologia da percepção", a *Gestaltpsychologie* (também já presente em 33).[26]

Pintos, art. cit., p. 161. Gurwitsch teria ainda apresentado Merleau-Ponty à obra de Gelb e Goldstein, que tem um enorme peso nas teses, sobretudo na FP. Art. cit., p. 150.

[25] "A natureza da percepção", in: *O primado da percepção...*, pp. 17-32.

[26] Op. cit., p.17.

É importante notar que a menor atenção dada à refutação do criticismo certamente não indica o seu esquecimento, mas, pelo contrário, que Merleau-Ponty se enfronhava em sua pesquisa científica. Este projeto, sintomaticamente, parece se justificar mais pela atualização da teoria psicológica francesa. Merleau-Ponty sublinha uma defasagem da filosofia e psicologia francesas em relação à fenomenologia e à *Gestalt*, pois afirma que Alain e Duret, respectivamente autor filosófico de uma teoria da percepção e, aparentemente, uma autoridade em psicologia à época,[27] "não levam em conta os trabalhos alemães recentes".

A fisiologia do sistema nervoso e a patologia mental são tratadas em primeiro lugar – seção I. "Fisiologia e patologia da percepção" –, aparentemente porque já não são centrais como no ano anterior e o autor, por assim dizer, passa rapidamente por elas para depois se concentrar no essencial. Elas são praticamente descartadas como fontes primárias de esclarecimento, pois "não parecem ter dado lugar a suficientes pesquisas particulares para que se possa esclarecer a psicologia da percepção pela fisiologia cerebral". A questão fundamental, diz Merleau-Ponty, seria a de esclarecer a "relação entre projeção e associação",[28] mas a fisiologia, segundo o autor, não avançou até esse ponto.[29] Também a patologia não teria esclarecido a alucinação, de modo a se poder decidir se a percepção é "um dado bruto ou, ao contrário, uma construção que atinja toda a atividade mental"[30] – pressupõe-se em ambas as instâncias o problema anteriormente formulado quanto à percepção ser apenas a primeira camada da constituição do mundo ou não. Enfim também a patologia mental da criança não o decide, pois "a gênese da percepção exterior permanece oculta: ainda não está presente,

---

[27] Não encontramos as obras mencionadas nas bibliotecas da USP. Na internet há apenas a primeira seção, com cortes, de uma outra obra de Duret, *Les aspects de la image visuelle*, em que o autor investe simultaneamente contra uma biologia da imagem, que considera a consciência um epifenômeno (considera Piéron um exemplo dessa posição), e uma psicologia demasiado afetada por preconceitos filosóficos. Parece defender uma psicologia realmente experimental.

[28] As "ideias diretrizes" deste tipo de pesquisa viriam de Monakow e Mourgue, *Introduction biologique à l'étude de la neurologie et de la psychopathologie*.

[29] A obra de referência é a de H. Piéron, *Le cerveau et la pensée*, retomada em pormenores na FP.

[30] Merleau-Ponty reporta-se à P. Quercy, *Études sur l'hallucination*, tomo II: *La clinique.*

parece, no 'estádio sensitivo-motor'; no 'estádio projetivo', que se segue imediatamente, ela parece bem constituída" – agora é o problema da constituição do mundo exterior que aparece.

Merleau-Ponty afirma que "contudo a fisiologia nervosa e a patologia deverão fornecer informações muito importantes a respeito desses dois pontos", mencionando a seguir os "reflexos localizadores" de Piéron e as agnosias. Estas, como manifestações patológicas, parecem conduzir às observações de Gelb e Goldstein sobre os feridos de guerra.[31] Haveria então dois problemas: o da descrição exata dos sintomas e o de como interpretar os comportamentos dos feridos, tentativa que passa necessariamente pela comparação com o comportamento de pessoas sãs: "as experiências... para analisar a consciência do doente serão evidentemente sugeridas pelas ideias diretrizes de uma psicologia da percepção normal", com o que se faz a ponte para a psicologia descritiva. Em suma, na seção I do texto de 34, Merleau-Ponty parece diminuir os papeis da fisiologia e da patologia na pesquisa sobre a percepção e privilegiar o que chama de "psicologia normal". Ou seja, do ano anterior ao de 34 o autor parece ter se concentrado na psicologia, que ele entende, de fato, como a *Gestalt*.

Na segunda seção, contudo, ele não trata de psicologia, mas de Husserl – que aparece portanto interposto entre a ciência ainda pouco promissora (a fisiologia) e a eleita (a psicologia normal): isso se justifica primeiramente pela necessidade de uma fundamentação filosófica para a psicologia: "a elucidação do problema psicológico não poderia estar completa sem recurso à filosofia da percepção", uma vez que "a psicologia da percepção está carregada de pressupostos filosóficos que se introduzem com as noções aparentemente mais inocentes".[32] Porém, o tipo de relação que efetivamente é colocado pelo autor entre psicologia e filosofia não pode passar simplesmente por uma fundação da primeira pela segunda, ou seja, por uma renovação da relação que o criticismo propunha entre filosofia e ciência.

---

[31] A obra de referência é Gelb e Goldstein, *Psychologische Analysen hirnpathologischer Fälle*, tomo I, cap. 1.

[32] Op. cit., p.20.

Assim, Merleau-Ponty em seguida faz duas observações fundamentais. "A fenomenologia... é uma nova filosofia. O problema primordial não é para ela o problema do conhecimento, mas ela dá lugar a uma teoria do conhecimento absolutamente distinta do criticismo". Com esta formulação Merleau-Ponty parece situar-se no campo do conhecimento e a incorporação da fenomenologia parece marcada por um interesse que a desvia do que ele reconhece como seu sentido original (não-epistemológico). Mas é claro que ele parece igualmente avisado, desde este início, que se levasse a bom termo seu projeto de reformular o tema da percepção nos termos de uma filosofia diferente do criticismo, a percepção ganha então um alcance maior que o epistemológico. Dizemos isso porque desde o princípio é possível assinalar ao menos um potencial ontológico no projeto de Merleau-Ponty, o que, acreditamos, inviabiliza uma interpretação segundo a qual a ontologia teria surgido depois e contra um projeto inicialmente, que não seria ontológico.

É portanto preciso entender que o sentido em que é possível falar numa reabilitação de problemas extra-epistemológicos na fenomenologia não implica a reposição de teses ou temáticas pré-críticas. O artigo de Fink citado a propósito deste tópico é uma tentativa, subscrita por Husserl,[33] de afastar o que o seu autor chama de "crítica criticista" da fenomenologia que faz também objeções bastante fortes ao criticismo como posição filosófica (ou "filosofema"). Os críticos criticistas da fenomenologia a interpretaram como uma renovação da filosofia crítica, fazendo equivaler a redução transcendental à "revolução copernicana" pela qual se chega a evidenciar as condições de possibilidade do conhecimento (as formas a priori da sensibilidade e as categorias do entendimento). Do ponto de vista da fenomenologia, contudo, a descoberta do sujeito transcendental por meio de uma abstração não significa a descoberta de um tipo de ser essencialmente diferente do ser dos objetos mundanos cuja cognoscibilidade ele vem explicar. O sujeito transcendental do criticismo é, assim, "mundano", ao passo que a redução completa levaria à descoberta de um outro sujeito

---

[33] Fink, Eugen. "Die phänomenologische Philosophie Edmund Husserls in der gegenwärtigen Kritik". Disponível em: http://nasepblog.files.wordpress.com/2012/08/fink-eugen-die-phc3a4nomenologische-philosophie-edmund-husserls-in-der-gegenwc3a4rtigen-kritik-1933.pdf

No Prefácio, Husserl afirma "ich freue mich, nun sagen zu können, daβ in derselben [Artikel] kein Satz ist, den ich mir nicht vollkommen zueigne, den ich nicht ausdrücklich als meine eigene Überzeugung anerkennen könnte" (p. 320).

transcendental, em que tanto o indivíduo empírico quanto o transcendental crítico estariam superados e contidos.[34] Se, prossegue Fink, o criticismo enxerga como uma recaída pré-crítica o "ontologismo" fenomenológico, é porque não entende que, para além do sujeito transcendental que não é ninguém, que é uma abstração ainda votada à explicitação das condições de possibilidade do conhecimento, há também, com a descoberta do que ele estima o verdadeiro campo transcendental, a abertura de um campo de investigação sobre outro tipo de ser – o ser transcendental que se pode dizer do sujeito transcendental fenomenológico. Como que "abaixo" das condições de possibilidade do conhecimento, que supõem inadvertidamente já tanto o universo quanto o próprio fato do conhecimento ("se deve ser possível conhecer..."), "abaixo" dos atos intencionais bastante especializados que constituem os objetos do conhecimento, há uma camada constitutiva em que o tempo e o mundo vêm a ser. É desta "origem do mundo", diz Fink, diferente do problema do conhecimento ou da constituição dos objetos, que a fenomenologia se ocupa primordialmente, todos os outros problemas se reordenando sob este novo centro. É do ser original do mundo então que a fenomenologia pode se dispor a falar, como um tipo de ser antes desconhecido para a teoria.

Ora, essa apresentação sumaríssima do artigo de Fink pretende indicar que Merleau-Ponty deve ter encontrado na fenomenologia as bases sólidas de uma crítica verdadeiramente filosófica àquilo que percebia como a inanidade do criticismo, em especial à insuficiência de uma descrição abstrata do sujeito como portador de um conjunto de condições de possibilidade (quer dizer, como forma num sentido depreciativo, forma vazia). Ademais, a tese de que o sujeito transcendental criticista é ainda intramundano fortalece extraordinariamente o método de refutação direta, empírica, que Merleau-Ponty persegue: pois se para o criticismo as formas a priori da sensibilidade devem comparecer na constituição do objeto e são dotadas pelo menos do mesmo tipo de ser que os objetos do conhecimento, não é espúrio exigir algum indício delas nos atos perceptivos reais ou, por outra via, que vem a dar contudo no mesmo, demonstrar que a forma imanente ao ato perceptivo torna desnecessário o reenvio a uma camada constitutiva transcendental à parte.

---

[34] Fink opõe um método de exclusão (Ausschaltung) – o do criticismo – ao de retrocessão (Zurückleitung) – a redução fenomenológica. Artigo citado, p. 366.

Também gostaríamos de ter indicado que com a aceitação de tal crítica ao criticismo e a incorporação, mesmo que parcial, da fenomenologia, o autor está evidentemente ciente, desde o início, das implicações extra-epistemológicas das investigações fenomenológicas, e nós devemos manter em mente o sentido bastante específico em que, ao menos em projeto, se diz "ser" na filosofia husserliana (bem como a possibilidade de modificações do conceito).

A segunda observação preliminar sobre a fenomenologia do projeto de 34 diz respeito à relação entre fenomenologia e psicologia. Há uma separação radical entre as duas, quando se pensa na pertença da psicologia ao campo das ciências positivas, produtos da atitude natural, cuja superação é a condição fundamental da fenomenologia. Porém isso é apenas o começo, o estabelecimento de uma demarcação conceitual precisa entre as disciplinas segundo seus métodos – o da ciência, indutivo, o da fenomenologia, eidético. Merleau-Ponty assinala que "Husserl compara expressamente (...) as relações da fenomenologia e da psicologia com a matemática e a física e espera do desenvolvimento de sua filosofia uma renovação dos princípios da psicologia".[35] Nesta renovação, a filosofia deve produzir "análises que fixem o sentido, sempre impreciso, das essências fundamentais, tais como as de 'representação', 'recordação' etc.". Reafirma-se e transforma-se, portanto, aquele campo comum entre filosofia e ciência que víamos surgir no projeto de 33.

Também no artigo de Fink encontramos indicações importantes acerca da relação entre fenomenologia e psicologia, que nos ajudam a entender as formulações muito abreviadas de Merleau-Ponty. Fink reafirma a separação entre as duas disciplinas, a psicologia, intramundana, e a fenomenologia, transcendental, no contexto da crítica criticista que via nesta última a recaída pré-crítica justamente como confusão entre filosofia e psicologia, e acusava duramente um psicologismo na fenomenologia. Mais importante, no entanto, é que ele reconhece que há nas *Ideias* uma "indiferença" em relação à "diferença entre fenomenologia e psicologia", que se deve ao fato de que "die phänomenologische Analytik der Subjektivität – obzwar sie als philosophische durch die Reduktion instauriert ist – bewegt sich streckenweise in einer Doppeldeutigkeit

---

[35] Op. cit., p. 22. Merleau-Ponty oferece como referência a seção I, cap. II das *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenoligische Philosophie.*

zwischen Phänomenologie und Psychologie und analysiert sozusagen in doppelter Relevanz die elementarsten Grundformen der Intentionalität".[36]

Aí contudo Fink se detém, e se devemos procurar uma fonte clara para a aproximação bastante concreta que Merleau-Ponty faz entre psicologia e fenomenologia, somos levados de fato a Gurwitsch, cuja dissertação realmente parece pouco ciosa da diferença entre psicólogos e fenomenólogos – as observações experimentais dos gestaltistas são comentadas como instâncias das teses husserlianas.[37] Gurwitsch deseja concentrar-se num problema específico na obra de Husserl: "a esfera da consciência pura", cujo conceito central é o de intencionalidade.[38] Mais exatamente, o autor se propõe a fazer um detalhamento descritivo da forma de consciência que as Ideias designam como cogito: a consciência de algo.[39] Ou seja, ele se propõe a aprofundar a analítica intencional daquela camada *intermediária* da constituição revelada pela redução fenomenológica – interessante notar que há uma concordância entre Gurwitsch e Fink quanto ao sentido "clássico" da subjetividade transcendental não mais representar o fundamento último do conhecimento ou a origem primeira do mundo, mas também uma inversão de ênfase, concentrando-se Gurwitsch naquilo que Fink estima como agora menos importante diante da necessidade de aprofundar a fenomenologia da camada constitutiva que apenas ela pode encontrar.

A diferença entre Gurwitsch e Fink, por sua vez, se deixa compreender pelo caráter polêmico do texto deste último, que, para afastar Husserl definitivamente do criticismo, deve insistir em que as *Ideias* ainda não representam uma exposição sistemática da fenomenologia e nem mesmo uma exposição adequada da sua descoberta fundamental, uma vez que a camada mais profunda da constituição é só "assinalada" ali, está em "esboço", encontrando-se propriamente tematizada apenas nos escritos então

---

[36] Fink, artigo citado, p. 365.

[37] Gurwitsch, Phänomenologie der Thematik und des reinen Ich. Disponível em: http://www.gurwitsch.net/dissertation.htm

[38] "... bei *Husserl* gilt auch hier als der zentrale Begriff dieses Gebietes [die Sphäre des reinen Bewuβtseins] der der Intentionalität", artigo citado, p. 281.

[39] "... befindet sich diese Abhandlung (...) auf der gleichen Linie mit *Husserls* "Ideen". Wie diese setzt sie das reine Bewuβtsein in der Form cogito an: mir ist etwas gegeben, ich habe mir gegenüber ein Gegenständliches." Idem, ibidem.

inéditos. Gurwitsch, por outro lado, procura aprofundar a investigação fenomenológica tal como definida pelas *Ideias*, e assim situa sua tese exatamente no âmbito da intencionalidade da consciência-cogito, "zwischen dem undiskutierten Boden der phänomenologischen Reduktionen und dem Aspekt der transzendentalen Problematik..."[40], embora se mostre inteiramente ciente da problemática transcendental.

Parece bastante plausível ver no projeto das teses pontianas maior afinidade com a ênfase de Gurwitsch sobre a necessidade de um aprofundamento da analítica dos atos intencionais, da consciência do tipo cogito. Quanto às próprias teses, se é verdade que o vasto material científico e o tratamento que o autor lhe dá corroboram o projeto de aprofundamento da análise do cogito, o leitor de Merleau-Ponty também se lembra de que a parte final da FP, que procura dar um sentido fundante a todo o percurso, trata da temporalidade, ou seja, recobra a lição de Fink sobre ser a fenomenologia, em seu sentido mais acabado, uma filosofia da constituição primeira, não-intencional e transcendental em sentido pleno, do mundo. Melhor dizendo, as teses parecem ir de uma análise muito detalhada da segunda camada à "autoconstituição do tempo fenomenológico", que se procura fazer surgir do momento anterior.[41]

Contudo, com vistas à apreensão da especificidade da passagem pontiana da camada intermediária à fundamental, e para melhor compreender a posição da psicologia e, de modo geral, da ciência nas teses, parece-nos de interesse imediato a formulação gurwitschiana da orientação e do propósito de sua dissertação:

> Es wird versucht, die Analysen Husserls auszugestalten und weiterzuführen, freilich in mancher Hinsicht auch zu modifizieren. Auβer den phänomenologischen Motiven machen sich noch andere Gedankengängen geltend, Gedankengänge, die in der Gestalttheorie ihren Ursprung haben. Das Ziel dieser Arbeit ist, bestimmte phänomenologische Problem mit Hilfe der gestalttheoretischen Thesen zu bewältigen, die Analyse Husserls durch Einsichten, die der Gestalttheorie zu verdanken sind, zu ergänzen, zum Teil auch in diesem Sinne abzuändern und überhaupt auf diesem Wege die Phänomenologie über den Stand, den sie in Husserls "Ideen" erreicht hat, hinauszuführen; das aber prinzipiell im Sinne der "Ideen". Gleichzeitig wird umgekehrt auf die philosophische und

---

[40] Idem, ibidem.

[41] "In Wahrheit, gibt es aber in der phänomenologischen Konstition keinen Dualismus heterologischer Momente, sondern nur relative Stufen der einheitlichen konstitutiven Herkunftsenthüllung der Welt aus der Lebenstiefe der transzendentalen Subjektivität." Fink, op. cit., p. 376.

> speziell erkenntnistheoretische Problematik der Gestalttheorie hingewiesen und andeutungsweise wird diese Problematik aus ihr heraus entwickelt.[42]

Vejamos como Gurwitsch apresenta um campo de problemas em que tal aproximação é facilmente compreensível. Seguindo de perto a exposição husserliana nas Ideias, ele retoma o seguinte: nos atos do eu em que a consciência se ocupa intencionalmente de algo, há cogito como polo da cogitatio, cujo outro polo é o *tema*. Tal atividade do sujeito, o ocupar-se de algo de certa maneira, equivale também a dirigir sua atenção a esse algo – e Husserl, segundo Gurwitsch, aceita a conhecida analogia entre a atenção e o raio de luz. Como o raio de luz que "passeia" numa área, iluminando isto e depois aquilo, também a consciência se ocupa sucessivamente de diferentes objetos, e quiçá de modos diferentes do mesmo objeto, deriva durante a qual, contudo, os objetos deixados na penumbra não são inteiramente abandonados, na medida em que constituem o entorno estritamente necessário, sempre dado, do objeto em foco a cada momento. Esta, aponta Gurwitsch, é a doutrina da modificação atencional; Husserl postula que o conteúdo noemático não se altera com as flutuações e deslocamentos da atenção (tal como o próprio sujeito),[43] *mas também* que há uma modificação no *modo* de apresentação (na forma de aparecer) do polo noemático – o núcleo permanece, o modo muda.[44]

Não é preciso talvez ir adiante na exposição de Gurwitsch para ver onde Merleau-Ponty pode colocar filosoficamente sua confrontação direta entre criticismo e filosofia, a refutação empírica das teses epistemológicas do criticismo e a descrição da experiência perceptiva realizada por psicólogos gestaltistas e por psicopatologistas como descrições filosoficamente relevantes. Merleau-Ponty assinala que Gurwitsch

---

[42] Gurwitsch, op. cit., p. 282.

[43] " Der noematische Gehalt bleibt gegenüber "bloβen Änderungen in der Verteilung der Aufmerksamkeit und ihrer Modi" identisch derselbe. Dieselbe Gegenständlichkeit mit denselben erscheinenden Merkmalen und dem gleichen Bestand von unbestimmt und unanschaulich Mitgegebenem, in denselben Orientierungs- und Erscheinungsweisen und derselben doxischen Charakterisierung hält sich durch die attentionalen Modifikationen durch." Gurwitsch, op. cit., p. 284. O autor não indica nesse caso de onde copiou o trecho de Husserl.

[44] "In Konsequenz dieser Lehren stellen die attentionalen Modifikationen "auf noematischer Seite – unbeschadet des identischen noematischen Kerns – eine eigene Gattung von Charakterisierungen" dar. Es handelt sich um notwendige Modi der Gegebenheitsweise des Identischen."" Gurwitsch, op. cit., p. 284.

sustentara "que as análises de Husserl conduzem ao umbral da *Gestaltpsychologie*".[45] É preciso só acrescentar que as análises de Husserl, tomadas no sentido em que Gurwitsch lhes dá, efetivamente recobrem o mesmo campo que a psicologia, como analítica da vida intencional do sujeito entendida como sucessão de atos pelos quais este se volta para objetos.

Merleau-Ponty afirma que o caso da fenomenologia husserliana, "a importância do movimento fenomenológico para a psicologia", só havia recebido a atenção de um único autor francês, Pradines, que "critica os filósofos, de Hume a Bergson, por terem frequentemente reduzido a consciência a uma soma de 'impressões'". Tal concepção da consciência redunda em que "segundo os mais consequentes desses filósofos, a espacialidade e o 'sentido' em geral são secundários e adquiridos pela consciência". É novamente a tese antes denominada "criticista", porém atribuída a autores que normalmente achamos sob outras rubricas. Segundo Merleau-Ponty, Pradines chega a outra conclusão: a percepção, sem o concurso de operações posteriores distintas dela, deve nos dar objetos. "Essa filosofia da sensação", conclui, "poderia ser considerada uma aplicação psicológica do tema da 'intencionalidade da consciência' apresentado por Husserl".

O projeto recebe portanto uma nova formulação, mais ampla e contudo mais precisa, no sentido em que já não se trata simplesmente de combater um criticismo disperso, mas de empreender "um novo estudo da percepção", entendida a percepção como um caso privilegiado da vida intencional da consciência, que é objeto tanto da fenomenologia (conquanto não o único e talvez não o mais importante) quanto da psicologia. Tal investigação deve, segundo Merleau-Ponty, "ajudar a revisar as próprias noções de consciência e de sensação e a conceber de outro modo a 'clivagem' da consciência",[46] o que aponta para as consequências extra-epistemológicas da fenomenologia sem implicar a volta a uma filosofia entendida como doutrina ou dogma, tal como procuramos explicitar anteriormente. O autor começa pela ciência que afirma menos poder ajudá-lo – a fisiologia –, em seguida dá à fenomenologia o papel de

[45] Op. cit., p.23. Notamos que Merleau-Ponty reconhece exatamente, e no período crítico de recepção, o ponto em que Gurwitsch havia sido fundamental para ele: na articulação precisa da relação entre fenomenologia e *Gestalttheorie*.

[46] Op.cit., p.23.

embasar a psicologia, pela determinação das "essências" relevantes, e então faz apontamentos bem mais detalhados sobre a psicologia.

Examinemos detidamente, então, essa terceira parte do projeto de 1934. Ela começa pela oposição da Gestalt à teoria da percepção da psicologia anterior: "A antiga psicologia postulava como dados primeiros da consciência as sensações, que se supunha corresponderem termo a termo às excitações locais dos aparelhos sensoriais, de tal modo que uma determinada excitação produzisse sempre a mesma sensação". A primeira parte da sentença nomeia a conhecida tese adversária, o que há de novo aqui é o retorno da fisiologia na perspectiva psicológica tradicional. Ou seja, não é apenas que a psicologia teria incorporado uma tese filosófica tal e qual, mas ela teria dado a essa tese filosófica a uma expressão fisiológica. Sublinhar essa ligação dupla da antiga filosofia dos dados inextensos ou das sensações com a psicologia e com a fisiologia talvez nos ajude a entender porque afinal Merleau-Ponty não pode dispensar a fisiologia sem mais, como parecia ser seu plano no início do projeto.

"Para alcançar a partir desses pretensos 'dados'", prossegue Merleau-Ponty, "o quadro das coisas tal como efetivamente o percebemos, seria preciso conjecturar uma 'elaboração' das sensações pela memória, o saber, o julgamento – da 'matéria' pela 'forma' – uma passagem do 'mosaico' (Wertheimer) subjetivo ao mundo dos objetos"[47] – essa é a segunda parte da tese adversária, a intervenção posterior da 'forma', mas o interessante aqui é a formulação extremamente cuidadosa de Merleau-Ponty: passa-se do "'mosaico' subjetivo" ao "mundo dos objetos", não, como se poderia esperar de uma contraposição simples, a um mundo *objetivo*.[48]

Na *Gestalt* Merleau-Ponty encontra não apenas novas objeções à tese criticista, mas outra solução para o problema da constituição dos objetos: a nova escola "explica de um lado pelo fator psicológico chamado *Gestalt* o que a antiga psicologia reputava à

---

[47] Op.cit., p.24.

[48] Comprovar que o mundo dos objetos é o mundo objetivo, i. e., *real* é um dos pontos centrais do trabalho do filosófo. Essa passagem que se deixa dizer com facilidade não aponta para outra coisa senão a momentosa passagem do problema psicológico da percepção, que se situa a princípio, como vimos de passagem, muito perto do problema filosófico do conhecimento, ao tema ontológico.

interpretação e ao julgamento. A *Gestalt* é uma organização espontânea do campo sensorial que faz depender os pretensos 'elementos' do 'todo' articulados em todos mais extensos".[49] Deixamos anotado, novamente, que neste trecho se anuncia um problema importante: a natureza da "forma". Acabamos de ver que Merleau-Ponty a chama de "fator psicológico", mas é evidente que essa não é uma resposta definitiva para o problema de saber que tipo de objetividade um fator psicológico pode dar aos objetos cujo aparecimento ele preside.

Merleau-Ponty organiza sua leitura da *Gestalt* em torno de dois núcleos temáticos: 1. o objeto e 2. o espaço e o movimento.

Na seção sobre o objeto a argumentação é mais detalhada. A tese tradicional é apresentada de maneira ligeiramente diferente: um campo composto por "um mosaico de qualidades" seria decomposto em objetos distintos pelo concurso da "recordação de experiências anteriores, o saber". Ou seja, certas impressões de qualidades seriam agrupadas em um único objeto porque assim possuiriam uma significação, adquirida em experiências anteriores. Para a *Gestalt*, "um objeto não se põe em relevo pela sua 'significação', (*meaning*) mas porque possui em nossa percepção uma estrutura especial: a estrutura da 'figura sobre um fundo'" – frase a princípio estranha, que contudo anuncia que a relação com o fundo não é uma propriedade do objeto, bem como que a estrutura está na apresentação, aquém da consciência, na percepção. São "condições objetivas – independentes da vontade e da inteligência – que são necessárias e suficientes para engendrar a estrutura 'figura'".[50]

A organização objetiva (no sentido de "independente da vontade e da inteligência") e espontânea é uma propriedade do campo sensorial em geral, i.e. toda percepção seria relacional e autônoma em relação às outras faculdades mentais, como a memória: "de um modo geral, é preciso dizer que a percepção primitiva refere-se antes a relações que a termos isolados – relações *visíveis* e não *concebidas*". As "condições objetivas" que regem assim o aparecimento dos objetos da percepção são referidas à "lei de Weber" e à "lei geral de 'pregnância'" de Wertheimer, posteriormente amplamente discutidas por Merleau-Ponty, sobretudo na FP.

---

[49] Op.cit., p.24.

[50] Op. cit., p.25.

Na seção seguinte Merleau-Ponty enumera alguns temas da "análise do espaço perceptivo segundo a *Gestaltpshycholgie*". Em resumo, a Gestalt teria demonstrado experimentalmente que a percepção do espaço tridimensional – da profundidade e da distância – é imediata, provando a "inerência da distância na visão".[51] Enquanto a teoria tradicional diz que a profundidade é deduzida da disparidade entre as imagens de objetos, que "o espaço não é objeto de visão mas objeto de pensamento", os resultados das experiências mostram que "a percepção de profundidade é um fenômeno de estrutura análogo aos que acabam de ser assinalados"[52] (as figuras sobre fundo da seção anterior). Se nos lembrarmos do texto de 1933, a questão da profundidade aparecia em conexão com a neurologia, que parecia apontar, segundo Merleau-Ponty, para uma constituição originária de um espaço "volumoso" pela associação entre a sensibilidade visual e tátil e, de modo mais geral, entre percepção e motricidade.

Também no estudo do movimento, prossegue Merleau-Ponty, chega-se à mesma conclusão: a percepção do movimento não pode "ser assimilada à estimativa de uma distância crescente entre dois pontos isolados", portanto não pode ser considerada uma operação sobre dados brutos; como a evidenciação experimental de um "movimento puro", "movimento sem móvel", demonstra, também esta é uma forma imediata da experiência sensorial.

A terceira seção do texto se ocupa da relação entre a Gestalt e a psicologia da criança. A nova escola também, segundo Merleau-Ponty, contraria a ideia tradicional de uma constituição confusa de mundo na infância, que com o amadurecimento paulatinamente se tornaria mais complexa, completa e definida. Assim, contesta tanto a noção de uma "'percepção sincrética' na criança", "de um bloco uniforme" (diante da observação empírica de que as crianças percebem bastante bem os detalhes), quanto a de um desenvolvimento linear "por simples junção ou acréscimo". O desenvolvimento é descrito como reorganização que "não faria aparecer... um mundo de objetos ligados a

---

[51] Op. cit., p. 28.

[52] Op.cit., pp. 26 e 27.

partir de um mosaico de impressões, mas conjuntos mais articulados a partir de conjuntos mal ou diversamente ligados".[53]

Um tema especialmente interessante mencionado *en passant* pelo filósofo é a da "precocidade de um comportamento adaptado ao espaço".[54] Como essa menção é feita após a afirmação de que o mundo da criança não carece de objetividade, embora a sua seja diferente da do adulto, infere-se que o comportamento adaptado ao espaço é justamente um índice irrefutável de que a percepção da criança não é caótica, nem a constituição do espaço é uma operação intelectual (como anteriormente já havia sido contestado). Merleau-Ponty considera, porém, que perseguir esse tema o poria de volta na senda da fisiologia, uma vez que a explicação para a aquisição dessas formas – do espaço, neste caso – conduz (mesmo hoje) à descrição das transformações anatômicas e estruturais do sistema nervoso ao longo do desenvolvimento da criança.

Os termos que organizam esse tópico parecem ser os seguintes: se se analisa a percepção do adulto supondo, como a filosofia tradicional, que uma massa de impressões se organiza e apresenta como conjunto de objetos pela intervenção de memórias, é preciso naturalmente explicar como tais memórias são adquiridas, e a história da percepção infantil deveria ser a da formação do repertório que permite ao adulto dar-se um mundo. Se, por outro lado, se supõe que as operações chamadas intelectuais não são necessárias à percepção do adulto, é preciso redescrever a infância, mostrar que lá não há as tais massas amorfas de impressões, mas que já em sua origem a percepção tem uma organização imediata ou imanente. Contudo, uma vez que se observa que a percepção infantil é diferente da percepção adulta, surgem novas perguntas: a percepção pode prescindir de operações intelectuais, mas sua imediatez não significa que ela seja sempre a mesma, em seu desenvolvimento há transformação; quais são e o que significam essas transformações da percepção?

E no entanto, como se sabe, Merleau-Ponty tocou apenas ocasionalmente no tema da percepção infantil nas suas duas primeiras obras, nas quais, é o que nos interessa diretamente, constitui-se uma noção da experiência encarnada. É certo que o

---

[53] Op. cit., pp. 30 e 31.

[54] Op. cit., p. 31.

autor se ocupou bastante de psicologia infantil nos cursos ministrados entre 1949 e 1952 na Sorbonne,[55] sob as rubricas da psicologia da criança e da pedagogia, mas isso significa que problemas potencialmente cruciais ficaram de fora da abordagem mais sistemática por ele empreendida nas teses. Deixamos anotado que a restrição do tema da origem e/ou desenvolvimento das estruturas perceptivas na psicologia infantil tem certamente consequências importantes. Pensar, a modo de contraste, no peso que a psicanálise põe sobre essas estruturações primeiras basta para compreender que a ausência de uma investigação genealógica pode bem significar uma redução indevida do problema (esperamos ter a oportunidade de nos explicar detalhadamente).

A quarta seção, a mais curta, parece entretanto conter o essencial do projeto. O autor aí afirma que "esta concepção nova do conteúdo da consciência [a concepção da Gestalt] tem consequências importantes para a teoria do conhecimento sensível", situando, assim, o tema da percepção ainda no domínio do conhecimento. Merleau-Ponty explica que a *Gestalt*, a despeito de seus achados, adota ainda como sua explicação última certos "fenômenos fisiológicos centrais", fazendo da consciência um efeito do organismo, com base na "distinção entre um mundo de coisas e uma consciência imanente". Ele menciona a opinião de Gurwitsch, que teria afirmado que "o problema do conhecimento" coloca-se para a *Gestalt* "nos termos em que se colocou para Kant", afirmando a seguir que era preciso caminhar "em direção a uma solução muito diferente" – trata-se de mostrar, grosso modo, que a fenomenologia husserliana é a filosofia consoante à Gestalt.

Como procuramos sugerir nesta breve recapitulação dos projetos de teses, nas quais o assunto do corpo será extensamente investigado, o ponto de partida de Merleau-Ponty parece ser o problema do conhecimento justamente porque ele *se dissocia* do problema do ser e da história – é preciso insistir em que o "choque de realidade" da guerra é vivido como impossibilidade da perpetuação da acomodação entre filosofia e ciência, e também como refutação cabal da tese de neutralidade de ambas. O projeto inicial de Merleau-Ponty tem um caráter iminentemente crítico ou combativo – não é,

[55] As notas tomadas por alunos estão coligidas no volume *Psicologia e pedagogia da criança*, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

como poderia à primeira vista parecer, um esforço de clarificação das ciências ou mesmo de nova reconciliação entre a filosofia e as ciências, mas, pelo contrário, nos parece a tentativa de uma destruição sistemática e "por dentro" de uma divisão de tarefas que significa na prática a conivência das duas disciplinas em práticas fechadas sobre si mesmas, quer dizer, que se situam num mundo puramente objetivo ou num outro, puramente transcendental, nenhum dos quais em contato com o mundo da experiência e da história. Ou seja, o recurso às ciências e à fenomenologia, que visava, nas palavras de Merleau-Ponty, "ajudar a revisar as próprias noções de consciência e de sensação e a conceber de outro modo a "clivagem" da consciência"[56], significa, no fim das contas, uma crítica do "empiriocriticismo" que, se bem sucedida, equivale a recolocar como um único problema a relação entre ser (percebido) e a verdade. O corpo é um elemento central, portanto, no esforço de subversão do problema do "conhecimento sensível", que deve ser o mais ampla possível.

[56] Op. cit., p. 23.

2. A Estrutura do Comportamento

Introdução

A estratégia conceitual adotada por Merleau-Ponty em sua primeira tese, *A Estrutura do Comportamento*, de fazer da noção de comportamento o eixo organizador da exposição, subordinando a ela o problema da percepção, implica também importante reconfiguração da compreensão tradicional, científica como filosófica, do corpo (humano, próprio). Pois se a noção de comportamento parecia "tomada nela mesma, (...) neutra com relação às distinções clássicas do 'psíquico' e do 'fisiológico'", a vantagem está justamente em que tal neutralidade propiciava "ocasião de defini-los novamente".[57] Não se trata, portanto, de repor a filosofia numa posição em que "o fisiológico" e "o psíquico" não sejam problema, mas de atribuir-lhes sentidos em que possam ser reconsiderados, com a consequência, entre outras, de que o corpo possa também ser mais bem compreendido – propósito claramente indicado na própria estrutura geral da obra, que culmina no (quarto) capítulo, intitulado "As relações da alma e do corpo e o problema da consciência perceptiva".

O problema de leitura que se faz mais sentir é entender adequadamente a passagem entre um "chão" de experimentos e hipóteses científicos muito ligados aos elementos concretos manipulados e o alto nível de síntese em que se move a discussão propriamente filosófica que encerra o livro. O que nos move a uma tentativa de repor as duas principais perspectivas científicas abordadas pelo autor no quadro de alternativas filosóficas que parece organizar a discussão dos resultados experimentais. É precisamente o movimento de desentranhar a filosofia da ciência, surpreender em operação as premissas epistemológicas e ontológicas extremamente abrangentes que dão sentido a experimentos bastante específicos (a observação dos movimentos de um tentáculo de um polvo a que se tire determinada parte do cérebro), é este movimento, dizíamos, entre termos tão díspares que nos parece constituir o interesse e a dificuldade peculiares da primeira tese de Merleau-Ponty.

---

[57] EC, p. 3.

No projeto mais detalhado de pesquisa,[58] como vimos, Merleau-Ponty anunciava que trabalharia em três frentes para refutar a descrição criticista da percepção: a psicologia da forma, a fenomenologia husserliana e, a título negativo, a fisiologia do sistema nervoso (no estado atual, dizia ele, ela não pode explicar a percepção). O fato de que o longo percurso das teses começa exatamente pelo exame de investigações que, já afirmava o projeto de 34, não pareciam "ter dado lugar a suficientes pesquisas particulares para que se possa esclarecer a psicologia da percepção pela fisiologia cerebral", e que não podiam "oferecer um *fio condutor*",[59] bem como o sabor marcadamente datado de alguns dos experimentos que Merleau-Ponty descreve em detalhe (especialmente os de Pavlov) poderiam nos levar a uma avaliação superficial do valor da revisão ali empreendida, como mera limpeza de terreno, prévia e em certa medida exterior à discussão filosófica.

Do ponto de vista da história da filosofia, o empirismo está superado, e se a ciência o mantém será apenas como cláusula de princípio, que julgamos de pouco efeito na prática científica, ou em todo caso como expressão de uma atitude ingênua mas produtiva, que desconhece seu verdadeiro lugar teórico. Contudo, é o que parece ponderado na estratégia pontiana, fora dos círculos de vigência do discurso filosófico, o empirismo mais radical é geralmente entendido como a atitude mais científica, senão a única a sê-lo verdadeiramente. Merleau-Ponty parece ter divisado, com olhos de historiador da filosofia, uma espécie de curto-circuito epistemológico-histórico: a fundamentação filosófica da ciência é o criticismo, mas ele é particularmente difícil para algumas ciências, dentre as quais biologia e psicologia, que voltam ao empirismo, para logo se enredarem em complicações contraprodutivas sob sua égide.

Ao invés de partir diretamente da Gestalt, onde via mais possibilidades de formulação de uma filosofia adequada a essas ciências "resistentes", Merleau-Ponty respeita a história da ciência (na medida em que a Gestalt se define contra a psicologia dita tradicional, fortemente apoiada no pressuposto da análise real), bem como uma lógica inerente ao problema filosófico que o preocupa: ele começa pela reelaboração da

---

[58] Na época em que Merleau-Ponty fez sua pesquisa de doutorado, o título de doutor "ès lettres" exigia a elaboração de *duas* teses, donde nos referirmos constantemente à EC e à FP como um par ("as teses").

[59] "A Natureza da percepção", pp. 18 e 19.

crítica do empirismo *nos resultados da ciência nele fundada*. A hipótese fisiologista, operante na biologia e psicologia (mesmo se apenas apontada por esta como fundamento), de que a explicação última do comportamento está nos eventos impessoais e mecânicos do organismo é expressão de uma posição filosófica (epistemológica e ontológica) pré-crítica. Sem dar novo sentido ao "naturalismo da ciência" a crítica do criticismo correria o risco de passar por um ajuste discursivo, deixando intacta a hipótese empirista e, de modo geral, toda a fundamentação filosófica inarticulada da ciência.

Não se trata apenas de refutar os modelos mais radicalmente mecanicistas de explicação do comportamento (como o pavloviano). A alternativa, realizada historicamente, de uma simples negação da possibilidade de investigar o comportamento *no* organismo implica a afirmação de um domínio anímico extramundano, sem expressão física ou "primeiro" em relação à ordem física, como Merleau-Ponty aponta várias vezes nas teses. Como vimos, sua primeira ousadia consistiu em refutar na fisiologia a descrição kantiana da percepção como evento em dois tempos (ainda que não se encontrasse sede física das categorias, seria pelo menos necessário encontrar os dados brutos da sensação). Se isso não é possível, então o problema sofre uma reconfiguração total: pode-se voltar a uma posição pré-crítica (tudo que parece consciência se resolve na "mecânica orgânica"), que, como veremos, é a da ciência biológica e, em parte, da psicologia experimental, ou tentar outra solução. Justamente, como atesta a introdução d'*A estrutura do comportamento*, trata-se de rever a separação entre consciência e natureza a que os projetos já se referiam. Há enlace entre natureza e consciência, entre corpo e alma: a crítica do empirismo pré-crítico não é criticista. Não porque o criticismo esteja superado no campo filosófico, mas porque não é compatível com as ciências sobre as quais se procura refletir, as quais são, por sua vez, o lugar de contato com um "setor" do mundo que resiste à filosofia.

Assim, a introdução da EC desenha uma divisão no campo do saber que se reporta à clivagem criticista: de um lado as ciências da natureza física, de outro as ciências da "outra natureza", que se acomodam mal, é esse o ponto, tanto à solução criticista quanto a alternativas pré-críticas, sobretudo ao empirismo. A primeira frase, "Nosso objetivo é compreender as relações entre a consciência e a natureza" desenha um tema cuja universalidade nos leva a pensá-lo como abstração, a que logo se faz um

adendo desconcertante: "– orgânica, psicológica ou mesmo social"[60] – e invoca divisões que guiam, por sua vez, o exame do estado da ciência, aquela entre consciência e natureza, e aquela entre ciência física de um lado e ciência biológica e psicologia de outro. A ciência da "natureza física" parece ter encontrado no criticismo uma filosofia adequada e, tendo entendido que "o mundo é o conjunto das relações objetivas sustentadas pela consciência", emprega "indiferentemente modelos mecânicos, dinâmicos ou mesmo psicológicos, como se, liberada de pretensões ontológicas, ela se tornasse indiferente às antinomias clássicas do mecanicismo e do dinamismo que supõem uma natureza em si".[61]

Que não seja bem assim e a física não se encontre pacificada, o autor considerará mais tarde[62] – aqui se trata de fazer saltar aos olhos o contraste entre aquela ciência de objetos inanimados e todas as outras, que tomam por objeto a natureza orgânica, psíquica e ("mesmo") social, nas quais a solução criticista não é bem assimilada: "O pensamento biológico permanecerá na maior parte das vezes realista", quer dizer, empirista, concebendo o organismo como "uma massa material *parte extra partes*"; a psicologia, "na medida em que quis ser uma ciência natural (...) permaneceu fiel ao realismo e ao pensamento causal", mas como não pode se furtar à evidência da consciência, procurou assimilá-la ou como mais um efeito do organismo ("entre os acontecimentos em si, alguns, no cérebro, tinham a propriedade de existir também para si"), ou como o princípio ("energia") de uma "segunda realidade",[63] também ordenada pela causalidade (a ligar os estados de consciência) e cujas relações com a "primeira realidade", a orgânica, permaneciam também explicáveis pela causalidade.

O propósito pontiano de refutação do criticismo o leva, portanto, e em atenção ao estado das ciências das quais o autor pretende extrair seus argumentos, a um recuo,

---

[60] Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1. (Doravante EC).

[61] EC, Introdução, p. 1.

[62] Em dois sentidos: ao fim da EC, com a determinação das "ontologias regionais" da física, da biologia e da psicologia, que esclarecem como o criticismo ainda é acomodável à física, mas não às duas últimas disciplinas; mas também nos cursos dos anos posteriores às teses, em que o sentido "extra-crítico" da "nova física" é discutido.

[63] EC, pp. 2 e 3.

mais exatamente, a uma reelaboração da crítica do empirismo, *no qual elas recaem pela inadequação entre seus objetos de estudo e a solução criticista*. Biologia e psicologia permanecem assim pré-críticas ou quase-críticas. Na análise decisiva da percepção, não recobrem perfeitamente a partilha que prescreveria à ciência biológica a descrição de fenômenos fisiológicos e à psicologia (ou à filosofia) descrição da experiência dos fluxos de estados de consciência nos quais se veriam em operação, perfeita ou não, categorias e constituição transcendentais, cujo rol caberia à filosofia elaborar. Se a psicologia se faz plenamente empirista, consoante o projeto de constituir-se em ciência em sentido estrito, supõe-se que é possível distinguir por sob o fenômeno do estado de consciência a "realidade primeira" do mundo material, ou seja, a verdadeira explicação fisiológica.[64] Essa é, segundo Merleau-Ponty (e, diríamos nós, ainda hoje), a versão prevalente, espécie de empirismo de margens borradas ou, na expressão do autor, uma "desordem ideológica"[65] em que o postulado empirista da análise real parece ser o único fundamento seguro.

Mais concretamente, à diferença da física, biologia e psicologia têm dificuldade de manter a separação estrita entre consciência e natureza. Por razões óbvias: a solução crítica consiste em separar o sujeito transcendental dos sujeitos e dos fenômenos, sua incorporação aos fundamentos (não-tematizados) das ciências implica a separação absoluta da consciência cognoscente dos fenômenos-objetos. Ora, que fazer quando a consciência se torna o tema da ciência, como é na psicologia? A consciência-objeto tem outra natureza que a consciência cognoscente? A consciência cognoscente pode lançar

---

[64] Respondendo à pergunta "Como ser neurocientista?", uma renomada neurocientista brasileira, colunista de jornal de grande circulação, escreve em seu blog: "Na minha opinião, é relativamente simples. Quem se imagina fazendo pesquisa clínica com pacientes TEM QUE fazer medicina. Quem se interessar apenas por comportamento e relações entre pessoas, sem se preocupar com o que tem dentro do cérebro, pode se contentar com psicologia (a psicologia no Brasil infelizmente tem um ranço terrível de psicanálise e um tradicional desdém patético pelo cérebro. Parece que isso começou a mudar para melhor, mas se você está interessado no cérebro, sugiro primeiro se informar sobre o currículo da sua futura faculdade de psicologia; há boas chances de você se formar sem aprender grandes coisas sobre o sistema nervoso!)". Sublinhamos as palavras que nos parecem mostrar com mais clareza a convicção de que a psicologia e, de modo geral, toda disciplina que não vá ao "fundo" da fisiologia, não chega a explicar os eventos anímicos. De resto, concordamos com a indignação que a autora expressa por toda posição em que uma ciência desconhece por princípio uma outra. Suzana Herculano-Houzel, disponível em: http://www.suzanaherculanohouzel.com/journal/2013/4/22/como-ser-neurocientista.html. Acessado em 2/08/2013.

[65] EC, Introdução, nota 3, p. 4. A expressão é usada para descrever o desenvolvimento da noção de comportamento no behaviorismo americano.

mão de princípios de interpretação que, em sua pureza, ela deveria ignorar como atributos neutros da consciência-objeto – ela pode identificar sentimentos que deveria não ter? E assim por diante. Já na biologia, é o argumento pontiano, a descrição dos fenômenos depõe contra a pureza do observador, na medida em que se é levado ao uso de termos que só dentro do mundo dos viventes fazem sentido: presa, obstáculo, etc.

O que Merleau-Ponty parece dizer é: não é possível manter, como nas ciências físicas, a constituição do mundo pelo sujeito transcendental como espécie de salvaguarda, já que rapidamente se chega a um ponto em que a conciliação torna-se impossível, uma vez que a biologia e a psicologia, não podendo ignorar a existência da consciência – que o caráter apriorístico do sujeito transcendental não neutraliza – não a podem manter nem fora nem dentro do mundo.

Para compensar essas faltas contra a separação entre consciência e natureza, a ciência promete purificar-se, numa etapa posterior, do observador, e reafirma seu compromisso metodológico com o empirismo na forma de uma profissão de fé na fisiologia. Em suma, um criticismo coerente como o das ciências da natureza física revela-se muito cedo como uma solução inviável para as ciências da "outra natureza", com o que elas se voltam para o empirismo *como um ideal*. Historicamente, é o que procura mostrar Merleau-Ponty, as tentativas de implementação de um método explicativo estritamente empirista falham – aliás, o empirismo estrito só faz agravar os problemas referidos acima na descrição dos fenômenos, já que sequer a unidade do organismo pode ser usada descritivamente.

A aceitação da hipótese de que todo comportamento repousa sobre mecanismos ou dispositivos físicos que podem ser compreendidos exatamente como se compreendem os sistemas de corpos inanimados da física conduz a um cientificismo contraditório – pelo solapamento do próprio esforço de conhecimento – ou a um criticismo que reserva à consciência a já mencionada segunda ordem de realidade, mítica, desembocando assim no seu avesso.

Pois uma vez confrontados com o fato da consciência, se voltamos às relações entre consciência e natureza invocadas na introdução da EC, há duas interpretações possíveis, a intelectualista: a consciência "constitui" a natureza = a natureza é objeto da consciência, e a empirista/científica: a consciência está inserida na natureza, é constituída pela natureza, é objeto natural. Trabalhando, como a física, com um

criticismo de salvaguarda, o biólogo ou o psicólogo chegarão, pela explicação fisiológica do comportamento, a um solapamento da consciência e da ordem do sentido pela simples matéria. O que significa também o esvaziamento do sentido da ciência.

Nas palavras de Bimbenet: "Comment en effet un être enserré dans le réseau de déterminismes psychologiques, sociologiques ou historiques pourrait-il en même temps y échapper pour produire des énoncés universels e vérifiables; comment un être entièrement objectivé par la science peut-il être en même temps le sujet autonome que requiert cette science pour se constituer?".[66] O autor se refere nesta passagem à possibilidade das ciências humanas, mas a questão nos parece concernir também a biologia, e de uma maneira especialmente aguda, justamente na medida em que ela parece se furtar ao tal fato da consciência, empurrando o homem como organismo para junto dos outros organismos, fingindo, por assim dizer, desconhecer a especificidade da espécie (com o perdão do leitor). Assim, a figura do biólogo que, fiel à contenda darwinista, repõe o homem no quadro das espécies, explicando-o como efeito, entre outros, das leis da evolução, é aparentada daquela do cientista cognitivo que entende a consciência como efeito do organismo, ambos esquecendo de explicar da mesma maneira a si mesmos, seu público e a comunicação da verdade entre eles.

O corpo é uma máquina físico-química da qual um dos efeitos é a consciência? De acordo com a primeira tese de Merleau-Ponty, que nega a hipótese de que a vida, no sentido mais amplo, possa ser entendida com base numa epistemologia empirista com ou sem reserva criticista, não. Pode parecer um exagero metodológico começar tão "de baixo", mas, lembrando que a razão mais visível do autor é o fato histórico da tentativa científica de reconduzir a percepção ao reflexo, há ainda a consequência, explicitada na quarta seção, de que nem toda compreensão do homem passa pela consideração da racionalidade. Noutras palavras, a recusa do empirismo radical, da hipótese da explicação fisiológica total para *toda* vida permite recolocar o homem entre os viventes num sentido diferente do que poderíamos chamar de positivismo darwinista,[67] ou, ainda,

---

[66] Bimbenet, Étienne. Nature et humanité, Paris: Vrin, 2004, p. 17.

[67] Positivismo darwinista, ou seja, o desdobramento espúrio da hipótese científica em ideologia, no pior sentido.

redimir do positivismo toda forma de vida, conservando uma separação (pela especificidade do sentido) apenas no interior de uma comunidade básica (da vida).

Novamente segundo Bimbenet, a recusa das duas tentativas de totalização do "fenômeno humano, seja por baixo, a partir do enraizamento fisiológico da consciência, seja pelo alto, a partir do poder de animação do espírito"[68] conduziria Merleau-Ponty de volta ao problema da união do corpo e da alma e ao que ele chama de um "cartesianismo agravado", na medida em que a história da filosofia moderna teria tornado patente que os dois elementos, corpo e alma, "não são mais apenas duas substâncias, mas antes duas perspectivas antagonistas sobre o ser, que a união pretende reconciliar", agora evidentemente sem qualquer esperança de sucesso. Assim, e segundo Bimbenet ainda, "o problema da união da alma e do corpo se mede em sua maior amplitude, onde a filosofia e a ciência parecem radicalmente inconciliáveis". O resultado seria uma espécie de suspensão, ou conservação do problema como problema: o homem como mistério, contraparte do mundo como mistério de Husserl.[69]

Conservar apenas o sentido problemático da palavra homem, contudo, não poderia ser a reedição amargada da contemplação (bruschvicgiana) do sujeito transcendental. Prova-o já o propósito inicial de Merleau-Ponty de conservar, transposto, o fundamento do naturalismo da ciência numa filosofia transcendental, bem como, depois, a elaboração da filosofia na dialética entre filosofia e ciência que se prolonga, por exemplo, nos cursos sobre a natureza. Feita essa reserva, deve sobressair para nós um sentido mais preciso em que a crítica do criticismo desemboca novamente no mistério da união entre corpo e alma, e que o caminho que conduz se funda, em sentido forte, na revisão da concepção de corpo em que filosofia (empirista ou criticista) e ciência (biologia, fisiologia), se não coincidem integralmente, concordam tacitamente.

Quanto à psicologia, empirista (o psiquismo é efeito do funcionamento orgânico) ou empirista/criticista (organismo e psiquismo formam duas séries das quais pelo menos a primeira é de causalidade e que se comunicam por causalidade), parece evidente que ela seja a contraparte da fisiologia. Além disso, deve ficar claro para nós que mesmo a

---

[68] Bimbenet, op. cit., p. 15.

[69] Bimbenet, op. cit., p. 13. O comentador associa tal concepção problemática de homem ao ceticismo de Montaigne.

crítica da hipótese de que o psiquismo consiste numa segunda ordem de realidade, capaz de agir sobre a primeira realidade do organismo por causalidade leva igualmente a uma reconceitualização do corpo. Dependendo de que relação se reconheça entre psiquismo e organismo, o psiquismo recobrirá integralmente – e a questão é sobretudo a do modo – o que antes se entendia como "mero" organismo, corpo. Que mesmo hoje a melhor explicação que a prática médica (uma prática que se diz "baseada em evidências") tem a oferecer dessa relação é a de que certos fenômenos corporais são "psicossomáticos", entendendo-se por isso que certas disposições psíquicas dão causa a distúrbios orgânicos, já é um indício de que em certo sentido o problema geral da primeira tese se conservou quase intacto. Por isso interessa-nos sobremaneira que o problema da união do corpo e da alma não seja posto na primeira tese na perspectiva costumeira da história da filosofia,[70] mas num enfrentamento crítico "direto" da ciência e da filosofia.

O resultado crítico da primeira tese, frequentemente incômoda para os que trabalham na mencionada perspectiva historiográfica, é um relato bastante detalhado do "efeito rebote" do empirismo. À medida que a consciência vai engolindo cientificamente todos os objetos ela deve chegar ao corpo, mesmo que não humano, que afinal volta-se para ela e a força a contemplar sua inserção no mundo dos objetos do qual ela se cria diferente, tanto porque categorias antropológicas são necessárias à descrição do mundo quanto porque a própria consciência existe no mundo. O criticismo não resolveria nada aí, já que se funda sobre a mesma divisão entre consciência e natureza de que se ressentem as ciências da vida e a psicologia.

Donde duas observações antecipatórias: o fato de que apenas o aspecto externo, que Merleau-Ponty chamará de "centrífugo" da relação consciência-natureza seja realmente contemplado nas teses pode nos fornecer indícios valiosos para compreender por que afinal Merleau-Ponty deve rejeitar o seu projeto como o de uma inviável filosofia da consciência, por mais que nelas seja também refutada a concepção de consciência dita intelectualista ou criticista – na medida em que persiste o ponto de vista da consciência cognoscente e os argumentos do autor se agrupam em torno da ideia

[70] Esforço de historiador que nos parece mesmo indispensável a uma avaliação completa dos problemas filosóficos a que Merleau-Ponty se dedicou nos cursos reunidos no volume sobre o problema da união do corpo e da alma (Malebranche, Bergson, Maine de Biran).

central de um corpo vivente subordinado ao sentido produzido na vida anímica, sobre o qual, mesmo na FP, a vida corporal atua apenas como restrição. Na EC essa subordinação do corpo à alma se expressa claramente pela subordinação das ordens física e biológica à simbólica, que reordena as duas primeiras segundo seu caráter.

Com o que queremos dizer que: o esforço crítico da Merleau-Ponty interessa ainda hoje a quem quer que procure asseverar os "direitos" do corpo. Mas seus resultados, mesmo desconsideradas as mudanças da própria ciência, ou seja, como crítica de princípios, são incompletos e, segundo a natureza do complemento que julguemos necessário, passíveis de uma profunda reformulação. Essas questões devem evidentemente ser discutidas depois da reconstituição da crítica pontiana.

A segunda observação é que, em nossa opinião, o trabalho de Merleau-Ponty não é indiferente à história da ciência, ao contrário do que pretende, por exemplo, o prefaciador da EC. Ele invoca um crítico que afirmava que a filosofia pontiana, "por sua preocupação em sempre se apoiar nos fatos evidenciados pelo progresso da psicologia, seria solidária da ciência atual e destinada a cair ou a vencer com esta, quer dizer, em certo sentido, que ela já estaria condenada", e afirma, por sua vez, que o resultado da discussão é a prova de que os "fatos que a experimentação científica ou a psiquiatria nos fornecem (...) fazem... voar pelos ares os quadro ontológicos (...) nos quais são apresentados".[71] Destruídos os tais quadros ontológicos, parece que o jogo teria sido deslocado definitivamente para o campo da filosofia – para a construção de quadros ontológicos mais adequados aos fatos, presumimos.

O próprio Merleau-Ponty adverte, embora não muito seriamente a princípio, que talvez a incoerência entre a filosofia inarticulada da ciência e suas industriosas descrições se deva a um atraso da "análise do tipo físico-matemático"[72] em biologia. Depois, contudo, reconhece que o empirismo é de certa forma inexpugnável: é sempre possível defender-se da crítica prometendo que o progresso da investigação virá a comprovar os postulados que fundam o método; pode-se ainda insistir mesmo nas

---

[71] Alphonse de Waelhens, "Uma filosofia da ambiguidade", prefácio à EC, p. XXV.

[72] EC, p. 2: Na biologia, "provavelmente porque a análise do tipo físico-matemático aí progride muito lentamente e, assim, nossa imagem do organismo é ainda em grande parte a de uma massa material *partes extra partes*".

particularidades das hipóteses explicativas (ao invés de reinterpretar os postulados em novas hipóteses), acrescentando contra-hipóteses – "Merleau-Ponty parle d'ailleurs de sa démarche comme d'une 'longue recherche inductive, - qui n'est jamais achevée, puisque le behaviorisme peut toujours inventer d'autres modèles mécaniques dont il faudra recommencer la discussion' (SC, p. 138)".[73]

A razão, no entanto, é de princípio. De volta ao "cartesianismo agravado" de Bimbenet: tanto a fé primordial, para encurtar a história, que funda as pretensões das ciências da natureza, quanto a evidência da consciência a si fazem das duas perspectivas sobre o Ser posições inexpugnáveis. O que nos parece de grande interesse é que isso não define uma história ilusória nem cindida, nem para ciências nem para filosofia, mas, no espírito das duas teses doutorais de Merleau-Ponty, obrigá-las-ia a um diálogo permanente.

Retraçando o sentido geral de seu percurso filosófico, em 1951, o autor afirma que seus primeiros trabalhos haviam sido movidos pela "discordance entre la vue que l'homme peut prendre de lui-même, par réflexion ou par conscience, et celle qu'il obtient em reliant ses conduite à des conditions extérieures dont elles dépendent manifestement"[74]. Tal discordância se faz problema na medida em que o desenvolvimento das ciências do homem, "lui considère du point de vue du spectateur étranger", posição metódica criada e apurada pelas ciências da natureza inanimada, "et met em lumière sa dépendance à l'égard du milieu physique, organique, social et historique, au point de le faire apparaître comme un objet conditionné".[75] Ora, o problema é tanto mais real na medida em que "Il semble impossible de renoncer à aucune des deux perspectives". Simplesmente enfatizar "de nosso lado" a evidência do *cogito* não é uma solução fértil, "il est manifeste que par les voies courtes de la réflexion, nous n'obtenons le plus souvent de nous-mêmes qu'une connaissance tronquée", donde é preciso enfrentar realmente a tese científica, o método da análise

---

[73] Frédéric Moinat, Le vivant et sa naturalisation: le problème du naturalisme en biologie chez Husserl et le jeune Merleau-Ponty. Springer, 2012. Trecho de documento eletrônico, marcador em 36%.

[74] "Titres et travaux", *in* Parcours Deux, Paris: Verdier, 2000, p.11. Texto doravante designado como TT.

[75] TT, p. 12.

real, a reificação do homem, o ponto de vista do espectador estrangeiro em seu terreno próprio.

Se é assim, o problema da relação entre consciência e natureza tem uma história no sentido forte (por oposição à história superficial, ilusória, da descoberta contingente de verdades eternas). A crítica dos fundamentos ou dos princípios é apenas num aspecto uma conquista permanente; noutro, ela deve ser refeita à medida em que eles são reinterpretados para acomodar novas observações e novas possibilidades de observação, para incluir ou excluir categorias de fenômenos, quer do campo de uma ciência, quer do da ciência em geral, para legitimar ou deslocar resultados anteriores, etc.

Em resumo, o que tentamos dizer é que a crítica da experiência científica não serve para nos livrar, mas para nos situar melhor em face dela e, talvez, fazer ver seu caráter fundamental. Pois é preciso reconhecer que o erro ou a "confusão ideológica" tão criticáveis abrem no entanto caminho para que a ciência se empenhe num contato com o mundo a que a filosofia, em chave criticista, negava por exemplo à geração do pós-primeira guerra. Donde se entender que é por uma espécie de necessidade fundamental que Merleau-Ponty pretenda com a "crítica da análise real e do pensamento causal" em fisiologia e psicologia uma espécie de salto por sobre o criticismo, que preserve, transposto, certo "fundamento no naturalismo da ciência (...) numa filosofia transcendental".[76]

A instauração pontiana que chamamos há pouco de debate permanente entre ciência e filosofia se deve, enfim, a uma tomada de posição sobre o que seja a experiência sobre a qual fundar a verdade. No seguinte sentido: como bem observa Frédéric Moinat, enquanto para Husserl a verdade eidética é apreensível no nível da contemplação dos conteúdos da consciência,[77] para Merleau-Ponty "Il n'est pas possible (...) de voir d'emblée l'essence se manifester à l'intuition eidétique en mettant la contingence factuelle hors circuit d'entrée de jeu".[78] E na medida em que a experiência científica trabalha sobre a contingência fatual, mesmo que com pressupostos

---

[76] EC, p. 3

[77] O comentador tem o cuidado de restringir esse diagnóstico da posição husserliana às Ideias II.

[78] Moinat, op. cit., 36%.

questionáveis, e se debruça continuamente sobre ela, é uma forma privilegiada de experiência. Não se pode desprezar, por exemplo, as experiências com as cores dos gestaltistas, em que certas relações se põem em evidência, em detrimento da experiência natural de uma paisagem. Seria tão bárbaro pensar que esta última contém tudo que se pode saber sobre a cor quanto supor, como alguém siderado pela ciência, que a cor da paisagem não tem interesse e tudo que se pode saber sobre cor está em experiências de laboratório.[79]

Nesta relação mais próxima entre ciência e filosofia que parece decorrer da posição de Merleau-Ponty em relação às ciências poder-se-ia definir pelo menos dois grandes temas no que concerne ao corpo. Duas frentes, seguindo a demarcação que estabelece o problema da união entre corpo e alma: a primeira é a da crítica do conhecimento biológico, da atividade pela qual a consciência inspeciona a vida e deseja conhecer os seres vivos como seres ativos, que respondem aos estímulos de seus meios e aí não se comportam de forma realmente compreensível pela causalidade, ao menos tal como entendida pela teoria dos sistemas de objetos inanimados. Na medida em que isso significa estabelecer novas categorias, e talvez restringir o domínio daquilo que se compreende por causalidade, ou refinar o seu conceito, etc., o problema do conhecimento do "objeto biológico" implica também uma revisão da crítica do conhecimento em sentido estrito, que acompanhe seu movimento. Nas palavras de Merleau-Ponty em 51, a EC considera "de l'extérieur l'homme qui perçoit, (...) cherchant à dégager le sens valable des recherches expérimentales qui l'aborde du point de vue du spectateur étranger".[80] Por essa primeira via, o corpo humano aparecerá ao fim na comunidade mais ampla dos seres vivos, cuja investigação científica leva ao limite e assim circunscreve a jurisdição do espectador estrangeiro.

---

[79] Merleau-Ponty parece valorizar na ciência o mesmo trabalho contínuo sobre um objeto que elogiará tanto no pintor (*O olho e o espírito*). Cientista, artista e filósofo *frequentam* seus temas, quer dizer, refletem-nos, vivem neles e disso podem nascer o conhecimento, a verdade, a beleza. Claro que é um pouco incômodo pensar numa familiaridade entre o gesto do pintor que se mede durante anos com uma montanha e o do cientista que manipula o sistema nervoso de ratinhos por anos.

[80] TT, p.13.

A segunda ordem de problemas concerne à reflexão sobre o organismo como sede da consciência ou à reflexão em sentido mais rigoroso, como reflexão da consciência sobre suas próprias condições de existência e, assim, sobre sua natureza. Entendendo-se a reflexão como um epifenômeno do organismo – que seria, assim, capaz de voltar-se sobre si mesmo e tomar-se como objeto para assistir de fora ao surgimento da consciência, tornada então objeto de si – perde-se inteiramente o sentido próprio de consciência. Na linguagem de Merleau-Ponty, uma vez que se inicie a explicação em terceira pessoa (de fora), jamais se explica a *experiência* da consciência, em primeira pessoa; dizer que alguns fenômenos físicos têm a peculiaridade de serem conscientes de si mesmos evidentemente não é uma explicação. Assim, após a crítica do empirismo resta redefinir a consciência.

(Quanto a esse último problema, observamos que o fato de que Merleau-Ponty tenha recusado a filosofia da consciência não implica necessariamente que se deva recusar a consciência como experiência. No VI, inclusive, o fato da consciência continua sendo reconhecido. Justamente uma consciência em qualquer sentido exterior ao mundo, em qualquer medida, mínima que seja, desligada do corpo e do mundo com que o corpo se enlaça, diríamos, é que é recusada, donde se repor mais agudamente o sentido problemático da experiência apenas à primeira vista inatacável da evidência de si a si.)

A consequência mais imediata destas observações preliminares, é que, para considerar melhor o tema do corpo a partir da crítica pontiana do fisiologismo e da psicologia da forma, é preciso ler a EC com os olhos voltados tanto para a história da ciência quanto para a filosofia, ou seja, não apenas, como fazem muitos comentadores, para "extrair" a filosofia do texto, para em seguida desenvolver comparações, no mais de extremo interesse, com outras obras do autor ou com outros filósofos, mas para tomar pé na história da ciência que a obra atravessa e que a atravessa para chegar até nós.

2.1. Crítica do reflexo como noção explicativa dos comportamentos inferiores

No projeto de 51, como vimos, Merleau-Ponty explica que sua primeira tese procurava "dégager le sens valable des recherches expérimentales qui l'abbordent [o homem] du point de vue du spectateur étranger".[81] Como este é o ponto de vista da ciência, a exposição pontiana segue a articulação que ela atribui ao objeto: "On s'accordait pendant longtemps à reconnaître dans l'homme un premier étage d'activité machinale, automatique ou réflexe";[82] "qu'il fût ou non surmonté d'une autre instance, le méchanisme était admis sans difficulté à la base".[83] Começa, portanto, pela concepção de reflexo comum ao behaviorismo americano (que vê os comportamentos superiores como simples extensão dos reflexos) e às outras psicologias (que postulavam na explicação dos comportamentos superiores a intervenção de uma instância superior ou central).

Todavia, em relação à teoria do reflexo – cujo pioneiro não é ninguém senão o próprio Descartes[84] – Merleau-Ponty se situa já como beneficiário de críticas do próprio meio científico. Constata de saída que "a teoria clássica do reflexo é ultrapassada pela fisiologia contemporânea".[85] A retomada de "fatos... quase todos bem conhecidos" se justifica por terem "autores alemães como Weizsäcker ou Goldstein" os entendido como "categorias originais que correspondem a uma concepção nova da explicação em fisiologia".[86] Como veremos, o objetivo final da primeira seção da EC não é discutir

---

[81] TT, p. 13.

[82] TT, p. 13.

[83] TT, p. 14.

[84] Descartes é comumente identificado como o pai da teoria moderna dos reflexos (há registros de tais fenômenos desde o início da literatura médica), graças às descrições do reflexo de piscar (Tratado das paixões) e da reação de afastamento do fogo (De Homine). O filósofo relaciona os reflexos à parte automática e maquinal do homem – seriam reações em que a alma não interfere. Ele já descrevia algo como um circuito reflexo formada pelo estímulo (o calor do fogo, no exemplo), uma instância decisória (a glândula pineal) e os músculos envolvidos na reação de afastamento.

[85] EC, p. 9.

[86] Com efeito, lê-se logo nas primeiras linhas da Introdução de Kurt Goldstein à sua principal obra: "Se estou correto... todas as tentativas anteriores de entender a vida seguiram o método de trabalhar do mais baixo para o mais alto. (...) O procedimento permaneceu essencialmente o mesmo tanto se as

propriamente os resultados experimentais, que já haviam sido reinterpretados por cientistas, mas retomar esta crítica da teoria clássica do reflexo e então ponderar se ela fora capaz de estender-se adequadamente aos fundamentos epistemológicos da ciência.

Não surpreende, portanto, que a teoria do reflexo seja a princípio exposta em linhas gerais e sem indicação de autoria. Trata-se de repor uma forma geral e por isso clássica, para em seguida descartá-la pelas críticas já consolidadas e passar à discussão que de fato importa. O trabalho preliminar, no entanto, é indispensável, já que a rejeição no interior do campo de estudos especializados da fisiologia nervosa não havia eliminado à época (como ainda hoje) o que poderíamos chamar de influência do mecanicismo dualista que funda a teoria do reflexo, especialmente ativo nas teorias psicológicas americanas visadas por Merleau-Ponty e no behaviorismo de Pavlov, retomado no capítulo seguinte.

A teoria clássica do reflexo é exposta a princípio pelo exemplo do reflexo de fixação ocular: alguém segue com os olhos um foco luminoso que se move nas paredes de um quarto escuro. (Este mesmo exemplo, que introduz a *Fenomenologia da Percepção*, é o primeiro dado por Sherrington nas conferências de Yale.) Segundo Merleau-Ponty, a teoria clássica entende que a descrição do comportamento observado deve ser depurada, de modo a restarem apenas os elementos reais: o "movimento vibratório" (os fótons, diz-se hoje[87]) que percorre pontos espaciais ao longo do tempo, e o sistema nervoso, mais especificamente o circuito reflexo composto dos receptores do estímulo, "circuitos nervosos preestabelecidos" e os músculos a eles ligados, de modo que a reação é entendida como uma série de reações pontuais que se somam na aparência de comportamento dotado de sentido apenas para um espectador ingênuo.

---

performances do organismo eram concebidas como reflexos quanto se fatores diretivos e regulatórios eram introduzidos para explicar fenômenos em organismos mais "altos"."

[87] Vídeo-aula 27 do curso de Introdução à biologia, "Sistema nervoso 2", base de cursos online do MIT: http://ocw.mit.edu/courses/biology/7-012-introduction-to-biology-fall-2004/video-lectures/lecture-27-nervous-system-2/. O professor Eric Lander – um dos líderes do mapeamento do genoma humano – afirma que em condições especiais os olhos podem perceber um único fóton. Ele ilustra com este exemplo quão baixos podem ser os limiares de estimulação. Mencionamo-lo para ilustrar a persistência de identificação entre o estímulo perceptivo e os elementos reais da física.

"Nessa série linear de acontecimentos físicos e fisiológicos, o estímulo tem a dignidade de uma causa, no sentido empirista de um antecedente constante e incondicionado, e o organismo é passivo, já que se limita a executar o que lhe é prescrito pelo lugar da excitação e pelos circuitos nervosos que nele têm sua origem."[88]

O empirismo em biologia proporia um mundo de eventos a funcionar como causas e, no outro polo, um organismo que, à maneira de uma máquina, responderia sempre univocamente a cada um desses eventos. As questões que concluem a apresentação são desencadeadas pela afirmação peremptória, já mencionada, de que a "fisiologia contemporânea" já havia desacreditado essa interpretação dos fenômenos. Elas se referem primariamente à "clivagem entre o subjetivo e o objetivo, a oposição entre um universo da ciência, inteiramente fora de si, e um universo da consciência, definido pela presença total de si para si".[89] Quando o cientista pensa o corpo como uma máquina, um mecanismo produtor de respostas, que são assim efeitos de causas reais, quando exclui do universo do verdadeiramente existente, e por aí da verdade, "valor e significação", ele evidentemente opera em consonância com a oposição entre o exterior e o interior.

O que parece de especial interesse é que é preciso operar também um corte na própria consciência para que a ciência seja possível. Apenas no interior da consciência as noções de valor e significação são admitidas, mas para a ciência, que também é produto da consciência, o que existe aí não pode ter o mesmo direito de tornar-se verdade. Ou ao menos, como se disse anteriormente, essas verdades serão verdades da vida interior, da consciência fática, o saber da psicologia. Assim, a ciência deve fazer um primeiro corte entre consciência e corpo: a consciência ingênua, que se crê jungida ao corpo, conquanto problematize suas relações com ele, as problematiza no bojo de uma experiência em que *está*. A consciência científica se põe fora do corpo, mas também fora da própria consciência – os dois movimentos são solidários, não é possível estranhar o corpo (fazer dele algo exterior), sem ao mesmo tempo estranhar-se da consciência de um corpo, quer dizer, alienar-se de si como sujeito encarnado.

---

[88] EC, p. 8.

[89] EC, p. 9.

É a unidade destes dois cortes que se torna especialmente clara na primeira tese, que contudo encontram seu caminho argumentativo entre um ponto de partida empirista (a tese do corpo mecânico) e a legitimação epistemológica das noções de valor e significação. Ou seja, a contestação que se mantém, por estratégia, metodologicamente fiel ao ponto de vista do espectador estrangeiro se limita a mostrar a *necessidade* das noções de valor e significação, normalmente consideradas válidas apenas no campo subjetivo e do conhecimento das experiências subjetivas, para o conhecimento científico do organismo. Com isso, todavia, os corte entre consciência científica e consciência ingênua e corpo não é explicitamente apagado.

Isso dito, voltemos à chamada teoria clássica dos reflexos, entendida como expressão do empirismo clássico em biologia.

Nas conferências dadas em Yale em 1904, Sherrington sintetizou de maneira bastante sistemática a teoria clássica, incluindo as contraprovas e as correções que julgava necessárias. É importantíssimo dizer, antes de mais nada, que ele entendia toda pesquisa fisiológica como tentativa de esclarecer a questão fundamental de como um organismo adquire unidade. Segundo a visão científica, o organismo aparece como um agregado de moléculas, de células, de órgãos, conforme o nível da análise, e à decomposição promovida pelo método da análise real, segue-se sempre a questão de como explicar a unidade, a composição ou o que Sherrington chamava de coordenação ou ação integrativa.[90] Mesmo hoje, o objetivo final deste procedimento seria chegar à explicação da unidade *completa* do organismo humano, ou seja, de como uma reunião complexíssima de elementos se torna um ser humano *consciente*.[91]

---

[90] As conferências foram publicadas dois anos depois justamente com o título *The integrative action of the nervous system*.

[91] O mesmo professor, Eric Lander, na introdução às aulas sobre sistema nervoso já citadas: "And then how does this all [ele se refere à "computação" nervosa com que a ciência contemporânea explica o aprendizado e o reconhecimento, por exemplo] give rise to consciousness?

A noção de integração parece cobrir aspectos diversos. Em primeiro lugar, significa integração do próprio organismo, por meio da qual o sistema nervoso "constitutes it from a mere collection of organs an animal individual" – esse nível de integração se dá por reflexos desencadeados por estímulos internos ou, em termos cunhados por Sherrington, por interoceptividade. Outro aspecto da integração se dá por "those higher reactions which constitute its behaviour as a social unit in the natural economy"[92] – e nesse nível se situam os reflexos mais conhecidos, desencadeados por estímulos exteriores, pela exteroceptividade.[93] Há ainda outro aspecto sugerido pelo trecho, a saber, a integração entre organismo e a "economia natural", que teria conexão com o darwinismo constantemente mencionado por Sherrington, com o fato de que os organismos são vistos, numa perspectiva de longo alcance, como elementos de uma comunidade tanto no interior da espécie quanto das espécies. A fusão dos dois primeiros aspectos se justifica quando pensamos, como Goldstein o faz, que todo estímulo externo implica numa mudança de estado do organismo (ao menos do órgão receptor), que pode levar a um reajuste interno, de modo que o efeito das receptividades interna e externa são demandas de reintegração orgânica.

Qualquer que seja, contudo, o nível de integração, Sherrington pensa poder explicá-la por meio da noção de reflexo: "The due activity of the interconnection

---

And we haven't got the first clue. We have no idea. It's fascinating. I digress for a second. A famous biologist, J.B.S. Haldane in the mid-century, middle of the 20th century wrote a final exam to be given in the year 2000 or so. And on the final exam he had about 20 odd questions.

And if you go through the exam virtually all of those questions could indeed be answered by a student in the year 2000, except for the question that says consciousness arises on embryonic day 18, example. And we have no progress toward that particular question. That was one that he completely was way off in terms of being able to predict that we'd make any progress on. Maybe he meant it as a joke. Anyway."

(A piada talvez se deva a que Haldane soubesse que a pergunta não poderia ser respondida pelos métodos que conhecia, ou não em cem anos?). Vídeo-aula 26 do curso de Introdução à biologia, "Sistema nervoso 1", base de cursos online do MIT: http://ocw.mit.edu/courses/biology/7-012-introduction-to-biology-fall-2004/video-lectures/lecture-27-nervous-system-1/.

[92] Sherrington, "Primeira conferência", *The integrative action*, p. 2.

[93] Estes dois termos, bem como "proprioceptividade" foram cunhados pelo cientista e são de uso corrente até hoje. A proprioceptividade é a receptividade a sinais articulares e afins que permite a um animal saber da posição de suas partes no espaço.

resolves itself into the co-ordination of the parts of the animal mechanism by reflex action".[94] Logo adiante, a formulação é sistemática:

> "The reflex-arc is the unit mechanism of the nervous system when that system is regarded in its integrative function. The unit reaction in nervous integration is the reflex, because every reflex is an integrative reaction and no nervous action short of a reflex is a complete act of integration. The nervous synthesis of an individual from what without it were a mere aggregation of commensal organs resolves itself into co-ordination by reflex action."

O tipo mais simples de coordenação, que, como se vê pelo trecho acima, significa o mesmo que integração, é o reflexo simples, definido como aquela ação pela qual um efetor (um músculo ou uma glândula) responde ao estímulo aplicado a um receptor, permanecendo as outras partes do organismo indiferentes ao evento. O autor aduz, imediatamente após a definição do reflexo simples, que ele é provavelmente "a purely abstract conception", uma vez que o sistema nervoso é um todo em que não se podem introduzir mudanças pontuais, isoladas, a excitação de uma parte sempre encontrando o todo num estado qualquer de excitação prévia e, além disso, afetando as demais. No entanto, ele acredita que a noção é justificável metodologicamente: "the simple reflex is a convenient, if not a probable, fiction".

O contraste entre os dois parágrafos é tanto maior quanto mais precisos os métodos dos experimentos descritos a seguir. O eminente fisiólogo afirma que determinada noção, o reflexo simples, é o que permitirá entender como um organismo chega a ser uma unidade, tanto do ponto de vista interno quanto do de suas relações com o mundo que o rodeia, para em seguida ressalvar que esta mesma noção não passa de uma abstração, uma ficção a bem dizer improvável, que no entanto é a seguir precisamente quantificada num sem-número de instâncias. Ademais, e antes de passar à descrição dos experimentos, Sherrington procura remediar o caráter artificial da noção de base afirmando que o que se pode de fato observar com frequência são combinações de reflexos simples e combinações de combinações. Ou seja, tanto os reflexos

---

[94] Sherrington, "Primeira conferência", *The integrative action....*, p. 5.

observáveis em laboratório podem ser entendidos como uma combinação de reflexos simples, que então se trataria de decompor, quanto o comportamento ordenado deve ser entendido como o concerto dos reflexos, simples ou complexos:

> "... it is obvious that if the integration of the animal mechanism is due to co-ordination by reflex action, reflex actions must themselves be co-ordinated on with another; for co-ordination by reflex action there must be co-ordination of reflex actions. This latter is the second grade of co-ordination. The outcome of the normal reflex action of the organism is an orderly coadjustement and sequence of reactions" (*The integrative action*..., p. 8)

Sherrington passa então à definição dos elementos do circuito reflexo (arc-reflex) – efetor (músculo ou glândula), condutor (ao menos duas células nervosas) e receptor (órgão sensível) e depois ao estímulo – vemos que a sequência está invertida, e supomos que justamente para que a reflexão sobre a adequação do estímulo possa vir primeiro. Isso porque a estratégia científica de abordagem do problema da integração pede que se normalize também o estímulo: se, segundo os preceitos empiristas, a reação é uma verdadeira *função* do estímulo, deve-se procurar uma forma quantificável de dar-lhe causa.

Foi o que, no século XIX e em parte do XX, o crescente domínio das técnicas ligadas à eletricidade permitiu, uma notável sofisticação dos experimentos no sentido de um isolamento cada vez mais perfeito tanto do estímulo quanto da reação; nas palavras de Goldstein: "The reflexes and the reflex laws are an expression of the organism's reactions, when certain parts are isolated. The isolation is effected (...) by the artificial (experimental) elimination of the rest of the organism that is not supposed to enter into the reaction"[95] – é uma reposição, como método, do que Sherrington definia como objeto, o reflexo mesmo. De toda forma, com as técnicas de estimulação elétrica se procede tanto ao isolamento anatômico do fenômeno estudado, quanto a seu isolamento temporal e funcional: procura-se uma unidade de acontecimento que depende de um limiar mensurável de estimulação.

---

[95] Goldstein, *The organism*, Nova Iorque: Zone Books, 1995, pp. 134, 135.

É importante notar, em virtude do progresso que houve desde então, que tal precisão na estimulação não correspondia a uma análise anatômica igualmente detalhada. À altura em que Sherrington e mesmo que os seus discípulos imediatos trabalhavam, era possível mensurar e fracionar bastante bem o estímulo, mas os elementos orgânicos sobre os quais ele agiria não estavam ainda perfeitamente elencados. Em seu discurso de agradecimento pelo prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1932, Sherrington diz serem as características da inervação recíproca "bem conhecidas" e, com efeito, a síntese de vinte anos de pesquisas sobre o tema datava de 1906.[96] Mas n'*A Estrutura do Organismo*, publicada em 1935, Goldstein – "um neurologista mundialmente conhecido no auge de sua capacidade"[97] – escrevia ainda sobre a incerteza que pesava mesmo sobre as questões mais básicas referentes à constituição do sistema nervoso: "Hoje já não é necessário provar que a teoria neuronal, que fornece uma boa base anatômica para o curso funcional dos reflexos, não é um fato estabelecido, se assumimos que os fibrilos são os componentes condutores do sistema nervoso". Por fibrilos, como fica claro na sequência, Goldstein parece se referir aos axônios e demais processos celulares.

Hoje se sabe que há dois tipos de estruturas passíveis de serem descritas como fibrilos no sistema nervoso, uma das quais constitui, de fato, como aventam algumas linhas abaixo deste trecho, um tecido de sustentação.[98] O outro tipo constitui "os componentes condutores do sistema nervoso". O exemplo mostra como sequer as funções dos elementos materiais do sistema nervoso estavam inteiramente determinadas

---

[96] Sherrington, *The integrative action of the nervous system*, 1906, versão impressa de uma série de conferências dada na Universidade de Yale em 1904. As pesquisas sobre os reflexos haviam sido iniciadas em 1889

97 Oliver Sacks, Prefácio a The Organism, p. 9.

98 Eis o trecho: "Even the existence of the fibrils, as they are described in histological preparations, has been doubted in the living organism (Leopold Auerbach); and writers such as Max Verwom, Mihaly Lenhossek, and Goldschmidt are inclined to regard the fibrils only as supporting tissue." Ambos os trechos citados estão em *The Organism*, p. 113. As dúvidas expressas por Goldstein eram sobretudo caucionárias, e ele aceitava a título provisório a tese (sobre a função dos fibrilos e a natureza celular do sistema nervoso) corrente à época, como se vê no desfecho da seção que citamos.

à época[99] e, por consequência, que a relação entre a anatomia e os eventos nervosos era forçosamente tema de pesquisas carregadas de muita especulação. Mostra ainda como não se pôde partir do simples ao complexo, de um inventário anatômico completo para a descrição da fisiologia, mas que as pesquisas avançavam simultaneamente em níveis diversos, buscando unificar-se numa única teoria.

Desta perspectiva, a elaboração de uma teoria coerente dos reflexos foi uma tentativa (de uma série ainda ativa) de ligar a anatomia do sistema nervoso, sua fisiologia e os comportamentos observáveis, conforme se lê na primeira conferência da famosa série apresentada por Sherrington em Yale: "Nowhere in physiology does the cell-theory reveal its presence more frequently in the very framework of the argument than at the present time in the study of nervous reactions".[100] Para que o mecanismo de funcionamento do reflexo fosse aquele proposto por Sherrington era também necessário que o sistema nervoso fosse realmente constituído por células que se agrupassem em nervos que funcionassem como linhas de transmissão do que ele chamou à época de "physico-chemical disturbance" – o mecanismo de transmissão eletroquímico só foi esclarecido na década de 1930 – e que houvesse assim fisiologicamente o que anatomicamente se revelava como um possível circuito entre nervos receptores, aferentes, o sistema nervoso central, nervos eferentes e os executores (os músculos). A hipótese concorrente, chamada de hipótese reticular, era de que os neurofibrilos formavam uma rede contínua; porém nesse caso, argumentava Sherrington, as características observadas nos reflexos não se verificariam.

---

[99] A dificuldade para descrever a anatomia nervosa no nível celular se deve a que suas estruturas são diferentes daquelas dos demais tecidos. Enquanto as células dos outros tecidos são relativamente fáceis de visualizar, como pequenos "pacotes" a formar órgãos facilmente discerníveis, as células nervosas se comparam talvez a tubérculos que estendem uma multidão de raízes uns em direção aos outros ("On average, every neuron forms about 1,000 synapses, although some can have as many as 5,000 or 6,000". Cf. Damasio, *Descartes' Error*, p. 48), sendo particularmente impressionante que a espessura da raiz principal, o axônio humano, é um centésimo da de um fio de cabelo. As técnicas de tingimento que permitiram a visualização das características mais gerais deste emaranhado datam de 1870 (Golgi), enquanto a primeira edição do livro seminal de histologia nervosa de Cajal data de 1909.

[100] Burke, Robert E. "An appreciation of Sherrington's *The integrative action of the nervous system*", *In: "*Brain", p. 889. Logo adiante, Sherrington caracteriza a ciência biológica de sua época como transição entre o estudo das formas visíveis (morfologia) e aquele da dinâmica – a fisiologia propriamente dita, que ele reputa ser "um ramo da energética". Sherrington, *Integrative action...*, New Haven, Yale University Press, 1920, p. 1.

Por outro lado, Sherrington buscava provar que o córtex cerebral e a medula espinhal não formavam, como havia sido proposto anteriormente, uma unidade de controle única, homogênea, mas que os reflexos medulares independiam da intervenção cortical que, se houvesse, era de outra natureza.[101] Aceita tal hipótese, o funcionamento maquinal estaria restrito às reações medulares, enquanto ao córtex ficariam reservadas funções mais elevadas – o que se pode entender como uma tentativa de limitar o modelo puramente mecanicista do organismo a uma seção do sistema nervoso e do comportamento. Começamos a ver assim porque Sherrington representa já uma sofisticação da teoria clássica dos reflexos, bem como o momento em que o problema metodológico se torna consciente.

De todo modo, como vimos, ele supunha ainda que a base do comportamento pudesse ser explicada pelo modelo (abstrato, fictivo) de unidades de reação integrativa que compreendiam: um estímulo, um receptor anatomicamente ainda não completamente descrito, ao menos dois elementos condutores (um aferente, outro eferente)[102] e um órgão efetor. Esta é a ordem mais evidente em que se pode percorrer o circuito do comportamento, e aquela que Merleau-Ponty usa para mostrar, sobretudo no rastro de Goldstein, a contradição entre os achados e as explicações de Sherrington. Nas palavras de Merleau-Ponty: "Toda obra de Sherrington mostra que a ordem – a adaptação da resposta ao estímulo e das partes da resposta entre elas – não pode ser explicada pela autonomia de trajetos nervosos preestabelecidos", contudo, "Sherrington

---

[101] "E. Pflügger claimed that the spinal cord, where reflex activity is organized, possesses some similar psychic properties to those existing in other central structures. He described the CNS as a single control unit running from the cortex to the spinal cord. According to R. H. Lotze (1817-81), on the contrary, the spinal cord is entirely under the control of the brain and has no independent properties, and the reflexes correspond to the first level of integration (Figure 8). C. Sherrington adopted exactly the same point of view some decades later. In fact, the controversy focused mainly on the psychic attributes of the spinal cord. Lotze observed that medullary action was not 'intelligent': after being decapitated, a frog has a very limited repertoire of activities, although they are quite complex." Clarac, F (2005) The History of Reflexes Part 1: From Descartes to Pavlov, IBRO History of Neuroscience

[http://www.ibro.info/Pub/Pub_Main_Display.asp?LC_Docs_ID=3155]

Acesso em: 03/10/2013.

[102] A estes dois somar-se-á o interneurônio, localizado no interior da medula espinhal.

procura salvar os princípios da fisiologia clássica. Suas categorias não são feitas para os fenômenos que ele mesmo colocou em evidência".[103]

Assim, ao *estímulo* da teoria clássica devem opor-se duas observações:

1. "Ele age muitas vezes bem menos por suas propriedades elementares que por sua distribuição espacial, seu ritmo ou o ritmo de suas intensidades".[104] Isso contradiz diretamente um dos pressupostos fundamentais da teoria clássica, a saber, que apenas as qualidades primárias e os elementos reais existem para o organismo, como causas de suas reações. Segundo tal pressuposto, nas palavras de Merleau-Ponty, "os agentes físicos não podem impressionar o organismo por suas qualidades de *forma*", mas apenas por "propriedades pontuais".[105]

A princípio, a descoberta da estimulação elétrica direta dos troncos nervosos parecia significar que se podia "pular" o receptor, e por aí excluir todo o universo das qualidades secundárias –, mas logo, como relata Sherrington, descobriu-se que a reação varia conforme se a obtenha daquela maneira ou da forma natural, quer dizer, pela estimulação normal, frequentemente inquantificável, do receptor.[106] As observações experimentais parecem contradizer a hipótese de que para os elementos mais simples do sistema nervoso apenas os elementos mais simples e as qualidades primárias do mundo físico possam ser percebidas. Pelo contrário, mesmo nesse nível, e mesmo considerando partes artificialmente isoladas do organismo e do comportamento, não só as qualidades ditas secundárias parecem determinantes, mas também propriedades de forma que levam a que a análise real do estímulo seja metodologicamente inadequada ao conhecimento de sua influência sobre o organismo.

---

[103] EC, pp. 45 e 46.

[104] EC, p. 10.

[105] EC, p. 7.

[106] "Há numerosas instâncias em que determinados reflexos podem ser obtidos da superfície receptora apenas por estímulos determinados." Sherrington, Primeira conferência, *The integrative action*, pp. 9 e 10.

Se se deseja permanecer fiel ao empirismo e à sua ontologia, contudo,

> "Essa dependência do reflexo com relação às propriedades formais ou globais do excitante não poderia ser, na concepção clássica, mais do que uma aparência. Explicar o funcionamento nervoso só pode significar reduzir o complexo ao simples, descobrir os elementos constantes de que é feito o comportamento. Decomporemos pois tanto o estímulo quanto a reação até que encontremos "processos elementares" formados de um estímulo e de uma resposta sempre associados na experiência". (EC, p. 12)

Mas então se observa também que

2. "... acontece com frequência que o efeito de um estímulo complexo não seja previsível a partir dos elementos que o compõem".[107] Mesmo que o estímulo eficaz seja decomponível e definível nos termos da ciência, a reação não parece seguir a lei da função, não é a combinação das reações isoladas aos elementos componentes do estímulo. Um dos exemplos dados por Merleau-Ponty é especialmente claro: água e álcool são substâncias químicas que não se combinam quando misturadas, porém a reação do gato descerebrado à mistura não é a combinação da reação à água e da reação ao álcool.[108]

Como os exemplos se multiplicam para mostrar que há uma contribuição ativa do organismo, ao invés de reação maquinal, seria forçoso admitir que o organismo não é passivo em sua relação com o mundo, que os estímulos não funcionam como causas. Se for assim, contudo, não se sustenta a distinção rígida entre um mundo exterior de eventos e objetos em si, causas de reações, e um organismo passivo cujo interior responde sempre com uma mesma reação a cada estímulo elementar. Juntamente com a separação rígida entre organismo e meio deve deixar de vigir em biologia a ideia de causa:

---

[107] EC, p. 10.

[108] Observação de Sherrington e Miller, segundo Merleau-Ponty. EC, p. 11.

> "O *estímulo* adequado não pode ser definido em si e independente do organismo; não é uma realidade física, é uma realidade biológica. O que aciona necessariamente uma certa resposta reflexa não é um agente físico-químico, é uma certa forma de excitação, e o agente físico-químico *é antes sua ocasião do que sua causa*". (EC, p. 42, grifo meu)[109]

E como o organismo é sensível a formas e ritmos, os quais não se podem decompor, a ideia de exclusividade ou prioridade ontológica dos elementos e das qualidade primárias também fraqueja.

Quanto ao *receptor*, que Merleau-Ponty melhor designa como "o lugar da excitação", ele observa que "não se pode falar, para cada excitante, de um campo receptor anatomicamente estabelecido". Como vimos, o modelo do circuito reflexo (arc-reflex) supõe que um receptor está conectado a um efetor, de modo que não se pode explicar por ele por que "a excitação de um receptor pode provocar diferentes reflexos e a excitação de dois pontos distintos pode dar lugar ao mesmo reflexo".[110] É necessário então acrescentar que no circuito um receptor pode estar ligado a mais de um efetor (para explicar a primeira exceção), mas também que cada efetor pode estar ligado a mais de um receptor (para a segunda). Finalmente, como se observa que "há cinco vezes mais vias aferentes [da periferia para o centro] que vias eferentes [do centro para a periferia], Sherrington admite que os dispositivos centrífugos comportam um "último segmento comum" no qual o mesmo substrato nervoso pode servir para desencadear reações qualitativamente diferentes". Em última instância isso equivale, conclui Merleau-Ponty, a abandonar o modelo do circuito e a hipótese das "vias privadas" em favor do modelo de um sistema nervoso unitário.

O *circuito reflexo*, portanto, "um trajeto definido, um processo de condução isolado, (...) [que] vai da excitação à reação", deve ser entendido como uma unidade

---

[109] Isso não significa que o organismo possa decidir ignorar o estímulo. Quando os estímulos são de molde a não permitir uma reestruturação orgânica e o restabelecimento, por meio dela, dos níveis habituais e ótimos de excitação, sucedem as reações que Goldstein chamou de catastróficas. Fazemos esta observação porque resulta-nos difícil separar atividade, que se percebe haver na conformação do estímulo pelo organismo, e liberdade (para não agir): nesse caso a atividade é obrigatória.

[110] EC, p. 18. Merleau-Ponty cita Weizsäcker, "Reflexgesetze", a que não tivemos acesso.

funcional momentânea, isolável apenas no sentido de que se recorta do todo da atividade nervosa e, também, orgânica, mas não como algo que possa funcionar por si e seja de fato indiferente a todo resto. "Todos os reflexos exigem no organismo o concurso de uma multiplicidade de condições exteriores ao arco-reflexo que têm, tanto quanto o estímulo, o direito de serem chamadas causas da reação."[111] Nesta instância Merleau-Ponty parece particularmente próximo de Goldstein, que enfatiza como a estabilidade de tal totalidade orgânica é condição o mais das vezes ignorada dos fenômenos pontuais em que se responde ao estímulo externo. Na recolha pontiana dos exemplos de Goldstein consta que: "O reflexo parece estar inicialmente sob a influência de uma série de condições químicas, secretórias e vegetativas bastante potentes para suprimir, e às vezes mesmo reverter, o efeito esperado de certo estímulo".[112]

A descrição desta influência tem consequências importantes. A primeira é de limitar a validade da análise real e, em última instância, mais uma vez circunscrever drasticamente a esfera de vigência da causalidade. No organismo, tudo depende de tudo (conquanto se possam fazer recortes), "é pois de uma verdadeira causalidade circular que se trata aqui mais uma vez",[113] com o que se mostra a segunda consequência: não existe de fato uma primeira camada de funcionamento medular ou, de modo geral, de maquinismo orgânico, ao qual se superpõem funções centrais, superiores. Se há uma distinção que se deduz do fato de que um organismo pode continuar vivendo vegetativamente ainda que seu cérebro não funcione mais, a alteração dos reflexos após a supressão cortical é índice de que há no animal normal uma integração entre os diferentes níveis do sistema nervoso – "De um modo geral, parece incontestável que os reflexos de um animal descerebrado são muito diferentes dos reflexos normais. (...) As chamadas atividades espinhais dependem pois de influências cerebrais ou cerebelais".[114]

---

[111] EC, p. 20.

[112] EC, pp. 20 e 21.

[113] EC, p. 21.

[114] EC, p. 22.

Merleau-Ponty passa em seguida a discutir como a ciência procura compatibilizar estas últimas observações com o modelo do circuito reflexo, periférico, e a suposição de uma verdadeira divisão funcional, hierárquica, entre sistema nervoso periférico e central, "um primeiro grau composto de arcos reflexos conformes ao tipo clássico, ao qual se sobreporia uma instância superior, centros coordenadores ou dispositivos inibidores, encarregada de governar os automatismos, de associá-los, de dissociá-los".[115] Para tanto, escolhe novamente um exemplo, o chamado reflexo de Babinski.

Quando se estimula a planta do pé de um indivíduo normal, ele flexiona os músculos da planta, fechando os dedos. Em certos casos, no entanto, os dedos se estendem, abrindo-se como um leque e elevando-se. Esta última reação é o reflexo de Babinski, observável em bebês muito jovens e em pessoas que sofreram lesões das vias piramidais. Ora, as vias piramidais são os feixes de axônios que comunicam o córtex cerebral com a medula, por onde passam as excitações nervosas que iniciam reações musculares *voluntárias*. Como explicar que a lesão destas vias influa num reflexo, reação involuntária e por isso, segundo a teoria clássica, regulada apenas pela medula?

Sherrington supõe, explica Merleau-Ponty, que há no homem um reflexo de extensão (que abre e levanta os dedos) pronto para funcionar, que o córtex inibe, permitindo, em consequência, o funcionamento do reflexo normal de flexão (que fecha e abaixa os dedos). Com o seccionamento da comunicação entre córtex e medula cessaria a inibição central – a inibição central seria inibida – e o reflexo de extensão estaria liberado, superpondo-se ao de flexão. A lesão das vias piramidais, a cessação da contribuição do córtex ao comportamento significaria, pois, "simples substituição de um circuito preestabelecido por outro".[116] O problema, diz Merleau-Ponty, é que a reflexo de Babinski (anormal) também está presente em paralisias que não afetam a comunicação entre córtex cerebral e medula e, por outro lado, não se mantém em pacientes com a lesão piramidal, "se o joelho estiver reflexionado, se forem postos em

---

[115] EC, p. 23.

[116] EC, p. 24.

posição ventral ou apenas se forem solicitados a executar certos movimentos de cabeça".[117]

A descrição ou explicação alternativa que ele oferece está nitidamente calcada na obra de Goldstein. O que decide se prevalece esta ou aquela reação, no sujeito normal, não é uma instância superior a combinar, autorizar ou inibir automatismos, assim como no doente o funcionamento parcial desta ou daquela parte do sistema nervoso não tem como efeito liberar os automatismos. No organismo saudável, bem como, dentro de limites mais estreitos, no doente, a reação é sempre condicionada "pela situação nervosa e motora no conjunto do organismo",[118] de modo que ela segue inteligível *como resposta biológica*, ou seja, como uma elaboração do organismo como um todo das mudanças que um estímulo, por exemplo, lhe ocasionam. Merleau-Ponty assinala, novamente em consonância com Goldstein, que ao modelo mecânico deve se substituir outro, "fundado no sentido biológico dos comportamentos, que se impõe ao mesmo tempo à psicologia e à fisiologia".[119]

Entende-se, assim, "o sistema nervoso como um todo, não como um aparelho feito de duas peças heterogêneas". Contudo, e isso nos parece de especial importância, Merleau-Ponty entende daí que, ao invés da subordinação suposta por Sherrington, existe transformação das partes instintivas do comportamento pelo chamado sistema nervoso superior: "o surgimento da razão, o surgimento do sistema nervoso superior, transforma as próprias partes do comportamento que dependem do cérebro médio e que parecem ser as mais instintivas".[120] Em nossa opinião, essa descrição parece enfatizar o papel do sistema nervoso superior, antecipando a transformação que o último capítulo da obra descreve como resultado da entrada em circuito da chamada ordem do sentido. Conquanto correta, ela parece esquecer que a não-subordinação tem também outro

---

[117] EC, p. 25.

[118] Idem. Neste trecho Merleau-Ponty remete diretamente à *Estrutura do Organismo*, em que Goldstein elabora com muito mais detalhes a explicação de como o organismo doente dá uma resposta dentro de seus limites às solicitações que lhe atingem.

[119] EC, p. 26.

[120] EC, p. 27.

sentido: as funções superiores (como a vida do sentido) dependem, estão intimamente relacionados, não apenas fundados ou apoiados sobre a vida orgânica dita inferior.

Com o que se quer dizer que, se a vida humana se guia pela ordem do sentido, é preciso não esquecer que a fisiologia certamente ensina que a relação aqui não é de subordinação, mas talvez extrapole até mesmo a fundação já esboçada por Merleau-Ponty: a vida orgânica pode sempre ecoar no sentido, a fisiologia na vida do espírito, e não apenas na doença, como ambas as teses parecem concluir. Embora esta observação seja antecipatória, na medida em que leva em conta proposições ainda não discutidas, ela assinala o lugar de onde poderiam ter sido extraídas outras conclusões, que nos interessam sobremaneira.

Outra inconsistência de Sherrington examinada por Merleau-Ponty diz respeito à chamada "lei do tudo ou nada", que postula que o organismo "não pode fazer duas coisas ao mesmo tempo". Sherrington observara que num reflexo ocorrem simultaneamente a contração de um músculo ou grupo de músculos e a extensão dos seus chamados antagonistas. "Os processos nervosos que comandam a contração dos flexores provocariam automaticamente a inibição dos extensores e reciprocamente",[121] no que consiste em essência a chamada "inervação recíproca" (que valeu a Sherrington o prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1932). O caso é que nos outros comportamentos, não-reflexos, o que se dá é uma combinação infinitamente variável de contração e extensão, inervação simultânea dos antagonistas, etc. – numa palavra, nesses casos não vale o tudo ou nada. Se nos ativermos ao modelo clássico, será preciso supor que o reflexo é um fenômeno de um tipo, os outros movimentos, de outro. Seguindo aí Goldstein, Merleau-Ponty propõe:

> "Se admitirmos que cada reflexo supõe uma elaboração dos estímulos na qual todo o sistema nervoso está envolvido, compreenderemos perfeitamente que ele não possa "fazer duas coisas ao mesmo tempo", sem ter necessidade de supor algum mecanismo de inibição especial. Quanto à distribuição regrada das excitações motoras, esta encontraria justamente sua explicação nessa mesma

[121] EC, p. 28.

> elaboração dos estímulos que seria a função própria do sistema nervoso." (EC, p. 29)

Sem desconhecer, portanto, a especificidade dos reflexos, não é necessário supor uma divisão rígida, de *natureza*, entre o sistema nervoso periférico, as reações mediadas pela medula, e o sistema nervoso "superior", cortical. Não se pode pensar este sistema unitário como todo homogêneo, mas tampouco como soma de partes heterogêneas, como já vimos. Merleau-Ponty fala de uma "elaboração central na qual se exprimem de fato as necessidades vitais do organismo".[122] Por meio do mesmo princípio interpretativo (goldsteiniano) explicar-se-iam as reações variáveis que Sherrington registra a estímulos seguidos, bem como o caso especial da inversão do reflexo. Para o organismo o novo estímulo não está desligado do precedente, nem a diferença entre as reações deve ser vista como espalhamento (irradiação) da excitação por circuitos nervosos isolados e capazes de uma única resposta, mas "a excitação é elaborada de tal maneira que a cada aumento notável ela se traduz, nos sistemas motores, por movimentos novos e se divide entre eles para acionar um gesto dotado de sentido biológico".[123] No caso da inversão, o ultrapassamento de certo nível de excitação e a inversão da reação devem ser entendidos não como a substituição de certos mecanismos por outros, mas como uma mudança de estratégia, uma reorganização global "em outro nível de excitação".[124]

Evidencia-se aqui, embora Merleau-Ponty não faça disso um tema neste momento, que o tempo está inscrito no organismo. Pense-se, para fins de comparação, numa máquina que responde sempre da mesma maneira ao mesmo "estímulo". A repetição lhe é perfeitamente indiferente. Se queremos que ela leve em conta a repetição, é preciso construí-la diferentemente, de modo que ela compute a soma dos estímulos, e prescrever-lhe as variações de resposta em função do cômputo. Podemos inclusive programá-la para uma mudança quando certa quantidade de demandas se acumular. Mas a rigor nada disso faz com que a repetição signifique coisa alguma para a

---

[122] EC, p. 38.

[123] EC, p. 34.

[124] Ec, p. 38.

máquina. E portanto não há de fato tempo para ela. O organismo, pelo contrário, se dá significação à repetição, é porque tem tempo, porque a dimensão temporal altera o sentido do mesmo em outro, mudança que se exprime pela variação qualitativa da resposta. Tempo e sentido parecem caminhar *pari passu*, já neste nível de análise, de modo que a história, o sentido que a reaparição de algo adquire à medida em que a retenção constitui tempo, parece desde logo coetânea à vida. Tal sentido não é meramente intelectual, mas se expressa mesmo na ausência de consciência nas reações do organismo aos estímulos repetidos (quer aumentem, diminuam ou conservem-se na mesma intensidade); é, se quisermos, um sentido dado pelo todo orgânico, por contraste com um sentido fundado nas operações com a linguagem.

E mais uma vez se evidencia a iniciativa deste todo orgânico: "a excitação nunca seria o registro passivo de uma ação exterior, mas uma elaboração dessas influências que as submete de fato às normas descritivas do organismo".[125] Donde novamente a fisiologia apontar para uma má divisão entre mundo de causas e organismo passivo-reativo. Talvez possamos repetir também que isso não é ainda um argumento imediato contra a clivagem entre subjetivo e objetivo que representa o ponto de partida e fuga da tese pontiana. O cientista vê tanto o mundo das causas que reputa inteiramente exterior quanto o organismo, com seu interior maquínico, como objetivos. Mas, se a admissão de que todo o comportamento é apenas extensão dos reflexos, portanto de natureza mecânica, levava a que a ciência fosse também apenas efeito (e por aí solapava a ideia mesma de verdade), por outro lado se vê desde já que a impossibilidade de distinguir de um ponto de vista exterior entre um mundo objetivo exterior e um mundo objetivo interior aos organismos não é sem consequências para as definições de ciência e verdade, para não mencionar do ser – mas essa é outra questão que por ora apenas cabe assinalar.

Antes seria preciso enxergar melhor a mistura entre dentro e fora do organismo, entre ser vivo e meio, tema da quarta e última seção do primeiro capítulo da EC, que versa sobre a correlação entre estímulo e *reação*. Merleau-Ponty se concentra a princípio na dificuldade que a teoria dos reflexos tem para explicar que, encontrando o

---

[125] Idem.

corpo ora numa, ora noutra posição, de infinitas possíveis, a reação sempre vá literalmente ao ponto. Uma pessoa coça o lugar certo, não importa onde estejam seu braço, sua mão, o lugar a ser coçado; mesmo que se supusesse tantas ligações entre o ponto de destino quantos músculos a serem movidos em diferentes posições iniciais, como o organismo escolheria qual usar? Uma resposta possível seria que ele usaria primeiro a proprioceptividade (ver nota 13) para determinar os músculos a serem movidos e acioná-los, mas Sherrington excluiu experimentalmente esta hipótese, ou seja, as coordenadas de posição do corpo não precisam ser "imediatamente dadas com a estimulação local".[126]

O que se evidencia é que o corpo "sabe" onde suas partes estão, ou, melhor, tem uma existência imediatamente espacial, na qual estão tanto o espaço interno definido pela posição das suas partes quanto o espaço externo. E estes dois espaços, que se diferenciam sem contudo se separar, não são dados por reflexo (dependentes de estimulação pontual): "o animal e o homem reagem pois de uma maneira adaptada ao espaço, mesmo na ausência de estímulos pontuais ou de estímulos recentes que sejam adequados".[127] Quer dizer que o espaço do corpo próprio está inscrito nele, e ele no espaço próprio, que não se limita ao corpo, mas inclui ao menos seu campo de ação, são uma e a mesma coisa ou, nas palavras de Buytendijk, citado por Merleau-Ponty: "este espaço está ligado ao corpo próprio do animal, como uma parte de sua carne".[128] Em suma, para que se conceba a adaptação da reação aos estímulos em casos isolados como reflexos, é necessário admitir a existência deste espaço-carne (que não respeita estritamente a fronteira corpo-mundo). Nesse ponto aparece com mais clareza a noção de forma: o corpo integrado é um espaço corporal, que inclui seu campo de ação, e este espaço é um campo de formas, não o espaço homogêneo e fragmentado em pontos geométricos da mecânica clássica.

---

[126] EC, p. 39.

[127] Ec, p. 41.

[128] A obra de Buytendijk de onde vem a citação, a que não tivemos acesso, é "Versuche über die Steuerung der Bewegungen", p. 94, segundo as notas 58 e 59 da EC (pp. 41 e 42). Neste mesmo trecho Merleau-Ponty também cita Schilder (*Das Körperschema*).

Neste ponto, que é central para as duas teses, Merleau-Ponty se orienta pelas posições convergentes de Goldstein e Weizsäcker. Nas palavras do primeiro:

> "The milieu in which a movement normally occurs belongs initially to the non conscious "plan" of the movement. Weizsacker is quite right in saying that "the environment and the pattern of the environment is an image which, for all animals and man also, is the product of a passive-active, sensori-motor process of perception and knowledge." By analyzing a number of movements of my patients I was able to prove that the execution of movement is determined by the "milieu" that goes with the intended action." (*The structure of the organism*, p. 140)

É oportuno notar também que esta figura espacial inscrita no corpo por processos sensórios inconscientes é parte importante do fundo de atividade nervosa sobre o qual se destacam as figuras, por exemplo os movimentos reflexos. Sobre estas figuras, no caso dos movimentos voluntários, Goldstein diz:

> "As long as a connection exists at all, the innervation succeeds because the total excitation pattern, which corresponds to the intended movement, can effectuate itself. This is because the total excitation pattern is not confined to a definite anatomical structure but represents a definite excitation Gestalt that can utilize, for its course, any available structure." (*The structure of the organism*, p. 187)

Teríamos de entender, assim, a imagem corporal ou o espaço corporal como fundo constante, embora sempre mutante, de toda ação, consciente ou inconsciente, de iniciativa medular ou cortical etc. Este entendimento da ação como figura sobre o fundo do estado global do organismo inclui não apenas o espaço corporal (o que Sherrington creditou à propriocepção), mas também todas aquelas condições vegetativas de que se falou antes (associadas por sua vez à interocepção). Mas então já não podemos entender a ação integrativa do sistema nervoso como uma série de eventos sobre um fundo neutro. O próprio Sherrington, como vimos, já admitia que o reflexo é uma noção abstrata *porque o sistema nervoso sempre se encontra num estado de excitação prévia*

ao evento que se expressa como performance. Esta excitação tem como conteúdos o espaço e o estado corporais sobre cujo fundo se destacarão as performances.

Um problema que se coloca então, de ordem metodológica e epistemológica, é se é possível manter nalguma medida quaisquer das noções explicativas da fisiologia clássica. Não é um problema menor, já que, como vimos, os experimentos cruciais que levam ao descarte da teoria clássica dos reflexos e evidenciam a necessidade de uma reforma da ideia da fisiologia e da compreensão dos organismos se fundam justamente nos pressupostos do empirismo, da análise real etc. A compreensão mecanicista e atomística do organismo se autocontesta pelo malogro dos seus experimentos. Não é necessário adotarmos uma visão do organismo em que tudo depende de tudo, porque não se pode encontrar a dependência unívoca e linear que os pressupostos projetavam; mas como ainda é possível esperar algum esclarecimento? Os experimentos não apenas não encontram o que procuravam, mas parecem ter encontrado algo a que ainda é preciso dar um sentido mais claro. Quer dizer, eles têm *certa* validade, que se põe assim como tema.

A vasta maioria dos exemplos científicos repertoriados por Merleau-Ponty vem de Goldstein. Este insiste sempre em que os fenômenos produzidos pelo método artificial da experimentação em laboratório são inadequados para entender a classe dos fenômenos naturais a que chamamos vida e organismo vivo, ao mesmo tempo em que igualmente insiste no fato de que não havia melhor recurso, de modo que o conhecimento biológico procederia sempre por uma interpretação por assim dizer indireta das "evidências". Goldstein deixa bem claro que os fenômenos artificiais diferem *essencialmente* dos naturais, que o comportamento do organismo confinado, descerebrado ou, em geral, limitado artificialmente e reagindo a estímulos parciais é de outra *ordem* que o comportamento natural e integrado. Enquanto a primeira ordem de fenômenos é acessível ao método indutivo, a segunda, ou seja, aquilo que propriamente se deseja conhecer, só seria acessível por um tipo de inteligência que Goldstein remete a algo como uma intuição de essências, nomeadamente ao ideal goetheano de conhecimento:

> "We do not look for a ground in reality that constitutes Being but for an idea, a reason in knowledge, by virtue of which all particulars can be tested for their agreement with the principle - an idea on the basis of which all particulars become intelligible, if we consider the conditions of their origin. We can arrive at this picture only by a form of creative activity.
>
> Biological knowledge is continued creative activity, by which the idea of the organism comes increasingly within reach of our experience. It is a sort of ideation equivalent to Goethe's *"Schau,"* a procedure that springs continuously from empirical facts and never fails to be grounded in and substantiated by them". (*The structure of the organism*, p. 307)

A essência do organismo constituiria aquele princípio interpretativo que permitiria ao cientista organizar um sentido para os fenômenos distorcidos pelo isolamento laboratorial, de modo que ele pudesse enxergar neles, mas também e sobretudo através deles, o funcionamento normal, natural e integrado. Ou seja, tal princípio interpretativo se revela indiretamente no material, mas de forma alguma pode ser deduzido, em sentido técnico, dele (funciona mais ou menos à maneira da *ideia* que constitui o núcleo donde irradia o sentido da obra de arte).

Desde nosso ponto de vista, hoje, parece que o tempo deu ampla vitória científica aos partidários desta posição equilibrada, que atesta a necessidade de uma hermenêutica dos resultados de laboratório, já que os instrumentos de investigação permitem observar sempre apenas partes ou sinais de partes dos processos nervosos, que são por sua vez indícios a partir dos quais se pode reconstituir o todo. Assim, parece ponto pacífico que, como escreveu Merleau-Ponty, "... o reflexo existe; ele representa um caso muito particular de conduta, observável em condições determinadas. Mas não é o objeto principal da fisiologia, *não é através dele que podemos entender o resto*".[129]

---

[129] EC, p. 67.

O próprio Sherrington parece dizê-lo, já que em 1947, numa reedição das conferências, ele escreve:

> "The volume here reprinted concerns itself predominantly with the type of motor behaviour which is called 'reflex'; it might give the impression that in reflex behaviour it saw the most important and far-reaching of all types of 'nerve' behaviour.That is in fact not so. But reflex action presents certain advantages for physiological description. It can be studied free from complication by that type of 'nerve' activity which is called autochthonous (or 'spontaneous') and generates intrinsically arising rhythmic movements, e.g. breathing, etc. But taken in comparison with the great field of behaviour in general, pure reflex action of itself cannot be seen to cover such extensive ground as do the instincts actuated by 'urges' and 'drives'. But the mechanism of these has hardly yet been analysed sufficiently for laboratory treatment. *The pure apsychical reflex has a smaller role. Studied in that self-contained animal group, the Vertebrates, behaviour seems to become less and less reflex as the animal individual becomes more and more completely individuated.* The 'spinal' man is more crippled than is the 'spinal' frog". (pp. ix–x in the 1947 reprint.)[130]

E no entanto, como Merleau-Ponty assinala, o reconhecimento da insuficiência da teoria, mais exatamente de seu pressuposto ontológico e epistemológico mais fundamental, não acarretou a reformulação radical que seria de se esperar. O que se deve tornar evidente e decisivo é justamente a passagem entre as explicações dos fenômenos observados, – por assim dizer periféricas e pertencentes a uma série cuja historicidade é mais rápida, que buscam dar conta dos resultados experimentais –, e os pressupostos tácitos, centrais, a que nos referimos acima. Curiosamente, os experimentos testemunham contra as explicações, o que por sua vez deve ecoar até o subsolo das teses epistemológicas e ontológicas – o mais efêmero, o fato observado, o detalhe, prevalece contra a lógica aparentemente intemporal das doutrinas.

Assim é que as observações experimentais revisadas na primeira seção parecem, na opinião de Merleau-Ponty, pedir outra teoria, que lhes faça melhor justiça. A *Gestalt*

---

[130] Citado por Burke, p. 888. Grifo nosso.

já havia intentado uma tal reinterpretação, aliás oferecida como alternativa à teoria clássica e à teoria clássica corrigida por Sherrington ao longo da primeira seção; trata-se agora de discutir a proposta de que a noção de forma assuma o papel de fundamento explicativo em biologia.[131] Para tanto, o autor volta ao tema da localização das partes do corpo, de que uma resposta adequada a um estímulo depende, e propõe que a posição de qualquer parte do corpo, que está "a cada momento (...) exprimida no centro pela proprioceptividade, é suficiente para regular sem aprendizagem a direção e a amplitude da reação". Conclui daí "que sensor e motor funcionam como partes de um único órgão".[132] Desta perspectiva, e segundo os gestaltistas (bem como Goldstein), os movimentos aparecem como ações de compensação pelas quais se restaura o equilíbrio de forças no campo perceptivo.

Assim, se voltamos os olhos para um ponto luminoso no escuro, é porque esse movimento restabelece "um equilíbrio cujas condições são dadas no setor sensorial do sistema nervoso". Na verdade, "os movimentos aparecem como a expressão exterior dessa reorganização do campo das excitações". A mesma luz durante o dia – mesma do ponto de vista da análise real, quer dizer, o mesmo número de fótons etc. – não provocaria o mesmo movimento de fixação ocular, porque não representaria o mesmo desequilíbrio do campo de excitações sensoriais, pois, o ambiente sendo mais luminoso, o aparecimento de um foco não cria uma zona tão distinta, e portanto não gera tensão.

Esse campo sensório-motor é então, segundo a doutrina da Gestalt, comparável a certos sistemas físicos em que partes móveis são acionadas para equalizar diferenciais de energia. A comparação é útil e consta da doutrina fundante de Koehler, mas, aponta Merleau-Ponty, não é possível pensar nos organismos como estritamente análogos aos sistemas dinâmicos da física, já que os meios que o organismo utiliza em suas ações de compensação são variáveis, que cada organismo tem seu estado de equilíbrio e que,

---

[131] Título da segunda seção do primeiro capítulo da EC é a "interpretação do reflexo na teoria da *Gestalt*", seu início é assinalado na edição brasileira por três asteriscos, na p. 46. Nesta edição, os subtítulos dos capítulos constam do índice mas foram omitidos do texto, o que priva o leitor de uma orientação dada pelo próprio autor.

[132] EC, p. 50.

ademais, um mesmo organismo pode eleger diferentes estados de equilíbrio em diferentes momentos.

Por outro lado, Merleau-Ponty contradiz os críticos de Koehler enfatizando que as analogias entre organismos e sistemas físicos não são o decisivo, mas que o autor procurava por meio delas "introduzir uma nova categoria, a categoria de "forma" que, tendo sua aplicação tanto no domínio inorgânico quanto no domínio orgânico, permitiria fazer aparecer no sistema nervoso, sem hipótese vitalista, as "funções transversais" de que Wertheimer falara e cuja existência é confirmada pela observação".[133] Resta saber, acrescenta Merleau-Ponty, em que as formas biológicas se diferenciam das formas físicas, questão que dá a orientação geral de todo o resto da obra.

Por ora, contudo, é importante enfatizar, junto com o autor, que com a noção de forma se pretende desbancar não apenas a de reflexo, mas também "todas as formas do pensamento causal". Já vimos como a noção de causa não tem o condão de explicar os fenômenos obtidos em experimentos desenhados segundo os pressupostos do empirismo, quer dizer, da ciência, da análise real, do isolamento experimental das partes constitutivas do organismo e das supostas causas dos comportamentos. Em primeiro lugar porque a primeira distinção, entre o mundo das causas exteriores e o mundo interno passivo orgânico, não se sustenta. Também porque a noção de um evento isolável não se sustenta diante da evidência de que todo comportamento se destaca como evento de um organismo, quer dizer, se torna possível ou impossível, e ademais se modula, com suporte num estado corporal, nervoso, espacial em que não é possível distinguir o que é do corpo e o que é do ambiente.

Como dissemos, a colocação fora de circuito de uma noção como a de causa evidentemente abala as perspectivas da ciência do organismo. O que Merleau-Ponty parece esperar da noção de forma é que possa fornecer-lhe outra inteligibilidade:

> "se tudo dependesse realmente de tudo, tanto no organismo como na natureza, não haveria nem

---

[133] EC, p. 69.

> leis nem ciência. Os processos de conjunto de Koehler admitem uma clivagem interior e a teoria da Gestalt se mantém a uma igual distância tanto de uma filosofia da simples coordenação (*Und-Verbindungen*) quanto de uma concepção romântica da unidade absoluta da natureza". (EC, p. 63)

Como se vê, uma inteligibilidade que permita compreender da natureza como unidade articulada, ou seja, em que há "clivagem interior". Conforme se explicita na sequência da obra, isso significa estabelecer diferenciações na noção mais geral de forma, de modo que ela seja um fundamento explicativo geral que permita ainda distinguir entre a matéria inanimada, os seres vivos e os seres humanos.

2.2 Crítica da teoria dos reflexos condicionados (empirismo aplicado ao funcionamento central, à aquisição de hábitos e ao aprendizado)

Situemo-nos por um instante no plano geral. *A Estrutura do Comportamento* está dividida em duas partes, uma primeira científica, que compraz os dois primeiros capítulos, outra filosófica, que ocupa os dois últimos. Os dois capítulos da primeira parte são em grande medida similares, uma vez que, nas palavras de Merleau-Ponty, tratam ambos de "criticar o atomismo psicológico e fisiológico",[134] primeiro tal como se expressa na teoria clássica do reflexo, remanejada por Sherrington e concentrada na explicação dos fenômenos produzidos no sistema nervoso periférico, em seguida na teoria dos reflexos condicionados de Pavlov, centrada na pesquisa dos chamados "comportamentos superiores"[135] e votada a formular uma teoria do funcionamento central.

No segundo capítulo, chama atenção que a teoria de Pavlov seja dispensada muito mais rápido que a de Sherrington, enquanto esperaríamos que a presumível maior complexidade do segundo tema levasse a uma discussão mais extensa. Outra diferença notável – e evidentemente ligada à primeira – é que no primeiro capítulo a Gestalt aparece sobretudo como contraponto, sendo discutida por si apenas algumas páginas na conclusão, ao passo que no segundo torna-se tema central a partir da argumentação que busca estabelecer a impossibilidade de "remendar" o atomismo – o empirismo, a análise real, a noção de causa – pelas noções de coordenação e integração. Em suma, o tratamento sumário do problema dos reflexos condicionados que abre o segundo capítulo funciona como um *ritornello* do debate contra o empirismo, a que se segue uma transição da causa e das categorias-consortes para a noção de forma, cujo exame propriamente filosófico, que é uma crítica das limitações conceituais da *Gestalttheorie*, ocupará a segunda parte da obra.

---

[134] EC, p. 120.

[135] O termo "comportamentos superiores" aparece já em Pavlov, na p. 1 da obra (*Conditioned Reflexes*...) que reúne uma série de conferências que, como as de Sherrington, apresentavam mais de vinte anos de sua pesquisa.

A teoria dos chamados reflexos condicionados aponta ainda para a FP: "A análise do comportamento perceptivo desenvolveu-se inicialmente como complemento e extensão da teoria do reflexo".[136] O leitor contemporâneo pode não entender imediatamente a associação: a teoria de Pavlov não concernia primariamente a aquisição de hábitos, como se acredita comumente, mas era muito mais ambiciosa, pretendia dar conta de toda interação do organismo com o ambiente que extrapole as reações descritas pela teoria clássica do reflexo, limitadas ao contato direto do estímulo e à regulação interoceptiva – a percepção, deste ponto de vista, seria também um conjunto de reflexos condicionados. Para Pavlov, tal tarefa correspondia ao desenvolvimento de uma fisiologia dos hemisférios cerebrais, já que eles seriam os responsáveis pelo comportamento complexo que garante a adaptação fina do organismo ao meio e, por aí, sua sobrevivência.[137] Depois de recusar os métodos da psicologia da introspecção (designação corrente para a psicologia de Wundt), Pavlov indica sua filiação direta (bem como da fisiologia em geral) à concepção cartesiana do organismo e do reflexo, que ele propõe estender, a partir do estado atingido por Sherrington e seus continuadores, ao funcionamento central:

"Three hundred years ago Descartes evolved the idea of the reflex. Starting from the assumption that animals behaved simply as machines, he regarded every activity of the organism as a necessary reaction to some external stimulus, the connection between the stimulus and the response being made through a definite nervous path: and this connection, he stated, was the fundamental purpose of the nervous structures in the animal body. This was the basis on which the study of the nervous system was firmly established. In the eighteenth, nineteenth and twentieth centuries the conception of the reflex was used to the full by physiologists. Working at first only on the lower parts of the central nervous system, they came gradually to study more highly developed parts, until quite recently Magnus, continuing the classical investigations of Sherrington upon the spinal reflexes, has succeeded in demonstrating the reflex nature of all the elementary motor activities of the animal organism. Descartes' conception of the reflex was constantly and fruitfully applied in these studies, but its application has stopped short of the cerebral cortex.

It may be hoped that some of the more complex activities of the body, which are made up by a grouping together of the elementary locomotor activities and which enter into the states referred to in psychological phraseology as "playfulness," "fear," "anger," and

---

[136] EC, p. 77.

[137] Pavlov, I. P. *Conditioned Reflexes.* Oxford University Press, Humphrey Milford, s/d, p. 2.

so forth, will soon be demonstrated as reflex activities of the subcortical parts of the brain." (*Conditioned Reflexes*, p. 4)

Pavlov supunha ainda que cada animal, segundo sua espécie, nasceria com certo número de circuitos nervosos preestabelecidos, sensíveis a certos estímulos, os estimulantes incondicionados ou naturais, e responsáveis pelas reações designadas como "reflexos nativos". Nas palavras de Merleau-Ponty, a capacidade de reagir a um meio mais "rico" "é obtida pela transferência do poder dos excitantes naturais para estímulos novos: basta multiplicar os comandos dos quais dependem nossas reações inatas e, particularmente, agrupá-los em cadeias de reações automáticas". Quando o animal estende seu repertório de comportamentos, isso significaria que o circuito nervoso responsável pela recepção do novo estímulo teria sido associado ao circuito inato causador da reação ao estímulo incondicionado. A percepção do novo estímulo passaria a induzir, pelo estabelecimento de uma conexão anatômica entre os dois circuitos, a reação ao estímulo incondicionado, ou, noutras palavras, funcionaria como sinal ou sinalizador para a reação reflexa original.

O método pavloviano preconizava então que se condicionassem os animais a reagir a estímulos estranhos aos de seu repertório inato, para que se pudessem precisar as leis da aquisição e da extinção dos reflexos ou, mais precisamente, da conexão entre os circuitos nervosos preestabelecidos que subjazeriam às reações. Como as reações dos animais submetidos aos experimentos não correspondiam ao que seria de se esperar pela composição dos estimulantes, Pavlov elaborou as noções complementares de inibição e desinibição para explicá-las. Ele entendia que a situação experimental, necessariamente composta de vários elementos, era espelhada no sistema nervoso por "um mosaico de excitações físicas e químicas", em que se estabeleceriam novos circuitos correspondentes aos novos estímulos e ligações entre estes últimos e os circuitos inatos, dos reflexos inatos. Como "as novas conexões resultam das contiguidades de fato que nela se encontram, essas conexões são inicialmente estabelecidas aleatoriamente... e o desenvolvimento consistirá, para Pavlov, como a aprendizagem para o empirismo psicológico, numa série de erros compensados".

A associação se daria em princípio com *todos* os novos elementos da situação, e seria necessária então "uma contraforça que venha corrigir os efeitos da irradiação e impedir um estímulo qualquer de provocar qualquer uma das reações com as quais foi

associado. É a inibição."[138] E ainda, para explicar a inadequação entre os resultados e a teoria, uma terceira ação nervosa, a contrainibição, arrestaria em determinados casos o efeito da inibição, liberando a reação. Assim, mantém-se o pressuposto básico de que para cada processo (reação) existe um circuito nervoso que termina num ponto cortical, "marcado" ou com um valor positivo (excitação) ou negativo (inibição), correspondendo tais valores a uma reação positiva ou negativa; no caso em que possa haver competição entre os circuitos (como nos casos de irradiação em que áreas reflexógenas para diferentes estímulos se superpõem),[139] o resultado final deste mosaico será determinado como "uma soma algébrica".[140]

Na discussão dos experimentos de condicionamento, Merleau-Ponty mostra que tal álgebra dos estímulos que deveria se espelhar nas reações fracassa sistematicamente. Isso porque, explica, os "postulados atomistas da análise real" levariam a transferir "para a atividade orgânica os modos de clivagem que convêm a um universo de coisas".[141] No caso, levariam a acreditar que um estímulo é um objeto, um elemento sensível, ao passo que a experiência científica revela que em verdade o excitante não é elementar, mas "a estrutura precisa da situação".[142]

Mas insiste sobretudo na indigência teórica das noções fundantes da explicação pavloviana do reflexo condicionado – que contrasta agudamente com os milhares de

---

[138] EC, pp. 77, 78, 79.

[139] Pavlov, op. cit., conferência XIII.

[140] EC, pp. 91, 92. O trecho diz respeito à inexistência de coordenação receptora ou motora no modelo pavloviano do funcionamento central. A coordenação se reduziria à soma: "Os postulados atomistas que obrigam Pavlov a considerar o excitante complexo como uma soma de excitações simples excluem da fisiologia nervosa a noção de coordenação receptora. Procura-se o modelo da ação nervosa no processo "elementar" que associa uma reação simples a um processo isolado. Como há uma correspondência termo a termo entre um e outro, é sob forma de conexões (ou de disjunções) que se imagina o substrato fisiológico da reação e que se marca no mapa do cérebro pontos de chegada da excitação; imagina-se, nos pontos de inervação positivos e negativos, as reações positivas ou negativas constatadas. Se passarmos para reações mais complexas, diferentes estímulos se encontrarão concomitantemente nesses pontos. Mas seus poderes adquiridos só combinam-se através de uma soma algébrica e sua reunião pode apenas permitir ou proibir, reforçar ou atenuar, não *modificar qualitativamente* a reação comandada pelo ponto de inervação. A fisiologia de Pavlov exclui do mesmo modo a ideia de coordenação motora."

[141] EC, p. 84.

[142] EC, pp. 83, 84.

experimentos –, relacionando-a à impossibilidade de uma explicação fisiológica "direta". A complexidade do funcionamento central,[143] aliada a uma epistemologia ingênua, havia favorecido, segundo Merleau-Ponty, o desenvolvimento de uma "fisiologia imaginária".[144] Como adverte Moinart,[145] Merleau-Ponty antecipa neste passo uma tese fundamental da filosofia da ciência e objeta que as noções fundamentais de inibição e desinibição (ou contrainibição) invocadas por Pavlov para explicar num quadro mecanicista os fenômenos observados em laboratório fazem com que a teoria escape "... evidentemente ao desmentido da experiência, já que sempre pode fazer intervir numa dada situação um dos dois princípios, em vez do outro. Pela mesma razão, ela não é capaz de nenhuma justificativa experimental"[146].

O que se segue é uma contestação mais geral das pretensões do "método fisiológico", discussão propriamente epistemológica em que o autor afirma que a cientificidade da fisiologia é fundada numa transferência indevida da evidência dos fatos fisiológicos diretamente observados para aqueles que se supõe terem lugar com base na observação dos comportamentos. A conclusão é que "... o método fisiológico, que parece encarnar o melhor espírito científico é na realidade aquele que mais exige conjecturas e de todos é o menos direto". O que efetivamente se sabia, por evidência direta, sobre a fisiologia do sistema nervoso central era, avaliava Merleau-Ponty, insuficiente para basear uma explicação de qualquer tipo que fosse do comportamento, bem como a descrição do comportamento ainda não havia dado lugar a conjecturas seguras sobre o funcionamento fisiológico. Trata-se sempre, afirma, de procedimentos indiretos.

---

[143] "... de fato, o que sabemos *diretamente* do funcionamento nervoso se reduz a pouca coisa." EC, p. 90. Grifo nosso.

[144] EC, p. 89.

[145] Moinart, *Le vivant et sa naturalisation…*, edição eletrônica, marcador em 36%: "… comme Sherrington, Pavlov doit recourir aus expedient d'une théorie compliquée pour sauvegarder son ontologie… Merleau-Ponty montre bien le caractère problématique d'une telle théorie en soulignant – anticipant par là l'idée bien connue de Karl Popper – qu'en forçant de la sorte son adéquation avec les resultants empiriques, elle deviant infalsiabble". O autor cita então o trecho que também citaremos a seguir.

[146] EC, p. 89.

Além disso, duas referências (a Goldstein, e a Buytendijk e Plessner) parecem sinalizar para o problema do sentido do conhecimento fisiológico: “Com razão podemos nos perguntar se a objetividade, no conhecimento fisiológico, se confunde com os métodos de medida física e química”. Esta citação é referida a Goldstein, e na nota Merleau-Ponty cita textualmente Buytendijk e Plessner: “Se dizemos: a excitação é uma modificação da tensão superficial de uma célula nervosa, não apenas não ganhamos nada com isso, no que respeita a compreensão do próprio fenômeno, mas ainda perdemos de vista a excitação como fenômeno fisiológico. Exatamente como a definição que faz do som uma vibração do ar torna sem dúvida possível a acústica física, mas fecha o acesso à imediatidade e assim à teoria da música”.[147]

Este último trecho, dizíamos, parece remeter a um problema epistemológico diferente do da verdade, mas que se pode estimar fundamental: ainda que tenhamos conhecimento, é preciso saber em que nível ele faz sentido, se é o tipo de explicação que se deve buscar. Faz lembrar um trecho de Platão,[148] em que Sócrates diz que seria possível dizer que ele está para morrer porque mexera certos membros, acionara certos músculos, tomara esta e aquela direção e assim acabara ali, numa cela, de onde seria levado (ajuntamos, ainda pelo acionamento de certos músculos, e de certos circuitos nervosos) para sua execução. Mas a razão pertinente ao caso estava noutra ordem de realidade, na qual não era possível fugir. Trata-se, *evidentemente não por acaso, mas também não sem importantes modificações*, de uma região da "ordem do sentido" em que o comportamento encontra sua explicação adequada, e que Merleau-Ponty procura destacar contra a esfera dos fenômenos físicos elementares a que a ciência de inspiração empirista tentava reduzir todo o resto.

Pavlov teria, portanto, concebido um objeto de estudo inteiramente fictício, um método equivocado e explicações arbitrárias. Não se pode pensar o cérebro como um mosaico de processos elementares de natureza mecânica que compusessem por soma os

---

[147] EC, p. 90. Nota 24, refere a uma obra de Buytendijk e Plessner, *Die physiologische Erklärung des Verhaltens*, p. 163.

[148] *Fédon*?

comportamentos ditos superiores. É preciso, antes de tudo, definir adequadamente o que se procura explicar. Uma vez que há relação óbvia entre estímulos, processos nervosos e reações, como entender o funcionamento do sistema nervoso, não quando reage pontualmente, como no reflexo, mas quando está inteiramente engajado nas performances complexas que constituem o comportamento normal? Para fazer frente ao mecanicismo da teoria dos reflexos condicionados e sua fisiologia simplista, Merleau-Ponty se arrisca a tentar resumir o que estima ser "um acordo... sobre o sentido das localizações em geral, sobre o significado do lugar na substância nervosa".[149]

Conquanto as pesquisas científicas ainda estivessem em curso, ele pensava que havia consenso quanto a admitir uma "concepção mista das localizações".[150] Haveria dois tipos de localização no sistema nervoso, a horizontal e a vertical. A primeira diz respeito à projeção das superfícies sensíveis e dos músculos no córtex, a segunda, ao que Merleau-Ponty chama de "função", "tipo de funcionamento", "nível de conduta", numa palavra, aos comportamentos superiores, como a linguagem ou a percepção. Já no primeiro nível, como vimos, mesmo a projeção um-para-um não significa que o conteúdo da percepção é determinado, fixo, invariável (o simples anatômico não corresponde ao simples funcional); no funcionamento normal, não é possível isolar a contribuição dos condutores nervosos no comportamento, "já que... eles mantêm relação funcional com o centro. A localização, nos receptores, de estímulos elementares não determina de uma maneira unívoca os caracteres espaciais ou qualitativos das percepções correspondentes, que já dependem da constelação dos estímulos simultâneos."[151] Em todo caso, ainda é possível falar de uma *projeção*, e sabe-se com razoável clareza o que ela significa.

As localizações chamadas verticais envolvem pelo contrário uma dificuldade de elaboração, já que não se pode interpretá-las nos termos do mundo dos objetos reais. A princípio Merleau-Ponty observa que não se pode discutir a função do SNC sem uma "reflexão metodológica, sem uma teoria do conhecimento biológica", com o que quer

---

[149] EC, pp. 93, 94.

[150] A expressão aparece no título do terceiro tópico da exposição sobre o funcionamento central, p. 112

[151] EC, p. 115.

dizer que é preciso refletir sobre *o que* está sendo localizado. Não se trata, como vimos, de conteúdos, mas de tipos de comportamento, que têm em comum contudo que ao assumi-los seu sujeito se situa "na esfera daquilo que é apenas “possível” ou “concebido””. “Trata-se sempre, em alguma medida, da deficiência de uma função fundamental que Gelb e Goldstein chamam de “atitude categorial”, Head de poder de “expressão simbólica”, Woerkom de “função de mediatização” (*darstellende Funktion*)”. Goldstein descreve o comportamento doentio também como “a incapacidade de captar o essencial de um processo”. Merleau-Ponty aduz que as lesões que afetam este substrato redundam na “incapacidade de circunscrever nitidamente um conjunto percebido, concebido, ou apresentado, a título de *figura*, em um *fundo* tratado como indiferente. A transformação patológica acontece no sentido de um comportamento menos diferenciado, menos organizado, mais global, mais amorfo”.[152]

Observemos que estamos lidando aqui com a psicopatologia que se anunciava nos projetos de 33 e 34 como mais promissora que a neurologia (e a neuropatologia). Segundo o método de relacionar lesões e déficits comportamentais, observa-se que "as lesões do córtex raramente provocam distúrbios eletivos que afetariam isoladamente certos fragmentos do comportamento”,[153] via de regra elas afetam "classes de performances". Assim, quando o cérebro é atingido estamos diante de "distúrbios de estrutura",[154] o que traz uma importante consequência metodológica (do ponto de vista do cientista) e epistemológica (do filósofo): não se pode mais entender a situação por meio das categorias aplicáveis ao universo dos objetos reais; pelo contrário, "a doença não diz diretamente respeito ao conteúdo do comportamento, mas à sua estrutura, e (...) consequentemente ela não é algo que *se observa*, mas algo que *se entende*". Do ponto de vista do filósofo, precisa-se ainda que “... a relação do distúrbio essencial com os

---

[152] EC, p. 98.

[153] EC, p. 96.

[154] EC, p. 106.

sintomas não é mais de causa/efeito, mas a relação lógica de princípio/consequência ou de significado/signo."[155]

Antes de passar à discussão destas consequências, cabe uma observação relativa ao problema das localizações, que as funda: a exposição pontiana exibe uma pequena hesitação aqui, que nos parece refletir uma explicação científica muito incipiente. Merleau-Ponty primeiro afirma que "Lashley já havia assinalado que o efeito de uma lesão central, que é, como vimos, dissociar o comportamento e comprometer sua articulação, depende muito menos do lugar da lesão do que de sua extensão",[156] para no item seguinte afirmar, em sentido evidentemente diferente, que Goldstein e Baumann "concordam (...) em reconhecer que a localização das lesões determina por assim dizer o ponto de aplicação principal dos distúrbios de estrutura e sua distribuição preferencial".[157] Mais claramente oposta à primeira observação é aquela atribuída algumas páginas adiante a Goldstein, "o lugar (da lesão) tem um significado essencial na constituição de um quadro de sintomas determinado"[158]. A questão é retomada perto do fim da obra, onde ressalta a "ambigüidade da natureza corporal": não seria possível localizar função alguma, já que "cada região desempenha um papel apenas no quadro de uma atividade global", mas seria igualmente verdadeiro que "certas partes da substância nervosa são indispensáveis para a recepção de certos estímulos, para a execução de certos movimentos" etc., e como mesmo quando não se mostra claramente especializada "a substância nervosa é em cada lugar insubstituível", o filósofo conclui que há "um cruzamento inextricável de localizações "horizontais" e de localizações "verticais"...".[159]

---

[155] EC, p. 99.

[156] EC, p. 107.

[157] Ec, P. 108.

[158] EC, p. 110. Remete (nota 77) a Goldstein "Die Lokalisation...", p. 661.

[159] EC, p. 320. Sabemos que a questão da localização das funções sofisticou-se bastante desde então, e não parece mais defensável que o cruzamento seja de fato "inextricável", embora muita coisa permaneça obscura.

Certamente se pode dizer que Merleau-Ponty chegou a uma concepção do funcionamento nervoso avessa à interpretação de vaga inspiração criticista que servira de ponto de partida, segundo a qual haveria uma infraestrutura sensorial, primeira e primitiva, sobre a qual operaria uma estruturação categorial (e também parece que podemos dizer que as pesquisas contemporâneas, por menos cientes de possíveis críticas epistemológicas, não contradizem tal entendimento, mas pelo contrário o confirmam ainda que em chave empirista ou desde um ponto de vista epistemologicamente confuso). Tomando novamente o exemplo do paciente de Gelb e Goldstein – o mesmo Schneider que tem um papel tão proeminente na FP – Merleau-Ponty recusa a tese de que a sua dificuldade de intuir uma multiplicidade como um único conjunto fosse derivada de um déficit visual proveniente da lesão occipital que sofrera:

> "A hipótese inversa torna-se mais provável: a constituição das formas visuais no sujeito normal dependeria de uma função geral de organização que condicionaria também a posse dos conjuntos simultâneos; o funcionamento natural da região occipital exigiria a colaboração da região central do córtex. Mas, por outro lado, como vimos, suplências nunca são substituições, a apreensão dos conjuntos simultâneos, quando os conteúdos visuais não estão disponíveis, torna-se rudimentar, não que dependa deles como o efeito depende de sua causa, mas porque apenas eles lhe fornecem um simbolismo adequado e são nesse sentido insubstituíveis." (EC, p. 112)

O que Merleau-Ponty parece descrever é uma *correlação*: sem o "simbolismo adequado" – no mesmo trecho, o autor fala de "instrumentos mais apropriados" à atividade central e dos "meios privilegiados de sua realização" –, a função superior de apreensão dos conjuntos não pode se realizar, mas sem a capacidade de apreender conjuntos a própria percepção visual não se estrutura adequadamente. A relação entre percepção e estruturação não é, portanto, causal: nem a percepção é causa (quer dizer, algo cuja existência é necessária e suficiente para desencadear a existência de uma segunda "coisa"), nem a unidade do conjunto é condição *sine qua non* da percepção visual – como prova o fato de que esta subsiste, conquanto modificada, em casos em que a patologia impede a apreensão dos conjuntos.

É importante notar que este passo da exposição culmina numa sobreposição – que já vinha se preparando – entre as noções de forma e estrutura, bem como numa subsunção das duas à noção de *sentido*. A obra está prestes a abandonar a fisiologia para se situar no plano psicológico (e em seguida filosófico), mas isso só é possível como

uma *passagem*: o que se patenteia na análise do funcionamento do setor central do sistema nervoso é a realidade biológica, corporal, do sentido, que se "alinha" à realidade do sentido (do significado) exemplarmente na linguagem.

O abandono das categorias e da ontologia subjacente à ciência de embasamento empirista inclui suas ideias mais fundamentais e se estende aos próprios elementos fisiológicos, na medida em que se extraem as consequências do sentido das localizações centrais:

> "Se chamamos de cérebro uma massa de células... os comportamentos superiores não estariam *contidos* no cérebro... derivariam do cérebro apenas como entidade funcional. Se entendemos por espaço uma multiplicidade de partes exteriores umas às outras, eles não estariam no espaço. Podemos sempre considerar o cérebro num espaço definido pela exterioridade mútua de partes homogêneas. Mas é preciso saber que a realidade fisiológica do cérebro não é representável nesse espaço." (EC, p. 113)

Isso significa abandonar o diálogo com a ciência? Com a fisiologia especificamente? E o que se teria estabelecido até aqui? Seria suficiente para banir definitivamente as pretensões do rigor científico?

Bem como o cérebro, o corpo como "entidade funcional" já não está no espaço da física. Entretanto subsiste entre corpo e consciência uma diferença que leva a dizer que as operações da consciência têm um *suporte* corporal, e ademais ao menos em dois sentidos, segundo a concepção mista das localizações – em nenhum dos quais contudo o corpo pode ser entendido como causa da consciência, já que a mera existência do tecido nervoso íntegro não determina univocamente quais operações de consciência serão realizadas, mas antes as torna possíveis – em sentido forte, inaugura o campo do possível. Se a fisiologia empirista não pode transpor essa distância, reduzindo a consciência ao funcionamento do corpo-objeto, se, noutras palavras, não pode reduzir a consciência a um efeito, uma segunda ordem de realidade derivada da física, Merleau-Ponty propõe que se entenda a diferença em termos internos à experiência da consciência perceptiva e linguística: figura e fundo, signo e sentido.

Esta passagem, como anunciamos no início desta seção, define o campo em que avança toda a sequência da obra. Como ela se repete na FP, é bastante coerente que se enfatize o sentido como noção diretora, não apenas das teses mas de toda a segunda fase da obra de Merleau-Ponty, e que se tenda a considerar encerrado o diálogo com a

ciência "dura", e, por aí, o problema do corpo como organismo. Mas gostaríamos de nos perguntar se, tendo se estabelecido firmemente que a consciência tem um suporte corporal, não é o caso de manter o corpo, também no que ele tem de estranho à consciência, como um dado fundamental da situação de conhecimento. Acenamos novamente para o "cartesianismo agravado" de Bimbenet: é preciso não perder de vista, com a fisiologia, a dimensão orgânica do corpo, para não privilegiar o sentido em detrimento da encarnação, quer dizer, para não entendê-la como encarnação do sentido, com o que o estranhamento em relação ao corpo se dissolve com a própria radicalidade da experiência da encarnação. Neste caso a correlação entre o corpo e o mundo da percepção e da experiência não desempenharia mais que o papel de nova cláusula de princípio ou salvaguarda.

O ponto chave deve ser a clivagem, para usarmos uma palavra cara ao autor, entre a vida orgânica e a vida da consciência, ou, se quisermos, o comportamento, bem como a tese que se deve postular em seguida sobre a relação entre esses dois termos.

A resposta negativa, como sabemos, é uma confirmação razoavelmente fundada e completa da hipótese que orientara os projetos de 33 e 34: tanto a clivagem empirista quanto a criticista são desmentidas pela experiência. Os limites da ciência fundada no empirismo se evidenciam na inadequação entre o que se pode legitimamente tomar como objeto de conhecimento segundo seus métodos e os fenômenos que se impõem à observação, bem como entre as explicações possíveis no quadro de seus pressupostos ontológicos e as observações experimentais, mesmo quando obtidas na mais estrita observância do método de análise real. Embora toda a primeira parte da EC seja dedicada à discussão da ciência empirista, sabemos que o adversário real de Merleau-Ponty é o criticismo personificado por Brunschvicg. Assim, ao fim da discussão contra o reducionismo científico e a epistemologia empirista que o sustenta, o texto pontiano reconduz à questão dos projetos:

> “Se excluem o empirismo fisiológico – a tese segundo a qual as estruturas funcionais realizadas pela atividade nervosa se reduziriam a associações por contiguidade criadas ao longo da experiência –, a patologia e a fisiologia são ao mesmo tempo desfavoráveis a um dualismo da percepção e da sensação, da forma e da matéria. As regiões cerebrais atribuídas à visão elementar representam apenas estações de etapa, às quais não temos nenhum direito de atribuir um primeiro nível de comportamento ou uma primeira camada de “fatos psíquicos". (...) Mas, se é impossível constituir o campo espacial do

comportamento ou o da percepção a partir de “reflexos localizadores” ou de signos locais pontuais, não é tampouco permitido remeter sua organização a uma instância superior. Existem agnosias que destroem o espaço virtual... sem comprometer as estruturas espaciais no interior do campo visual. Talvez as modifiquem, mas não as tornam impossíveis. O espaço concreto, tal como é apreendido no interior de nosso campo visual, e o espaço virtual no qual a percepção normal se insere são duas camadas constitutivas distintas, apesar de a segunda integrar a primeira.”. (EC, pp. 142 e 143)

3. Abandono da fisiologia.

O longo argumento contra "o atomismo psicológico e fisiológico", arrematado na conclusão da segunda seção do capítulo 2 da EC, presta-se ao seguinte resumo: a abordagem mecanicista é inadequada mesmo aos fenômenos biológicos mais elementares, as reações dos organismos conhecidas como reflexos, uma vez que 1) não é realmente – mas apenas metodicamente - possível isolá-las do funcionamento global do sistema nervoso e 2) repostas no quadro global do funcionamento orgânico as performances mais simples se revelam antes como "respostas" que como "reações", ou seja, "elaboram" o estímulo em função de uma finalidade ou de uma legalidade interna do organismo, que varia tanto segundo a espécie quanto de indivíduo a indivíduo.

Mais clara é a inadequação do empirismo e do ponto de vista chamado do espectador estrangeiro quando se consideram os comportamentos superiores, dependentes do córtex cerebral, nos quais 1) a capacidade de elaboração ou, de modo geral, a iniciativa do organismo sobrepassa tão admiravelmente as "condições" que é impossível postular que estas possam ser as causas daquela e 2) as categorias adequadas para entender os comportamentos superiores dependem diretamente da experiência que o observador tem de sua própria vida, quer a tematize ou não.

Devem-se rejeitar ao mesmo tempo a análise real (bem como as substâncias simples, a existência independente dos elementos indecomponíveis que ela busca), a causalidade e a perspectiva do "observador estrangeiro". Numa palavra, o projeto de uma fisiologia mecanicista-atomista, calcada em categorias reais, independentes de toda realidade humana, é inviável. Mas resta ainda o fato de que a Gestalttheorie tinha outro projeto de fisiologia, cuja diferença em relação à fisiologia empiricista seus elaboradores se esforçaram ao longo de décadas para marcar. No fim da seção "intracientífica" da EC Merleau-Ponty dá um passo de amplas consequências ao rejeitar não apenas a possibilidade de uma explicação fisiológica "clássica" do comportamento mas também a tese do isomorfismo entre processos fisiológicos e comportamento, fundamento do projeto gestaltista de fisiologia.

A argumentação contra o isomorfismo está cindida em duas partes; a primeira, mais breve, está na conclusão da crítica da teoria clássica dos comportamentos

superiores, no capítulo II (e antes da descrição dos tipos de forma e comportamento),[160] a segunda, na introdução à discussão filosófica da forma, no capítulo III.[161]

No fim da discussão sobre as localizações cerebrais, Merleau-Ponty reconhecia que "a antiga fisiologia tinha (...) razão ao traçar um paralelo entre a atividade nervosa e as operações da consciência", embora concebesse falsamente os termos assim conjugados e consequentemente "o paralelismo obtido" fosse "ilusório".[162] A princípio, portanto, parece que Merleau-Ponty está disposto a acolher uma noção modificada do paralelismo, uma vez que reconhece que "tanto a psicologia quanto a fisiologia procuram os modos de organização do comportamento e os graus de sua integração, uma para descrevê-los, a outra para determinar seu suporte corporal".[163] A correlação não pode ser pensada ponto-a-ponto, dos conteúdo aos *loci* anatômicos, de tal forma que afinal o autor pergunta se " é ainda de paralelismo que se deve falar e se, por exemplo, podemos esperar do futuro a descoberta de um substrato fisiológico determinado para todas as estruturas de conduta que a psicologia descreve, por exemplo, para todos os complexos que a psicanálise conhece. Pensamos que não...".[164]

E contudo é preciso postular algum tipo de relação, sem o que se recai numa concepção intelectualista, em que o corpo funciona como um mecanismo ou máquina, e o psiquismo ou a consciência são entendidos como um fator externo que viria habitá-los. Uma concepção precisa da vida orgânica, da fisiologia nervosa em especial, é imprescindível:

"O importante para a noção de forma é justamente superar a concepção atomista do funcionamento nervoso sem reduzi-lo a uma atividade difusa e indiferenciada, de

---

[160] Pp. 139-146, a discussão do isomorfismo se localiza no terceiro item, "A forma nos fenômenos centrais. Mas o que seria uma forma?", pp. 144-146.

[161] Pp. 201-213.

[162] EC, p. 118.

[163] EC, p. 120.

[164] EC, nota 86, p. 120.

rejeitar o empirismo psicológico sem cair na antítese intelectualista. A análise da percepção levaria a estabelecer uma ruptura – não mais entre sensação e percepção, nem entre sensibilidade e inteligência, nem, mais geralmente, entre um caos de elementos e uma instância superior que os organizaria, mas entre diferentes tipos ou níveis de organização." (EC, pp. 143 e 144)

Um primeiro tipo ou nível de atividade nervosa correspondente ao que, noutras passagens, é descrito como o espaço concreto, em que as intenções práticas nos ligam imediatamente aos objetos e pessoas, e uma segunda camada correspondente ao espaço abstrato, propriamente humano e simbólico, em que tanto as intenções práticas quanto o comportamento chamado abstrato e o conhecimento são possíveis. Ambas as camadas, contudo, devem corresponder a uma atividade orgânica – não é possível manter a posição segundo a qual a falta de localização do tipo superior de organização implicaria a inexistência de suporte físico para as operações intelectuais mais elevadas.

Noutras palavras, se a união entre o corpo e a alma deve ser pensável, não se pode eliminar a vida orgânica do quadro, não se pode deixar de ter alguma compreensão da relação entre o corpo como organismo e o corpo fenomênico, entre vida e experiência.

Merleau-Ponty se pergunta se é possível pensar a experiência por meio de uma fisiologia do comportamento, ou seja, entender a relação entre corpo e psiquismo *a partir* de uma explicação do funcionamento do sistema nervoso. Talvez, diz ele, seja necessário "apenas... mudar de categorias em fisiologia, (...) introduzir a noção de forma".[165] As localizações anteriormente denominadas horizontais, periféricas, seriam parte de "figuras nervosas", e portanto dependeriam do fundo de atividade nervosa que as uniria ao restante da atividade cortical (e nervosa) – esta não é a concepção gestaltista da forma dos processos fisiológicos, mas a de Goldstein. "Assim, desde que introduzamos a "forma" no funcionamento nervoso, um paralelismo ou um "isomorfismo" rigoroso poderia ser mantido". Note-se que Merleau-Ponty equipara, como sinônimos, paralelismo e isomorfismo. Se nos lembrarmos de que a rejeição do paralelismo se devia sobretudo a que cada uma das séries de eventos que se correlacionavam era entendida ainda à maneira clássica, como uma "nuvem de

---

[165] EC, p. 144.

acontecimentos exteriores uns aos outros", já se mostra a razão que leva à rejeição da tese do isomorfismo: a forma dos processos fisiológicos, segundo a Gestalt, afinal não é diferente da forma dos sistemas físicos, e não é menos mecânica e univocamente determinada que eles. A questão contudo merece um exame mais detido.

Parece digno de nota que Merleau-Ponty se refira predominantemente à formulação que Koffka dá ao isomorfismo, numa obra concebida como uma introdução à psicologia da Gestalt, que não trata do tema em detalhes (como por outro lado faz Köhler, numa obra que também consta da bibliografia da EC mas é mencionada apenas uma vez no argumento).[166]

Em *Principles of Gestalt Psychology* Koffka esclarece que o isomorfismo havia sido inicialmente divisado por Wertheimer, que lhe transmitira já no início de sua longa colaboração a ideia de que os processos fisiológicos são "molares" e não, como tradicionalmente se pensa, uma combinação de elementos independentes uns dos outros, ou seja, "moleculares". Ele dissera aproximadamente que "... se os [processos fisiológicos] são molares, suas propriedades molares serão as mesmas dos processos conscientes" a que subjazem. Segundo Koffka,

> "... o isomorfismo, um termo que subentende igualdade de forma, enuncia francamente o princípio de que o "movimento dos átomos e moléculas do cérebro" não é "fundamentalmente diferente dos pensamentos e sentimentos"; antes, em seus aspectos molares, considerados processos em extensão, é idêntico." (*Princípios de psicologia da Gestalt*, p. 73)

Orientado pelo desígnio de uma obra que não sobrecarregasse o leitor não especializado, Koffka não descreve as especificidades dos processos fisiológicos *molares*. O leitor vislumbra apenas em grandes traços o que ele, Wertheimer ou Köhler

---

[166] A obra de Koffka é *Principles of Gestalt Psychology*, de 1935. Utilizaremos a edição brasileira: *Princípios de psicologia da Gestalt*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. A obra de Köhler é *Gestalt Psychology*, publicada em inglês em 1930 (apenas um ano depois da publicação do orignal em alemão), a que não tivemos acesso. Utilizaremos uma reedição, *Gestalt Psychology. An introduction to new concepts in modern psychology*, New York, Liverlight, 1947, que não difere substancialmente do original.

tinham em mente pelo que foi dito sobre a natureza não-atomizada, não-somativa, não-elementar da atividade nervosa, bem como, em chave positiva, sobre as atividades de elaboração do estímulo como um todo, e em especial sobre os comportamentos superiores como modos ou níveis de atividade superior caracterizados por uma alteração qualitativa cuja essência está numa forma (uma "melodia cinética"). Koffka assinala contudo algumas consequências e condições básicas do isomorfismo.

É absolutamente indispensável à psicologia, segundo ele, postular alguma forma de correlação entre a atividade (nervosa) do organismo e o seu comportamento: "Que era necessário que houvesse *algum* isomorfismo é o que tem sido sustentado pela maioria dos psicólogos, desde os tempos de Hering e Mach".[167] Num sentido amplo, portanto, o isomorfismo significa apenas uma correlação entre a vida mental, as experiências, e eventos fisiológicos. E qualquer psicologia que não queira se filiar à hipótese de uma vida mental extracorporal, de comportamento desprovido de sustentação material deve pressupor que haja entre os fenômenos orgânicos nervosos e os do comportamento uma relação a todo tempo verificável, ou seja, que comportamento e modificações fisiológicas ocorram sempre simultaneamente.

A formulação mais geral de isomorfismo é a matemática, a relação chamada função bijetora entre conjuntos de igual cardinalidade (número de elementos) – a igualdade de forma nesses casos significa que há um elemento num grupo para cada elemento do outro. O fulcro do isomorfismo gestaltista é o pressuposto de que, para além da formulação lógico-matemática, em que a forma é determinada somente pela cardinalidade (e portanto pode ser chamada de “paralelismo”) seja possível estabelecer entre conjuntos de eventos de tipos diferentes – como são os eventos fisiológicos e os fenômenos mentais ou comportamentais – uma correlação rigorosa *segundo suas formas.*

Wertheimer teria entendido que enquanto se concebessem os eventos da série fisiológica como agregados de acontecimentos pontuais não seria possível correlacioná-los aos eventos que a experiência perfila, já que estes, pelo contrário, nos parecem

---

[167] Koffka, Kurt. Princípios de psicologia da Gestalt. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 74

dotados de sentido, organizados, unitários. Mas se, por outro lado, os processos fisiológicos também tiverem uma unidade, quer dizer, uma forma, então a correlação é possível e, melhor, elucidativa. Vimos que o pressuposto de uma fisiologia atomista havia levado a uma compreensão atomizada do comportamento, e que o primeiro esforço dos cientistas dissidentes havia sido provar, para além de toda dúvida razoável, que o comportamento não pode ser entendido senão como uma unidade, que sua estrutura "melódica" não pode ser dispensada como uma ilusão provocada pelo acionamento sucessivo e cego de mecanismos discretos. O próximo passo é postular que, sendo os processos fisiológicos necessariamente paralelos a comportamentos molares, melódicos, estruturados, etc., é preciso que eles também o sejam. Para além da evidência já obtida nas pesquisas do comportamento animal, ou seja, no terreno próprio da fisiologia, contudo, os gestaltistas não tinham como oferecer muito mais que inferências.

Mas pelo menos isso Koffka cria poder afirmar: que a fisiologia nervosa à sua época corroborava, e não contradizia, a concepção geral de processos fisiológicos molares, uma vez que os elementos anatômicos então descritos pareciam estar em comunicação, funcionando o sistema como um todo (segundo a imagem do sistema de vasos comunicantes), e não como um aglomerado de circuitos discretos, cuja integração só aconteceria em certos lugares do córtex cerebral:

> "a questão que qualquer teoria fisiológica dos processos nervosos deveria levantar é esta: as estruturas nervosas individuais, que a anatomia revelou, estão completamente isoladas umas das outras ou não? Só se a resposta fosse afirmativa é que a tradicional teoria do mero padrão aditivo seria possível. Logo que se verifica ser incompleto o isolamento, uma teoria de distribuição molar deve tomar o lugar daquela." (*Princípios de psicologia da Gestalt*, p. 71)

Verifica-se que a hipótese "desce" a suas condições anatômicas, o que é perfeitamente adequado ao combate da teoria mecanicista e da epistemologia empirista, que se fundavam, como já vimos, no pressuposto da condução isolada do impulso nervoso em circuitos discretos. No período em que os textos de Koffka, Köhler, Goldstein e Merleau-Ponty foram escritos, essas descrições anatômicas ainda eram disputadas, e com mais razão a dinâmica que nelas se supunha tomar lugar. É um mérito de todos esses autores que em face do conhecimento incipiente eles tenham divisado o

que hoje é indiscutível para a neurociência: que a anatomia do sistema nervoso é tal que há um enorme número de conexões entre as células, o que evidentemente possibilita interações extensas, que tornam bastante verossímeis algo como os funcionamentos molares postulados pelos gestaltistas e os de tipo figura-fundo aventados por Goldstein, e finalmente os modos qualitativamente distintos de Merleau-Ponty.[168]

Àquela altura, no entanto, a molaridade dos processos nervosos ainda era um pressuposto e uma hipótese, necessária para dar coerência e inteligibilidade tanto à psicologia quanto às demais ciências, em especial à fisiologia. Todos os autores reconheciam que o estado da ciência àquela altura era tal que as hipóteses sobre o funcionamento real do sistema nervoso eram altamente especulativas. A descrição dos processos molares que nele ocorreriam contém apenas linhas mestras, *tomadas do modelo da forma física*. A "molaridade" de que se fala equivale à forma: os processos fisiológicos são distributivos, suas "partes" se determinam pela totalidade, segundo certa "distribuição molar", quer dizer, de acordo com uma forma.

Na obra de Köhler há descrições mais detalhadas do que ele imaginava que fossem as formas dos processos fisiológicos e da correlação entre eles e a experiência, sobretudo perceptiva. Um som de determinada altura pode ser produzido em volumes variáveis, cuja progressão é representável por uma linha reta. Os eventos cerebrais devem, quaisquer que sejam, ter a mesma característica – ser exprimíveis por uma linha reta.

"It seems that the all-or-none law does not allow us to choose 'intensity of nervous activity' as the physiological correlate of experienced degrees of loudness. But the principle can be equally well applied if the frequency or density of nerve impulses is taken as the correlate of loudness."

---

[168] A introdução mais recorrente das conferências dadas por neurocientistas ao público leigo é aquela em que o conferencista declara que o sistema nervoso é formado por 100 bilhões de neurônios, cada um dos quais tem de 1000 a 10 mil ligações com outros. Numa palestra particularmente interessante, Kawabena Boahen acrescenta que nessa rede podem ser disparados 10 quatrilhões de impulsos elétricos por segundo, e compara o tipo de computação de um chip de computador à "computação" que ocorre no cérebro mais ou menos nos seguintes termos: a computação tecnológica é serial e rígida, se há uma falha, a unidade de informação se perde, ao passo que a computação cerebral é paralela e fluida, ela suporta redundância e opera transposições entre padrões de informação (consumindo 100 mil vezes menos energia que um computador de igual capacidade). Disponível em: http://www.ted.com/talks/kwabena_boahen_on_a_computer_that_works_like_the_brain.html

Assim, o isomorfismo não implica uma identidade de organização, mas que existe um equivalente perfeito entre os processos fisiológicos e as experiências. No caso do volume dos sons, não seria um volume cada vez maior de atividade nervosa a determinar a experiência do som progressivamente mais alto, mas a ativação de um número cada vez maior de células, ou de uma atividade cada vez mais frequente delas.

Köhler dá mais um exemplo: o das cores, emprestado a Müller, que havia construído uma hipótese sobre processos retinianos. Justamente com base na exigência de isomorfismo, ele havia suposto (corretamente) que os processos fisiológicos na retina fossem químicos:

"If the system of color experiences and that of related physiological processes are to have the same structure, these physiological events must be variable in just as many directions or 'dimensions' as the colors are. It is quite possible that chemical reactions constitute the only type of process which satisfies this condition. Thus the principle of identity of system structure serves to restrict the number of facts which may be considered when more specific hypotheses are desired."

Finalmente, o autor aborda as formas perceptivas mais comuns nos experimentos gestaltistas, e enuncia o princípio do isomorfismo. Se vejo três pontos brancos sobre fundo preto, a ordem [a configuração concreta] também depende de processos fisiológicos. A ordem dos processos fisiológicos subjacentes é funcionalmente homogênea à ordem espacial experienciada (à configuração):

"... one dot is seen between the two others; and this relation is just as much a part of the experience as the white of the dots is. (...) it is maintained that the experience 'between' goes with a functional 'between' in the dynamic interrelations of accompanying brain events. When applied to all cases of experienced spatial order, the principle may be formulated as follows: *Experienced order in space is always structurally identical with a functional order in the distribution of underlying brain processes*. This is the principle of *psychophysical isomorfism*." (Gestalt Psychology, an introduction…, p. 61)

Mas enquanto as hipóteses fisiológicas dos dois exemplos anteriores pareciam mais claras, resta indefinido o que seria o equivalente fisiológico funcional da experiência de “algo entre outros dois”.

Köhler menciona ainda o isomorfismo necessário às formas temporais, ou seja, às experiências em que algo nos parece vir antes, algo depois no curso do tempo: "...

experienced order in time is always structurally identical with a functional order in the sequence of correlated brain processes".[169]

Finalmente, a forma, experienciada e fisiológica, vale para todas as relações. Percebemos, diz o autor, certas experiências como copertinentes, outras como estranhas a certa unidade de ação. A voz que canta no cômodo ao lado, diz ele, não pertence à unidade de ações e percepções que designamos como "escrever o livro". Tais unidades de experiência em sentido mais amplo também teriam seus correlatos fisiológicos, sendo por exemplo o processo fisiológico subjacente à experiência de escutar uma voz ao longe separado funcionalmente dos processos correspondentes a "escrever o livro". "Experienced order is supposed to be a true representation of a corresponding order in the processes upon which experience depends."[170] E assim "praticamente todo o campo da psicologia" está coberto pelo princípio do isomorfismo – e não podia ser de outro modo, já que toda e qualquer experiência, mesmo que ela não chegue a ser tematizada conscientemente (Köhler dá noutra parte o exemplo de certos humores ou estados emocionais dos quais temos em geral pouca ciência), deve ter um correlato fisiológico funcionalmente isomórfico. O primeiro problema é, como já se assinalou, que a fisiologia realmente conhecida à época não permitia entender com clareza o que isso significa. O que é inteiramente claro, contudo, é que se combatem com o mesmo empenho tanto a noção de uma experiência sensorial em mosaico quanto a de uma atividade nervosa fragmentada que é seu correlato teórico necessário.

Hipoteticamente, assinala Merleau-Ponty, a incorporação da forma aos axiomas da fisiologia nervosa poderia "preencher todas as condições necessárias para dar conta do funcionamento nervoso. O mais interessante é que, ao invés de buscar em Köhler os exemplos que poderiam dar detalhes à fórmula geral, Merleau-Ponty assimila a forma, a

---

[169] Köhler, Gestalt Psychology, an introduction..., p. 62.

[170] Idem, ibidem, p. 63.

auto-organização ou a unidade funcional dos processos fisiológicos aos processos do tipo "figura e fundo"",[171] que ele encontra em Goldstein.

Porém o texto que constitui a fonte de Merleau-Ponty é de difícil acesso,[172] de modo que nos vemos obrigados a recorrer à *Estrutura do Organismo*.

Primeiramente, temos que notar que enquanto para os gestaltistas a percepção fornecia o objeto privilegiado da ciência psicofisiológica, para Goldstein trata-se de entender o que ele chama de *performances*, dentre as quais os movimentos voluntários são preferencialmente tomados (o que de saída coloca a consciência em questão):

> A definite *configuration* of excitations in the entire organism, especially in the nervous system, corresponds to any single movement, as well as to any performance of the organism. The movement of a definite muscle group is only the particularly outstanding part of the whole event.
>
> How the excitation *pattern* comes about, when a specific movement is intended, we cannot as yet determine with any degree of certainty. Here we are facing the problem of how to explain volitional performance in general. In this regard, we can say at this time only the following: The intention of a volitional performance, like a volitional facial movement, means a very definite *attitude* of the organism toward certain demands of the environment.
>
> As long as a connection exists at all, the innervation succeeds because the *total excitation pattern*, which corresponds to the intended movement, can effectuate itself. This is because the total excitation pattern is not confined to a definite anatomical structure but represents a definite excitation *Gestalt* that can utilize, for its course, any available structure. (The Organism, pp. 186, 187. Italicizamos palavras que apontam para a noção de forma)

Vê-se que para Goldstein as figuras nervosas não se definem apenas sobre o fundo de menor excitação nervosa, mas do organismo como um todo. Claro, Goldstein não desprezava o fato de que todo evento orgânico é necessariamente um evento do sistema nervoso (vimos que Sherrington já definira o sistema nervoso como o

---

[171] EC, p. 144.

[172] Trata-se de "Die Lokalisation in der Grosshirnrinde", publicado no Handbuch der normalen und pathologischen Physiologie, vol. X.

responsável pela integração do organismo), então o que se enfatiza aqui é justamente a conexão do sistema nervoso com o "resto" do organismo, inclusive e sobretudo com aspectos inconscientes dos estados orgânicos, como o tônus muscular ou a pressão arterial.

Os gestaltistas certamente haviam experimentado com a influência que o ambiente perceptivo, por exemplo uma coloração difusa no local de experimentação, podia exercer sobre as performances motoras dos sujeitos (que faziam movimentos mais ou menos amplos segundo a cor que os envolvesse). Mas se pode dizer que essas condições ainda eram pensadas como algo percebido e portanto potencialmente consciente, de modo que elas são em certo sentido homogêneas, estão num nível próximo ao dos comportamentos que influenciam. Numa palavra, os gestaltistas pensam no quadro de uma psicologia experimental centrada na percepção cognitiva, ao passo que Goldstein tem os pés firmemente plantados na biologia. Comentando sobre tais "ambiências", Goldstein sublinha que todo evento sensorial é também um evento orgânico que extrapola os órgãos dos sentidos e o aparelho nervoso para afetar todo o organismo:

> Numerous investigations have shown that, simultaneous with the perceptual phenomenon, a great variety of additional somatic events takes place. The so-called tonus processes, especially those that occur during optical and tactile sensations, are the best-known examples. We are justified in assuming that a certain muscle tension corresponds to every sense impression. (*The Organism*, p. 210)

Esse parece ser o essencial da discordância: os gestaltistas referem a boa Gestalt a características objetivas do campo de excitações ou a um processo relativamente isolado de distribuição nervosa. Goldstein a refere à situação de melhor performance *do organismo*.[173] Essa diferença é fundamental, e faz darmo-nos conta da inflexão biológica que Merleau-Ponty impõe à Gestalt, em concordância com Goldstein; de acordo com Bimbenet, "a forma (*Gestalt*) nos remete originalmente ao campo perceptivo, e é preciso lembrar que a *Gestaltpsychologie* da Escola de Berlim foi de início uma psicologia da percepção; a estrutura (*Aufbau*) nos remete ao contrário à

---

[173] Cf. *The Organism*, pp. 286 e ss.

biologia organicista de Goldstein, e designa então não mais a lei de distribuição de um dado perceptivo, mas o conjunto das constantes funcionais que organizam a atividade total de um organismo".[174]

Além disso, do ponto de vista de Goldstein, os gestaltistas haviam dado um passo importante ao tentar descrever os eventos cerebrais não-atomísticos, numa direção para a qual o autor mesmo se sentia inclinado, tendo enfatizado também que "the brain correlates of certain mental patterns must be regarded as systemlike, structured, functional wholes of a dynamic character". No entanto, sua avaliação era que isso tudo ainda estava muito longe de ser uma descrição suficiente e, em suma,

> "all these conceptions really represented only analogous images derived from the model of the mental events. There was no proof that the brain processes actually had such a structure or that there were any physical systems at all, in which processes would take place in the assumed way. The physico-chemical investigations of the brain up to that time could not give us any information with regard to this question." (*The Organism*, p. 294)

Porém para Merleau-Ponty a falha da fisiologia gestaltista não está apenas na falta de comprovação científica, mas é de princípio. A hipótese goldsteiniana dos processos fisiológicos como figuras realizadas em determinados lugares do córtex sobre o fundo do resto do organismo confere um caráter menos mecanicista ao paralelismo ou isomorfismo proposto por Koffka. Mas ela justamente empresta “do mundo fenomênico ou percebido os termos de “figura” e “fundo””, e Merleau-Ponty duvida de que fenômenos fisiológicos "simbolizariam de uma maneira adequada as relações inerentes ao que se chama comumente "consciência"". Se dizemos, continua, que dois pontos, cada qual numa retina, que se destacam do fundo, se fundem na percepção *porque* têm a mesma função, a de figura, ainda faz sentido dizer que essa identidade funcional é *causa* de sua percepção como um único ponto? Se escolhemos afirmá-lo, nessa instância a causa tem evidentemente outro sentido que na epistemologia empirista, uma vez que

---

[174] Bimbenet, E. *Nature et humanité*, Paris: Vrin, 2004, p. 54, *apud* Ramos, Silvana Souza, "A prosa de Dora", tese de doutorado, São Paulo, USP, 2009, nota 9, p. 26.

não há identidade de função anterior à percepção, ou que a percepção é a identificação. Assim, "o percebido seria explicável apenas pelo próprio percebido, e não por processos fisiológicos. Uma análise fisiológica da percepção seria pura e simplesmente impossível".[175]

A mesma impossibilidade de explicar a forma como efeito de processos fisiológicos aparece no segundo exemplo, o das palavras. O som de uma palavra, como fenômeno físico, não tem ligação com o seu sentido; é antes a significação que dirige a percepção da palavra como unidade, ou seja, ela é aquilo que faz com que certos sons sejam percebidos como uma unidade significativa, uma palavra inserida aliás na unidade maior da frase, "já que (...) na audição e também na elocução a palavra como conjunto de excitações motoras ou aferentes pressupõe a palavra como estrutura melódica e, esta, a frase como unidade de significado".[176] Trata-se, portanto, de uma inversão do atomismo, mas atenta a seus pressupostos: se não são os elementos uma realidade anterior que se aglutinariam por causalidade à maneira dos sistemas físicos, a forma que se realiza não pode ser pensada como causa porque não pertence à mesma ordem dos fenômenos físicos. O argumento de Köhler só pode ser tomado com certa reserva, a forma biológica não é igual à forma física, apenas não se lhe contrapõe.

Se tais formas biológicas não podem ser inteiramente pensadas pelas formas dos sistemas físicos (como a bolha), é porque nestes últimos não há significado. Merleau-Ponty afirma que há uma complexidade crescente dos comportamentos dependentes do sistema nervoso, "na medida em que avançamos em direção ao centro do córtex", acrescentando aos comportamentos periféricos, normalmente entendidos como reflexos e inconscientes, outros que só podem ser pensados pelo recurso à noção de estrutura – aqueles que os autores denominavam como simbólicos, relativos ao virtual, ao possível, etc. – que "só pode ser concebida em termos emprestados ao mundo percebido". Tal mundo, portanto, não é mais nem dependente, nem de fato paralelo à "ordem dos fenômenos fisiológicos", mas mais "rico" que esta. A forma da biologia é sentido ou significado, e por isso ultrapassa a forma em sentido geral.

---

[175] EC, p. 145.

[176] EC, pp. 145, 146.

Em ambos os argumentos, percebemos, Merleau-Ponty pressupõe que a fisiologia gestaltista é afinal semelhante à fisiologia clássica, por implicar que os sistemas físicos são homogêneos aos orgânicos, e estes aos sentidos que afinal são experienciados. Isso contudo só se torna evidente na segunda fase da argumentação contra o isomorfismo, que é em realidade uma revisão crítica da Gestalt, no cap. III.

3.2 Último bastião do realismo

A epistemologia clássica, a fisiologia nela fundada e a psicologia decorrente delas consideravam que os processos fisiológicos, em que há "contato" com as coisas através dos estímulos que delas emanam, não têm nada a ver com o comportamento e, mais especificamente, com a percepção que temos das coisas: "não enfatizou Wundt que a sensação azul e o correspondente evento neural nada tinham em comum, absolutamente nada?".[177] Inobstante ter sempre sido sustentada, conforme Koffka, alguma forma de isomorfismo – sem o que é preciso conceber por exemplo que a percepção ocorre independentemente do corpo –, a compreensão mecanicista da fisiologia tornava "a relação entre comportamento molar e meio comportamental, por um lado, e os processos fisiológicos subjacentes, por outro, (...) meramente fatual".[178] Perpetua-se nesse regime teórico um problema clássico do empirismo, qual seja, o de saber como chegamos a conhecer corretamente qualquer coisa que seja.

Wertheimer, como vimos, julgou que uma conexão verdadeira entre organismo e experiência teria como condição que o mundo físico não seja visto como agregado de elementos discretos. Assim, Köhler alegava que os processos molares fisiológicos e comportamentais não diferiam essencialmente dos processos ou sistemas de que a física e a química se ocupam; o belo exemplo que ele reproduz é o da água: poderíamos acreditar que suas propriedades serão a combinação das propriedades dos átomos componentes de suas moléculas. Mas estes não se encontram nunca isolados para que possamos saber quais são suas propriedades, estão no mínimo sempre associados a outros iguais (dois hidrogênios, dois ou três oxigênios, nas formas mais simples, os

---

[177] *Princípios de psicologia da Gestalt*, p. 67.

[178] Idem, ibidem.

gases hidrogênio, oxigênio e ozônio). As propriedades da água também não se assemelham às desses gases e, ademais, a própria água não é um aglomerado de moléculas de hidrogênio e oxigênio; uma vez que haja duas moléculas de água, elas entram numa interação em que "compartilham" elétrons, sendo essa característica – a chamada autoionização – da água a mais distintiva *e significativa*, já que tem lhe confere suas propriedades bioquímicas.[179]

A cegueira para a organização espontânea da experiência em psicologia corresponde a uma concepção científica do universo físico como um agregado de elementos discretos e essencialmente desgovernados, para a qual Köhler inclusive oferece uma explicação histórico-psicológica:

"… since the early days of European science man has been convinced that, when left to what is often called their own blind play, the processes of nature never produce orderly results. Does not the accidental intercourse of forces in the physical world produce chaos and destruction everywhere? Science has been able to formulate some laws which isolated processes always follow. But where many factors operate at the same time, there seems to be no reason why things should develop in the direction of order rather than chaos." (Gestalt Psychology, an introduction…, p. 103)

Donde o desenvolvimento de métodos de restrição da natureza, visando à criação de uma ordem artificial por isolamento:

"On the other hand, we know that chaos can be prevented, and order enforced, if proper controls are imposed upon acting factor from the outside. As soon as man begins to restrict the possibilities of function by rigid constraining conditions of his choice, he can compel the forces of nature to do orderly work. But it is generally taken for granted that this is also the only way in which order can be imposed upon physical events. This has been man's conception of nature for thousands of years…" (Idem, p. 104)[180]

Como explica Koffka, Köhler lembrava em primeiro lugar que a observação sobre a qual se constroem conhecimentos sobre o mundo da física "é observação de

---

[179] Koffka, op. cit., p. 68. Estendemos um pouco o argumento por nossa conta.

[180] Registramos essa explicação sobretudo porque faz lembrar outras críticas feitas à época contra o espírito científico europeu, cujas raízes igualmente se estendiam à antiga Grécia, que concebia a natureza como um caos a dominar.

fatos comportamentais da experiência direta. Através de uma seleção cuidadosa de tais fatos, tornou-se possível desenvolver a ciência da física, embora a relação entre o meio comportamental e o geográfico seja indireta".[181] Köhler teria assim refutado a possibilidade de que as observações de que cuida a física sejam realmente apessoais, intemporais e não-localizadas, de que os elementos de que o mundo físico é constituído sejam algo de mais real que o dado na experiência. Reconhecemos aí a noção de que o universo conceitual da ciência é um recorte do universo da experiência, sobretudo perceptiva. Ela indica a superação do mito do ponto de vista do espectador estrangeiro, na medida em que evidencia que o que se observa em física deriva da experiência direta do mundo. Reconhecemos igualmente que os psicólogos gestaltistas, ao procurar precisar as leis de construção do chamado campo comportamental, no qual se organizam as percepções, não pensavam cuidar de um problema específico da psicologia mas, pelo contrário, de descrever a base de toda ciência, com o que, aliás, a psicologia mesma, ao mesmo tempo que adquiriria status plenamente científico, passaria à condição de ciência-matriz.

Não apenas da fisiologia, mas esse é um caso obviamente caro ao psicólogo. O isomorfismo garante que, de todas as correlações válidas entre experiência e realidade, aquela entre a fisiologia e o comportamento seja privilegiada por ser imediata. Logo, as observações sobre o comportamento, que se postula ser expressão imediata e correlato perfeito dos processos nervosos, tornam-se os dados mais confiáveis sobre os quais fundar hipóteses sobre a fisiologia: "podemos usar nossas observações do meio comportamental e do comportamento como dados para a elaboração concreta de hipóteses fisiológicas". E, novamente porque se assumiu a hipótese do isomorfismo, segue-se que "em vez de termos apenas uma espécie de tais processos, devemos lidar com tantos quantos diferentes processos psicológicos existirem, devendo ser a mesma a variedade das duas classses".

---

[181] Op. cit., p. 72.

E contudo, segundo Merleau-Ponty, essa teoria ainda não se livrou inteiramente dos pressupostos empiristas e mecanicistas que atacava. De acordo com Merleau-Ponty, corretamente entendida, a teoria da forma possibilitaria entender, sem recair nos "problemas clássicos que o behaviorismo quis eliminar ao colocar o comportamento único no plano da causalidade física", a distância e a correspondência entre o sentido experienciado pelo observador, a vida orgânica e o mundo físico. A quantidade como princípio de inteligibilidade dos sistemas físicos, a ordem, dos organismos, o valor ou o significado, dos eventos do espírito, seriam caracteres dominantes, mas não exclusivos, respectivamente das ordens física, vital e humana. Assim, uma análise quantitativa seria inteiramente adequada à descrição dos fenômenos físicos, que encontram definição e descrição suficientes em fórmulas que permitem determinar o valor de cada ponto ou elemento, ao mesmo tempo em que expressam a forma que os organiza.

Mas matemática ou geometria não seriam inteiramente adequadas para entender um organismo, embora não seja impossível descrevê-lo em termos quantitativos e por meio de fórmulas, pois a descrição obtida não é uma explicação do que se passa. É por isso que o tratamento quantitativo-descritivo não permite entender de fato os eventos orgânicos, muito menos os psíquicos. Se alguém ri, ou chora, não entendemos o motivo desse comportamento pela quantificação e localização das células nervosas ativadas, embora estas sejam possíveis e mesmo elucidativas. "Seria por definição impossível conceber uma forma física que tenha as mesmas propriedades de uma forma fisiológica, uma forma fisiológica que seja o equivalente de uma forma psíquica". Porque, como vimos nos exemplos da unificação dos estímulos retinianos na visão binocular, e na percepção melódica da palavra, dirigida pelo sentido, a iniciativa do processo fisiológico não é do mesmo nível: "Entre os estímulos e as reações não haveria nenhum meio de encontrar uma cadeia contínua de ações físicas: o comportamento deveria ser mediatizado pelas relações fisiológicas e psíquicas."[182] É a iniciativa ou a precedência do sentido orgânico ou do significado que a Gestalt parece perder em sua formulação do isomorfismo, que equivaleria, afinal, ou à introdução da vida e da consciência "como

[182] EC, p. 207.

condições adicionais que vêm complementar as determinantes físicas insuficientes"[183] – uma espécie de espiritualismo – ou a um materialismo renovado, já que, segundo Merleau-Ponty, a Gestalt remeteria as explicações últimas ao universo físico, à causalidade etc.

> "Numa filosofia que renunciasse de fato à noção de substância, poderia haver um único universo, que seria o universo das formas: entre as diferentes espécies de formas investidas de direitos iguais, entre as relações físicas e as relações implicadas na descrição do comportamento, não se poderia nem sequer supor uma relação de derivação ou de causalidade, nem, consequentemente, exigir modelos físicos que sirvam para sustentar no ser as formas fisiológicas ou psíquicas." (EC, p. 208)

No entanto, a Gestalt teria, com o isomorfismo, postulado justamente a precedência ontológica das formas físicas, "a noção de mundo como *omnitudo realitatis*", uma vez que considerariam "os predicados de valor, o significado imanente (...) a tradução, (...) aliás legítima, dos processos estruturas do sistema nervoso, e estes, por sua vez, (...) uma variedade de formas físicas".[184] Diante de certas formulações de Koffka, a crítica pontiana parece inteiramente fundada. Num trecho reproduzido por Merleau-Ponty, ele afirma que "... as leis causais se remetem a acontecimentos interiores a um mesmo universo de discurso, e, consequentemente, já que o meio geográfico pertence ao universo da física, é preciso que seus *efeitos* também pertençam a ele".[185] Ele supõe portanto que a relação entre estímulos distais (as coisas) e proximais (os estímulos propriamente ditos, que delas emanam) é linear e causal, e conclui que "só depende da relação G (meio geográfico) – F (fisiologia) quando e como podemos adquirir conhecimentos sobre G através de F".[186]

Noutras palavras, se a relação entre as coisas e os estímulos que elas produzem (a luz por exemplo que atinge nossos olhos vinda de algo) é linear e causal e se, ainda, a organização do campo sensorial por eventos fisiológicos obedece a leis objetivas, independentes dos organismos, e se, por fim, a experiência perceptiva dessa organização

---

[183] EC, p. 207.

[184] EC, p. 209.

[185] EC, p. 208. Grifo meu.

[186] Koffka, op. cit., p, 73.

é isomórfica aos eventos fisiológicos, a percepção nos informa corretamente sobre o mundo e é determinada, ainda que por meio do organismo, por ele. Ou seja, se Köhler fazia remontar a física à observação viva, à experiência direta, ele ao mesmo tempo as esvaziava de seu caráter orgânico, daquela norma interna específica e individual que encontramos pelo contrário em Goldstein, de modo que a destituição do ponto de vista do espectador estrangeiro e do realismo não se realizava.

Assim, prossegue a acusação pontiana, "o conhecimento permanece definido segundo os esquemas mais simples como uma imitação das coisas, a consciência continua uma parte do ser. A integração da matéria, da vida e do espírito é obtida pela sua redução ao denominador comum das formas físicas."[187] E

> "Se não existem mais diferenças de estrutura entre o psíquico, o fisiológico e o físico, não existe mais nenhuma diferença. Então, a consciência será o que acontece no cérebro e, com efeito, vemos Koffka defini-la, segundo a tradição do materialismo, como a propriedade "que têm certos acontecimentos na natureza de revelarem a si mesmos", como se ela jamais tivesse como *objetos* os processos fisiológicos que a acompanham." (EC, p. 212)

Com efeito, a consciência é um ponto decisivo da questão, uma vez que a manutenção gestaltista do realismo leva a que ela seja incompreensível. O que de resto é plenamente reconhecido pelos autores. Segundo Koffka, Tolman observava que '"os atos comportamentais', embora estejam, sem dúvida, em completa correspondência um-a-um com os fatos moleculares subjacentes da física e da fisiologia, possuem, como todos 'molares', certas propriedades emergentes que lhe são próprias".[188] Essas propriedades emergentes são a consciência, que faz sua aparição quando Koffka procura desvincular o isomorfismo do materialismo. Seu primeiro argumento é bastante fraco, pois se resume a dizer que a Gestalt é *menos* materialista que uma psicologia "que só admite sensações e cegos vínculos associativos entre elas". Já o segundo se funda no

---

[187] EC, p. 210.

[188] Tolman, apud Koffka, op. cit., p. 67.

reconhecimento da existência da consciência, e de que ela extrapola o que era até então explicável (ou potencialmente explicável) pelo isomorfismo:

> "... os processos fisiológicos que interpretamos com (*sic*) os correlatos da consciência são-nos conhecidos, em primeiro lugar, através de seu aspecto consciente. Tratá-los como se fossem puramente fisiológicos, sem esse aspecto consciente, seria negligenciar uma de suas características mais destacadas. É certo que esse aspecto consciente do processo não entra em nossas explicações causais, mas, apesar disso, não pode deixar de ser reconhecido como um fato. E isso leva à conclusão que é da natureza intrínseca de certos eventos que eles "se revelem", que sejam acompanhados de consciência. Por que são assim e que características especiais um processo deve ter para ser assim, trata-se de questões que não podem ser respondidas agora e que talvez nunca o sejam. Mas, se aceitarmos nossa conclusão, a consciência deixa de poder ser olhada como um simples epifenômeno, um mero luxo, que poderia perfeitamente estar ausente sem causar diferença alguma. Pois num aspecto que não conhecemos esses processos seriam diferentes, caso não fossem acompanhados de consciência." (Princípios de psicologia da Gestalt, p. 67)

A consciência, cujo reconhecimento permite à psicologia da Gestalt se livrar da pecha de materialista, porque excede o quadro explicativo do isomorfismo é, como se vê pelo trecho acima, ainda assim hipoteticamente remetida a um correlato fisiológico e, por aí, a uma explicação fisiológica àquela altura impossível. Por outro lado, o autor admite que os processos fisiológicos "num aspecto que não conhecemos (...) seriam diferentes, caso não fossem acompanhados de consciência". Isso equivale a cogitar a possibilidade de uma inversão: ao invés de explicar a consciência pela fisiologia, seria a consciência a modificar os eventos fisiológicos. Segundo Merleau-Ponty, essa última possibilidade implicaria a necessidade de reformular os fundamentos epistemológicos que a Gestalt propunha, como vimos, não apenas para a psicologia mas para toda ciência. Sem tal reforma, no entanto,

> “as estruturas da consciência são inúteis na explicação, (...) porque têm seu equivalente físico ou fisiológico, e este “isomorfismo” numa filosofia da forma é uma identidade. A tomada de consciência nada acrescenta às estruturas físicas, é somente o índice de estruturas físicas particularmente complexas. Essas estruturas, e não a consciência, devemos dizer, é que são indispensáveis para a definição do homem.” (EC, p. 212)

Por sua vez, Goldstein não encontra dificuldade alguma para tirar consequências relevantes de uma outra concepção de consciência.

A fundação da psicologia sobre a física dá à primeira um viés objetivista já a uma consideração meramente biológica, uma vez que procura vincular os processos fisiológicos e comportamentais à distribuição molar dos estímulos segundo leis *do campo fenomenal*, sublinhando, ademais, que se pode supor que essas leis valham para todas as espécies sensíveis àquele tipo de estímulo. As galinhas se comportam de maneira coerente com a percepção de um arco menor na ilusão de Jastrow, escolhem o milho mais claro de dois, mesmo que o mais claro num par seja o mais escuro no outro e assim por diante... De modo que a percepção depende da configuração do estímulo, que é entendida portanto como causa da atividade orgânica: a forma percebida espelha a forma dos estímulos. Ora, o que Goldstein enfatiza contra tal concepção é a atividade do organismo como um todo, especialmente no que toca às constantes que são aquele "fundo" das atividades perceptivas, e que não dependem, porque se mantêm, da configuração momentânea do campo fenomenal. Se há constância no par configuração dos estímulos-percepção, não é porque o primeiro elemento determina o segundo, mas porque o organismo se mantém em sua legalidade ou busca se realizar segundo *sua* estrutura:

> The Gestalten, which are given in perception through one sensory organ, are Gestalten that belong to a very definite condition of the organism, namely, to an isolated stimulus utilization in one part, while the rest of the organism is artificially kept relatively constant. Thus, it is intelligible that one can regard them as the expression of selforganization of the nervous processes but only, as such, in a part of the system. The more one part is isolated from the whole, the more its function is determined alone by the configurational excitation in that part, during the isolation (cf. pp. 117ff.); namely, as long as events within the rest of the organism are prevented from interfering, in other words, as long as these other processes are kept constant. This constancy is one of the conditions necessary for the "self-organization in a part," a fact that one must not forget in the description of any given Gestalt phenomenon. (*The Organism*, p. 289)

A visão de Goldstein abre espaço para o reconhecimento das variações específicas (entre espécies) e entre indivíduos, sem que se recaia num caos de fenômenos idiossincráticos.

> It seems that the variety of possibilities, which the world in its entirety offers, are of such a sort that the greatest variety of creatures can find adequacy. If this were not the case it would not be possible that so many different creatures exist. On the other hand, it certainly is probable – even though it requires closer investigation - that, corresponding to the inherent properties of the world, only a limited number of Gestalt possibilities (potentialities of patterning) really exist, that is, that only creatures of definite organization can "be." Since, for many creatures, certain characteristics of the "good Gestalt" are qualitatively the same, it is to a certain extent possible to deduce the Gestalten from the structural organization of nature.
>
> Thus, investigation of the Gestalten does not merely teach us something about the functional patternings of the organism but teaches us also about essential features of nature. (*The Organism*, p. 287)

Assim, não se devem entender as concordâncias entre os comportamentos derivados da percepção como indicadores diretos, quer dizer, não se deve entender que a percepção derive do mesmo modo, para todos os indivíduos e para todas as espécies sensíveis a certo tipo de estímulo, da configuração dos estímulos proximais. E se as diferentes estruturas, específicas e individuais, oferecem resultados comparáveis, Goldstein não recusa de que se possa reconduzir a percepção à uma organização da natureza – mas a mera escolha da palavra natureza nos alerta de que não se trata, para ele, do conjunto dos objetos da física.

De todo modo, recolocando a percepção, e o comportamento de modo geral, no quadro do organismo e num intervalo mais longo que o dos atos perceptivos ou motores singulares, é lógico que Goldstein possa entendê-los como amplamente variados e variáveis: uma mesma figura *não é* a mesma figura sobre diferentes fundos. Numa palavra, se um ser humano e uma galinha se comportam congruentemente diante da ilusão de Jastrow, isso não nos autoriza a dizer que veem a mesma coisa, quer dizer, que a coisa esteja numa natureza em-si a que ambos os organismos têm acessos idênticos: o "arco menor" só existe para o homem porque a estrutura perceptiva humana se organiza de modo a permitir comparações potencialmente tematizáveis, segundo sua maneira simbólica de existir. O mesmo vale quando se consideram indivíduos:

> Every human being has a rhythm of his own, which manifests itself in the various performances but of course in various ways, yet in the same performance always in the same way. A performance is only

> normal when an individual can accomplish it in the rhythm that is his adequate rhythm for this performance. Just as for physiological processes, like heart beating and respiration, this is valid for the physico-chemical processes. The time constant indicates a particular characteristic of the personality.

Na direção oposta (à individualização), ele considera que as condições que constituem o "fundo" apenas se restringem aos indivíduos por conveniência ou pelas limitações de nossas capacidades de análise. Todo organismo está, em realidade, numa malha de relações com outros, de sua e de outras espécies, em seu próprio tempo mas também na história, de modo que não é apenas a ambiência sensorial ou as constantes de cada organismo que conformam seus atos singulares. Em especial, como não poderia deixar de ser no caso de um cientista tão biologicamente orientado, as relações interespecíficas lhe parecem constituir um fator importante para entender a ideia reguladora de cada indivíduo – a "verdadeira natureza" de um organismo não poderia estar completa se não contivesse sua relação com os outros membros de sua espécie, primeiramente, e depois com os outros viventes, bem como com tudo o que pudesse se tornar para ele um ambiente, o que, de passagem, aponta para o sentido em que devemos tomar “natureza” em Goldstein.

Nesse contexto, o sentido da consciência é inteiramente modificado. Ela aparece em Goldstein como um fenômeno orgânico no mesmo direito que os outros; ao invés de se somar a certos processos como uma característica inexplicável (a "revelação" de alguns aspectos da vida orgânica), é entendida como mais uma abstração (recorte) da vida:

> “one forgets primarily that what one calls mind is only an abstraction from the real actualization of life in the organism and not something that is given isolatedly. What this has to do with the living organism has to be disclosed, just as must be done for the bodily phenomena. Certainly *it is not contained in the organism as part of it.* At best, the mind might reflect only one aspect of the organism. One cannot even see the reason why this point of departure should offer the best basis for the comprehension of life.” (*The Organism*, p. 263, grifo meu)

Mas não se deve entender com isso que a consciência seja vista como um fenômeno secundário. É exatamente o oposto, uma vez que o organismo se situa por atos voluntários, que suas iniciativas o expõem ao que superficialmente aparece como

um ambiente "dado", já pelo fato de que a percepção é elaboração segundo a legalidade interna, mas igualmente por toda ação:

> "... all activity, be it reflection, thinking, feeling, or doing, always begins with a conscious attitude, in the sense of being aware of something, knowing about a situation, the task. Later on, this knowledge simply needs to furnish the general frame, "the background" in which the other, above-described behavioral aspects take their course, without being steadily accompanied by consciousness. The latter has set, so to speak, the frame for the duration of the course of an action. Every "attitude," every physiological process must be initiated by conscious behavior. In other words, conscious direction is necessary for them. But the opposite does not hold. It is true there may be situations in which the normal course of consciousness is aroused by certain bodily processes and emotional experiences. But these processes, in turn, require conscious behavior as their starting point. Consciousness is indispensable not only for initiating an action but also in the case in which a process has been interrupted or blocked, which may be due to failure of the organism or to the influence of external stimuli, with which the organism can deal only in a conscious way. How important consciousness is, becomes particularly evident in cases in which the intervention of consciousness is not possible, as in cases of brain injury. Then, not only is the ability to start wanting, but also any really spontaneous activity, as well as the possibility of spontaneous resumption after a disturbance." (*The Organism*, pp. 246, 247)

Mais importante ainda, vemos que Goldstein integra a consciência ao organismo conferindo-lhe não a função de situar o organismo segundo seus interesses – concepção que afinal cinde corpo e espírito, e torna o primeiro um instrumento do último – , mas aquela de regulá-lo, aliás segundo uma relação "circular" que reencontraremos em Merleau-Ponty. Enquanto se entende a consciência como uma "característica emergente", como o testemunho da revelação de certos processos fisiológicos ou atos cognitivos, ela é uma espécie de adição extemporânea. Se contudo retomamos nossa própria experiência, ou lembramo-nos do que acontece com aqueles que já não têm consciência, torna-se evidente que ela deve ser uma característica fundamental da nossa espécie, e deve igualmente ter equivalentes noutras, já que a vida do organismo é praticamente inviável sem ela. Assim, a consciência ou a mente ganham um sentido biológico.

Por outro lado, Goldstein reluta em afirmar muito sobre a relação entre corpo e mente. Ele considera necessário (tendo discutido certos pressupostos da psicanálise que

esperamos ter oportunidade de examinar) "to reject any parallelism between bodily and mental events and maintain that any such relation is conceivable only indirectly by reference to the whole of the organism", embora reconheça que "there is a possibility that the phenomena in the two fields were in such a congruency that, from this, we could obtain insight into the nature of the organism".[189] Como já vimos, a mente é para ele *um* aspecto da atividade orgânica, da vida, ela tem uma função importante na sua manutenção, mas como aspecto cuja relação com o todo não conhecemos, pode-se apenas dizer que há a possibilidade de aprender indiretamente, por meio dela, algo sobre o todo.

Embora a tentativa de Köhler de ligar as *Gestalten* nervosas às físicas seja reconhecida como um avanço, Goldstein sublinha a principal diferença óbvia entre as duas, a saber, a dependência das formas físicas do fator "topográfico" – a forma determina a posição dos elementos ou, vem a dar no mesmo, é a posição inicial de dado elemento que lhe determina o "comportamento", os deslocamentos que sofrerá até ajustar-se à forma. Como neuropatologista, Goldstein tem em mente casos que mostram que o fator topográfico não parece determinante no mesmo sentido e grau no sistema nervoso, uma vez que uma mesma função pode se realizar de diferentes formas, ou seja, em diferentes lugares, por diferentes padrões de excitação nervosa, etc. As suplências nunca são perfeitas, o que significa que determinados lugares do organismo têm o privilégio de realizar determinadas formas, é certo, mas é a função que deve tomar o papel da forma. Se um sujeito que tem metade de suas retinas cegas ainda assim consegue ver, e vê o mesmo que outro com os olhos perfeitos, então a ideia de isomorfismo se vê abalada. O que se preserva é a função que conforma o funcionamento nervoso, não os padrões particulares pelos quais ela se realiza num e noutro sujeitos. E contudo essa independência de função e substrato é limitada, razão pela qual Goldstein tampouco pode deixar de reconhecer a possibilidade de correlacionar fenômenos mentais e fisiologia, como vimos.

---

[189] Goldstein, op. cit., p. 293.

Nosso interesse pela concepção de Goldstein da relação mente-sistema nervoso-organismo deve, então, atingir seu ponto máximo quando o autor extrai dela uma tese epistemológica e um método dos quais Merleau-Ponty parece muito próximo; tendo concluído que a observação dos fenômenos mentais não deve ser privilegiada na elaboração de uma teoria da vida, ele aduz:

> Furthermore, little would be gained if one were simply to supplement the results gained by psychological observation with those gained by somatic observation. Once one has posited the two *as different modes of existence*, it is impossible to revise this fallacy by any correction.
>
> Neither does the mind act on the body, nor the body on the mind, no matter how much this may seem to be the case in superficial observation. We are always dealing with the activity of the whole organism, the effects of which we refer at one time to something called mind, at another time to something called body. In noting an activity, we describe the behavior of the whole organism either through the index of the so-called mind or through the index of the body. (*The Organism*, pp. 264, grifo meu)

Assim, não se pode falar em isomorfismo no caso de Goldstein, embora ele reconheça que a proximidade entre certas formulações gestaltistas da *Prägnanz* e seu conceito-mestre de "coming to terms with the environment", espécie de reverso da legalidade que organiza as performances singulares.[190] Em todo caso verifica-se uma radicalização da correlação entre mente e corpo, se comparamos com o que propõe Koffka. Mente e corpo aparecem em Goldstein como "índices" de um mesmo fenômeno, não como dois tipos (modos de existência) de fenômenos cujas séries estariam correlacionadas. E quando ele fala do corpo, refere-se não a movimentos moleculares que seriam subsumíveis a uma forma, mas a uma legalidade ou ideia do organismo que nada tem a ver com a física e só pode ser apreendida justamente como ideia, inobstante conservar-se uma ligação com o ambiente, a cujas condições afinal o organismo deve fazer jus.

---

[190] *The Organism*, p. 293: "We should not fail to mention that many a hypothesis and suggestion in Koffka's *Principles of Gestalt Psychology* and Wertheimer's publications, such as *Denken der Naturvoelker*, tend toward a conception of the principle of "pragnanz" in the more functional and more holistic sense of "fitting together" of the organism and the environment, similar to my own endeavor.

> We do not look for a ground in reality that constitutes Being but for an idea, a reason in knowledge, by virtue of which all particulars can be tested for their agreement with the principle - an idea on the basis of which all particulars become intelligible, if we consider the conditions of their origin. We can arrive at this picture only by a form of creative activity.
>
> Biological knowledge is continued creative activity, by which the idea of the organism comes increasingly within reach of our experience. It is a sort of ideation equivalent to Goethe's *"Schau,"* a procedure that springs continuously from empirical facts and never fails to be grounded in and substantiated by them. (*The Organism*, p. 307)

Estamos assim melhor munidos para entender as razões pelas quais Merleau-Ponty rejeita o isomorfismo, que nos parecem bastante próximas deste último argumento metodológico de Goldstein, e as consequências desta decisão teórica, que por sua vez nos parecem afastar os dois autores.

Se é verdade que o princípio de inteligibilidade da fisiologia jaz no mundo percebido, isso significa, conclui finalmente Merleau-Ponty, como já vimos, que o conhecimento biológico é transcendental. É nisto que sua posição se avizinha da de Goldstein. Por outro lado nos parece que neste trecho fundamental, bem como no que o antecedeu, por certo, a fisiologia é tomada por Merleau-Ponty na acepção empirista corrente e aceita, mesmo com ressalvas, mesmo pelos gestaltistas, ao passo que Goldstein acena, ciente da insuficiência dos dados experimentais de sua época, para uma fisiologia em que as categorias fundamentais de inteligibilidade dos fenômenos orgânicos nervosos fossem reconhecidamente transcendentais, propondo a subordinação da pesquisa fisiológica à observação psicológica e neuropatológica (clínica), mas de forma alguma recusando a possibilidade de uma fisiologia, desde que nesse novos termos.

Ao passo que Merleau-Ponty, se não recusa inteiramente a possibilidade de uma fisiologia, já que em partes anteriores inclusive se apoia nos achados fisiológicos para sustentar os funcionamentos qualitativamente diferenciados que possibilitam ou correspondem aos comportamentos simbólicos, parece reservar o nome "fisiologia" à ciência tal como o empirismo concebia, e recusar-lhe, em nome do caráter

transcendental do conhecimento biológico, poder explicativo. Como é a forma como sentido ou significação que guia os eventos fisiológicos, a explicação deve ser buscada, parece, antes na elucidação do sentido, restando como problema central "uma análise mais estrita da noção de forma". Como o isomorfismo é afinal recusado, passamos a nos situar no comportamento, mas abandonamos a fisiologia. Se alguma dúvida resta, basta que nos lembremos da nota em que Merleau-Ponty considera se se pode falar de fato de um paralelismo entre fenômenos fisiológicos e psíquicos, e recusa possibilidade de que se encontre um dia "substrato" para os complexos psicanalíticos.

Merleau-Ponty certamente não recusa interesse à fisiologia, propondo em consonância com Goldstein que as hipóteses sobre o funcionamento central sejam construídas pela "análise psicológica do comportamento mórbido", mas certamente não lhe atribui o poder de elucidação que – até hoje – se espera dela. Ele retorna sempre à ideia de que nos modos de funcionamento orgânico que dão suporte aos comportamentos simbólicos o que se passa é uma *alteração qualitativa*, para a qual evidentemente ele não pode oferecer uma descrição detalhada. No entanto, isso não sugere que determinado modo de funcionamento poderia dar suporte a uma gama de sentidos diversos? Se tirarmos a consequência de que não há correlato fisiológico para cada variação de um complexo, entre uma e outra forma de neurose a diferença não seria localizável no cérebro ou qualquer outra parte do corpo, mas apenas na ordem do sentido, acessível apenas pelo símbolo. Assim, Merleau-Ponty parece ter aprendido e aperfeiçoado, segundo sua formação filosófica, a lição de Goldstein de uma verdadeira recusa do empirismo e da causalidade na esfera do conhecimento da vida, bem como a afirmação de seu caráter ideal e da primazia dos fenômenos observados em seu próprio campo – quer dizer, por um observador engajado e ciente de que é o fato de que está no campo que o torna inteligível.

Mas, à diferença de Goldstein, em Merleau-Ponty a ênfase recai sobre o sentido, não sobre o organismo. Noutras palavras, a ideia goldsteiniana de que o orgânico e o mental são índices dos mesmos fenômenos não se realiza plenamente em Merleau-Ponty, já que o sentido aponta ou tende para a vida da consciência. Tal posicionamento não equivale à adesão ao criticismo, ao intelectualismo ou ao vitalismo, já que Merleau-Ponty procura incansavelmente evidenciar o caráter misto do comportamento, de que os pontos de vista disponíveis na filosofia clássica não dão conta. Desta orientação decorre

imediatamente a necessidade de análise da forma, de modo que se demonstre haver, como Köhler queria, comunidade entre formas físicas, formas biológicas e formas simbólicas, mas também de modo a precisar que há diferença entre elas, e localizar a especificidade da vida humana. Ao invés de diferenciar espécies e indivíduos por uma legalidade essencialmente orgânica, como Goldstein, Merleau-Ponty mostra como as formas realizadas variam conforme a complexidade da espécie, culminando, no ser humano, num tipo de forma, a simbólica, que permite levar em conta a diferença entre indivíduos já não pelo viés de sua vida orgânica, mas por sua história, e sobretudo pela história de suas relações com os outros seres humanos.

3.3 Uma teoria integralmente estrutural

O núcleo da crítica pontiana à tese do isomorfismo está na discussão filosófica da noção de forma, no capítulo III da EC. Ela compraz dois argumentos principais: como vimos, o primeiro diz respeito a uma falta de crítica do realismo na Gestalttheorie, que afinal assimilaria as formas psíquicas e biológicas às formas físicas. O isomorfismo não passaria de outro nome do realismo, o empirismo e o materialismo permaneceriam fundantes na Gestalt, cuja reforma do conhecimento não se teria aprofundado o suficiente. O segundo argumento ainda carece de um exame mais detido. Dizer que a consciência não teria recebido uma descrição adequada na teoria da forma, permanecendo, pelo contrário, uma espécie de fenômeno extemporâneo, ora inexplicável, ora reduzido e identificado à ordem física é compreendê-lo apenas parcialmente.

É preciso em primeiro lugar perceber que a manutenção do realismo científico comum na Gestalt implica logicamente essa consciência inexplicável ou, o que vem a dar no mesmo, o fato de que a consciência parece dispensável na explicação do comportamento. Que ela não o seja se evidencia na necessidade de recorrer aos termos da experiência para descrever adequadamente os fenômenos do comportamento, bem como da fisiologia – figura e fundo, vimos, que poderiam dar alguma inteligibilidade ao funcionamento do sistema nervoso, são termos da experiência do observador, o que significa que os eventos que procuramos explicar são, do ponto de vista do conhecimento, sempre para alguém que os observa, descreve, entende, explica. Também o comportamento, segundo Merleau-Ponty procura mostrar no capítulo sobre o fracasso

da reflexologia de Pavlov ou das tentativas behavioristas de uma descrição inteiramente objetiva do comportamento animal, só pode ser entendido a partir das categorias descritivas acessíveis apenas pela experiência – o cansaço, o propósito, a unidade melódica das ações –, donde a mesma conclusão de que o comportamento é para um observador.

Por conseguinte, em qualquer situação experimental há pelo menos duas transformações sucessivas do mundo objetivo da ciência: uma quando se considera o ponto de vista vivente observado, outra, o quando entra em cena o (vivente) observador.

Quanto à primeira, o ambiente geográfico não se identifica com o ambiente de comportamento, ou seja, o mundo que é "em si" e o mundo que é para o animal não são o mesmo. Há portanto uma primeira referência ao observador quando o mais simples dos animais vive: ele é a estrutura que conforma o ambiente de comportamento ou, dito de outra maneira, o ambiente de comportamento se estrutura conforme a legalidade interna da espécie e do indivíduo que nele vive. A Gestalttheorie teria percebido bastante bem que as formas não estão presentes no ambiente geográfico, no mundo objetivo da física, mas não teria visto a centralidade da *Aufbau*, da norma específica e individual, como pelo contrário fez Goldstein. Assim, ela teria remetido a explicação final do comportamento ao mundo físico, desprezando afinal a originalidade da ordem vital e da ordem semântica. Ela não teria chegado a elaborar consequentemente uma "filosofia da forma que substituiria a filosofia das substâncias".[191]

É o que Merleau-Ponty se propõe a esboçar no terceiro capítulo da EC: uma filosofia puramente estrutural.

> "Numa filosofia que renunciasse de fato à noção de substância, poderia haver um único universo, que seria o universo das formas: entre as diferentes espécies de formas investidas de direitos iguais, entre as relações físicas e as relações implicadas na descrição do comportamento, não se poderia nem sequer supor uma relação de derivação ou causalidade, nem, consequentemente, exigir modelos físicos que sirvam para sustentar no ser as formas fisiológicas ou psíquicas." (EC, p. 208)

---

[191] EC, p. 206.

Quando dissemos acima que há uma transformação do mundo físico na presença de um ser vivo, demos a impressão de que o mundo físico é primeiro e abarca os mundos para..., mas na verdade isso só se sustenta a partir de uma segunda transformação, do mundo em mundo para um observador humano, já que o mundo físico é um recorte – e já para Wertheimer – da experiência direta e qualitativa. É apenas desse ponto de vista extremamente específico que se pode dizer que o mundo físico se transforma em mundo para o ser vivo. A arqueologia da ciência no comportamento revela que essa formulação comporta portanto uma inversão e um esquecimento.

A categoria fundante, pré-científica, aliás, a sustentar as categorias operantes da análise real, é a de substância, a ideia de um ser sem qualidades, dividido em elementos pequeníssimos a existir "contra" o nada ou o vazio, cuja associação viria a criar o efeito secundário das qualidades (da cor, exemplarmente, mas também da textura, da dureza, etc.). Merleau-Ponty defende justamente que, diante da descoberta da anterioridade da experiência em relação às categorias de substância, de causa, de ser, relativizemos sua vigência e abandonemos, numa epistemologia abrangente, a ideia de primazia do ser e da substância por outra, a de significado, que abarcaria e situaria corretamente as primeiras: "É preciso na realidade entender a matéria, a vida e o espírito como três ordens dos significados".[192]

*

Contudo, Merleau-Ponty não prossegue imediatamente para a filosofia puramente estrutural que se prenuncia na rejeição da fisiologia e, em verdade, da prioridade ontológica e epistemológica da realidade tal como a ciência física a entende. Antes, a primeira parte da argumentação contra a fisiologia alternativa proposta pela Gestalttheorie com base na ideia de isomorfismo leva ao exame dos comportamentos de um ponto de vista puramente psicológico ou, se quisermos, descritivo, que retomaremos a seguir.

---

[192] EC, p. 213.

Tal descrição dos comportamentos, que os divide em três tipos, segundo níveis de abstração, encerra a revisão científica e a primeira parte da EC. Apenas depois a elaboração de uma filosofia desprendida da noção fundante de substância será empreendida. Tal descontinuidade do argumento nos parece digna de nota, não porque a necessidade de uma filosofia estrutural seja prejudicada pela interpolação da descrição das formas de comportamento, mas, pelo contrário, porque esta última é que nos parece não se ligar inteiramente à primeira: conquanto o comportamento simbólico recaia sob a categoria mais abrangente da ordem humana, como prevalece afinal o corte ou a diferença entre as ordens, perde-se algo da progressão que se esboçava no fim do capítulo 2 entre os comportamentos chamados amovíveis e os simbólicos, entre a ordem vital e a simbólica. Esperamos voltar a isso adiante.

4. Níveis de formas: formas sincréticas e situações concretas; formas amovíveis e sinais; formas simbólicas e... símbolos!

Tendo desbancado a fisiologia como explicação última dos comportamentos dos seres vivos, e postulado que é a psicologia que deve fornecer tanto os objetos adequados de conhecimento quanto as noções descritivas que orientarão sua compreensão, Merleau-Ponty passa ao "exame direto dos comportamentos superiores". Trata-se de um apanhado dos gestaltistas e cientistas não-mecanicistas, cujo resultado será um detalhamento da noção fundamental de forma ainda no âmbito da ciência, mas agora sem a interferência de hipóteses fisiológicas. A descrição das três diferentes classes de formas biológicas ocupa o terceiro item do capítulo 2 da EC e conclui a parte "extrafilosófica" das teses.

A princípio o autor se ocupa de revisar o problema do aprendizado – o fenômeno crucial para uma teoria que procura "explicar a ampliação do campo reflexógeno"[193] – opondo mais uma vez a visão mecanicista (behavioristas, Pavlov) e a teoria gestaltista. Os resultados negativos são os que já conhecemos: de modo algum pode o aprendizado envolvido na solução de um problema (como o de libertar-se, ou o de alcançar alimento) ser descrito como um processo dividido em uma primeira fase de tentativas cegas, durante a qual se encontra ao acaso a solução, e uma segunda fase de fixação dos atos úteis e eliminação dos inúteis, feitas pela associação entre os primeiros e o resultado ou solução desejados. A explicação empirista da fixação viola a lei de ligação causal: "não vemos como a ordem do fluir temporal se inverteria, como o efeito [o resultado desejado] poderia tornar-se causa de sua causa". Além disso, a fixação ocorre sem repetição em inúmeros casos, bem como a inibição após uma única instância em que tenha havido um resultado especialmente desagradável ou perigoso.[194]

---

[193] EC, p. 147.

[194] EC, p. 155; a criança aprende a evitar o fogo depois de uma única experiência, e não o faz com o mesmo movimento brusco com que se afastou dele naquela ocasião.

De modo que sobressai a *prospecção* nas tentativas de resolução, não o acionamento cego de mecanismos preestabelecidos. Os vários movimentos que o animal deve fazer numa situação experimental antes de alcançar seu objetivo indicam claramente, segundo Merleau-Ponty (que toma esta passagem a Guillaume), que ele como que adota uma "hipótese", "que se manifesta e persiste antes que o sucesso possa consagrá-la". Seu comportamento, cada movimento singular a compô-lo, se organizam e prescrevem segundo um plano geral[195] – têm um sentido.

Tal sentido se evidencia pelo fato de que os próprios atos que se dirigem à solução podem variar segundo a facilidade momentânea de seu emprego, conservando-se apenas o resultado. Os gestos inúteis que porventura tenham sido feitos nas primeiras tentativas tendem a ser eliminados, donde poder-se dizer que o animal não associa movimento e resultado por frequência, mas compreende qual de seus *gestos* serve a seu *propósito*. E nisso revela-se por seu turno o que Merleau-Ponty chama de *aptidão*: o que se aprende não é uma série fixa de movimentos determinados, mas a forma, realizável por diferentes membros ou movimentos, de resolver problemas semelhantes; a aprendizagem é "uma alteração geral do comportamento que se exprime numa multiplicidade de ações cujo conteúdo é variável e o significado constante";[196] e algumas páginas adiante: "o movimento de resposta primitivo é fixado apenas como um caso particular de aptidão geral que pode variar com base num mesmo tema fundamental".[197]

Num comportamento voltado para um objetivo, o espaço é experimentado em movimentos singulares de modo a ser mapeado, marcado por vetores – direções a seguir, direções a evitar – com o que ganha sentido, literalmente, orienta-se em relação ao alvo. Que os movimentos se organizam por tal sentido é fato visível para o observador, que constata que "o ritmo dos movimentos, sua divisão e sua coordenação no tempo são diferentes conforme a reação considerada tenha um sentido e se reporte à própria essência do problema, ou que, ao contrário, trate-se de uma estereotipia

---

[195] EC, p. 158.

[196] EC, p. 151.

[197] EC, p. 155.

desencadeada por um aspecto abstrato e exterior da situação".[198] Sabemos que a metodologia científica empirista denuncia este tipo de observação, e já vimos como Merleau-Ponty denunciava por sua vez o ponto de vista do espectador estrangeiro como uma ficção inverossímil e improdutiva. O ritmo, por exemplo, não é subjetivo (uma fantasia idiossincrática do observador), apenas não está *nos movimentos, mas na relação entre eles.*

Recusar objetividade a tais aspectos dos comportamentos significa "atribuir um privilégio de objetividade" às excitações elementares em detrimento das reações que decorrem da "estrutura da situação" e que "desempenham com relação" aos músculos efetores e terminações sensoriais "um papel regulador".

> Esses processos de estrutura... estabelecem uma relação de sentido entre a situação e a resposta, explicam a fixação das respostas adaptadas e a generalidade da aptidão adquirida. Fazem intervir, no esquema estímulo-resposta, não as propriedades materiais dos estímulos, mas as propriedades formais da situação, as relações espaciais, temporais, numéricas, funcionais que são a sua ossatura. (EC, p. 161)

E imediatamente: "à medida que relações desse gênero emergem e tornam-se eficazes por elas mesmas é que o progresso do comportamento é explicável". O que significa que é possível pensar uma escala de comportamentos, já não segundo a divisão do sistema nervoso em duas partes (a periférica, responsável por comportamentos reflexos e a central, encarregada dos superiores), mas segundo o grau de complexidade das estruturas que os organizam (que devem ter uma expressão fisiológica, coerente com a ideia de uma integração das atividades das estruturas periféricas às das centrais). Num extremo estarão organismos cuja conduta esteja "mergulhada no conteúdo" e no outro, seres em que ela "emerja dele para tornar-se, no limite, o tema próprio da atividade".[199] Vimos que Pavlov já entendia o comportamento como reação a sinais do ambiente (sinalização) – a progressão de que Merleau-Ponty fala poderia ser descrita como um distanciamento do signo em relação a seus meios materiais. Num extremo há

---

[198] EC, p. 159.

[199] EC, p. 162.

estruturas sincréticas; noutro, símbolos. Entre eles, toda a gama possível de comportamentos guiados por sign-Gestalten.

Merleau-Ponty descreve três tipos de comportamento, o sincrético-instintivo, atribuído a animais simples (sapos, estrelas do mar, formigas); o comportamento ligado às formas chamadas amovíveis, atribuído a animais que podem aprender (ratos, chimpanzés, outros símios); o comportamento simbólico, exclusivamente humano.

Naturalmente o filósofo dedica pouquíssima atenção ao primeiro tipo. Em parte porque já argumentara que mesmo no nível do comportamento normalmente considerado mecânico há forma, *Umwelt*, meio comportamental, ao invés do universo objetivo suposto pelas explicações mecanicistas. De fato, ele afirma que "os comportamentos mais simples, os que, por exemplo, encontramos nos invertebrados" estão ligados a "certos aspectos abstratos das situações" ou a "complexos de estímulos muito especiais", e nunca a "objetos isolados". Esta última condição significa que ao invés de se guiar pelos objetos que nós identificamos, os animais "simples" se orientam por sinais específicos – a aranha não é atraída pela mosca, mas por uma vibração de determinada frequência transmitida pela teia, o que se prova logrando-a com um diapasão – ou por complexos de sinais que se produzem nas "situações vitais que lhe são prescritas". Talvez essa explicação pareça favorável a uma abordagem mecanicista, mas deve-se atentar a que o estímulo nunca é elementar, mas em verdade uma constelação de sinais de uma configuração ambiental específica à sobrevivência, reprodução, alimentação etc.

Se a análise real aqui se prova a única forma de acesso do observador humano a esse tipo de interação com o ambiente não se deve concluir que os elementos sejam dados de experiência ou reais – os animais não identificam os objetos, mas tampouco os sinais elementares participantes das constelações específicas, que só nos são acessíveis como elementos abstratos (frequências de ondas, por exemplo), abstraídos justamente dos objetos de *nossa* experiência cognitiva. Noutras palavras, esse tipo de conhecimento é indireto, tanto porque para o animal o que vale é o conjunto dos sinais (que ele

evidentemente não experimentar como composição de elementos abstratos), quanto porque tampouco nós os experimentamos assim.

Os objetos e os elementos deles derivados analiticamente são cognitivamente posteriores às "estruturas aderentes" em que vivem os animais inferiores. Em certa medida a abordagem do fenômeno comportamental por decomposição em estímulos é correta, já que os animais não percebem objetos, mas apenas se nos ativermos à composição, ou seja, o essencial aqui é o significado como situação vital. Nesse nível o estímulo tampouco é sinal de outra coisa, trata-se sempre de estruturas específicas – mesmo a presa deve ser entendida como um complexo desse tipo. Por isso Merleau-Ponty fala de um comportamento "aprisionado" e de "formas sincréticas" - só há complexos reconstituídos de estímulos para nós que observamos.

Esses animais consequentemente não aprendem ou pouquíssimo, já que só podem tratar situações inéditas na medida em que guardam semelhança com as suas situações vitais. Merleau-Ponty chama ainda essas estruturas de "aderentes" e este tipo de comportamento de instintivo,[200] implicando que o termo é inadequadamente usado na linguagem corrente.

O tipo seguinte recebe muito mais atenção. Trata-se de animais que aprendem, galinhas, ratos, gatos, cachorros, mas sobretudo chimpanzés – aos quais Köhler dedicara vários anos de pesquisa. Esses animais se orientam por sinais "fundados em estruturas relativamente independentes do material"[201]: reagem de acordo com uma configuração relacional, por exemplo, comem o milho mais claro de dois tipos apresentados, ou comem o milho do recipiente percebido como menor. O sinal está na relação entre dois estímulos, sendo independente de seus valores absolutos (separados) – é o que os

---

[200] EC, pp. 164, 165: "Se quisermos dar às palavras um sentido preciso, devemos chamar de instintivo um comportamento que responde literalmente a um complexo de estímulos mais que a certos traços essenciais da situação".

[201] EC, p. 165. Retoma o termo pavloviano para lhe dar outro sentido. O sinal não aparece na "simples contigüidade, temporal ou espacial, entre um estímulo condicionado e um estímulo incondicionado", mas é constituído pelo organismo quando lhes apreende conjuntamente, em relação.

gestaltistas chamaram de sign-Gestalt (traduzido por "configuração" na edição brasileira da EC). A capacidade de abstrair o sinal de sua configuração atual é condição da capacidade de aprender (enquanto não houver transferência para outra configuração o aprendizado não está completo, apenas suas condições – quer dizer, a generalização da forma, o desenvolvimento da aptidão é um momento distinto da percepção do sinal).

A inteligência das diferentes espécies e dos diferentes indivíduos seria função da complexidade dos sinais que são capazes de entender – "a descrição objetiva do comportamento descobre-lhe uma estrutura mais ou menos articulada, uma significação interior, mais ou menos rica, a referência a "situações" ora individuais, ora abstratas, ora essenciais" – correspondendo os três tipos de situação evidentemente aos três tipos de comportamento e de forma em questão na classificação que Merleau-Ponty empresta à ciência. A inteligência e a habilidade de aprender seriam portanto funções da capacidade de "extrair" sinais das propriedades materiais das situações em que se apresentam e desenha-se assim não uma tipologia estanque, mas uma verdadeira escala em que valores intermediários são possíveis e a mente humana "pura" representa um dos extremos, uma vez que "o poder de se adaptar mais à estrutura dos sinais do que às suas propriedades materiais não é ilimitado no animal".[202]

No simpático experimento que Merleau-Ponty reproduz como demonstração da maior capacidade humana (seguramente não ilimitada como a última citação pode sugerir) de separar os sinais de suas propriedades materiais, crianças são bem sucedidas, mas macacos não, na tarefa de apanhar pedaços de chocolate colocados a cada instância na caixa seguinte (n+1) de uma fila de caixas. O que salta aos olhos como habilidade distintiva da espécie humana é a percepção de "estruturas mais complexas nas quais o valor reflexógeno é distribuído *em função* do espaço e do tempo"[203] – a criança entende que da *próxima vez* o chocolate vai estar sob a *próxima caixa* (na posição seguinte da série espacial).

---

[202] EC, p. 171, depois 170.

[203] EC, p. 171.

Aí está, ao que sabemos, a primeira menção à importância da concepção do tempo (da capacidade de conceber o tempo sem se situar necessariamente no agora) para a caracterização da inteligência e, mais geralmente, do modo de ser especificamente humano. Merleau-Ponty indica que os experimentos mostram, mesmo nas espécies que são capazes de apreender as relações de um estímulo em "suas relações espaciais e temporais" com um objetivo, há preponderância acentuada das primeiras, enquanto o tempo permanece mais "aderente": "O corpo vivo não organiza indiferentemente o tempo e o espaço, não se serve de ambos do mesmo modo"[204], e "para o comportamento animal, essa correspondência espaço-temporal não existe, e o espaço é, por assim dizer, uma estrutura mais sólida e mais manejável que o tempo".[205] Ficará mais claro adiante que mesmo a capacidade humana de constituir um tempo como campo virtual, situar-se em momentos diferentes do agora, projetar o significado do passado sobre o presente etc. não é ilimitada, e portanto permanece, mesmo no nível mais alto de abstração do comportamento, certa aderência, especialmente clara na percepção: "o privilégio do espaço no animal e a presença de uma espécie de espaço-tempo no comportamento perceptivo oferecem ao filósofo a mesma dificuldade", qual seja, da inerência.

Um maior grau de independência entre sinal e meios materiais transformaria as estruturas em um campo de objetos situados nas três dimensões espaciais e na dimensão temporal, ou seja, transformaria o *Umwelt* dos animais no universo da ciência. Não é ainda disso que se trata, os animais discutidos não estão presos às configurações específicas dos sinais, mas sua capacidade de abstração é menor que a humana. Perceber o modo de experiência dos animais significa por isso "conceder um espaço ao indeterminado como tal, e entender que um comportamento ou uma experiência podem ter um significado "vago" e "aberto" sem ter um significado "nulo"",[206] manobra em que tanto a situação dos outros animais se torna mais inteligível, senão mais determinada, e

---

[204] EC, p 174.

[205] EC, p. 175.

[206] EC, pp. 178, 179.

a nossa própria posição cognitiva se esclarece. A própria atitude ingênua obtém algum esclarecimento na discussão, como procuraremos mostrar.

Interessantemente, Merleau-Ponty indica que a capacidade de abstrair tem conexão com a atribuição de privilégio à percepção visual em detrimento da cinestesia ou do senso de equilíbrio, da posição do corpo próprio. O exemplo é o do chimpanzé que, tendo de alcançar uma fruta no alto, ao invés de empilhar as caixas de que dispõe segundo os dados visuais (alinhando-as), constrói uma pilha potencialmente muito instável, compensando depois o problema com movimentos do próprio corpo "de modo que as próprias caixas embaixo do animal obedecem em certa medida à sua estática cerebelo-labiríntica".[207] Esta é a primeira instância do privilégio do corpo próprio, e uma que pode situar melhor a impressão que temos de que, apesar de observações em contrário, a exposição pontiana é ascensional, e culmina na inteligência humana.

Pois o que se revela no comportamento normal dos chimpanzés, bem como no dos seres humanos quando estão cansados, é que a abstração possível a partir das estruturas exteroceptivas, em especial da visão, depende de uma ancoragem no corpo próprio, nas estruturas intero e proprioceptivas. Chimpanzés se apressam para pegar uma fruta jogada pela janela, continuam portanto "sabendo" dela mesmo que não esteja mais à vista, mas têm dificuldade de empurrá-la para longe de si em direção a uma abertura através da qual conseguirão apanhá-la:

> É pois evidente que se trata, para o organismo animal, de duas tarefas diferentes e desigualmente difíceis... fazer um desvio e fazer com que o objetivo faça um desvio. As relações espaciais... são acessíveis... apenas num sentido, quando desenham um movimento do organismo em direção ao objetivo; o objetivo é o ponto fixo, o organismo é o ponto móvel e eles não podem trocar de função; o organismo não é um objeto entre objetos, ele possui um privilégio. (EC, pp. 183, 184)

O homem cansado que tem de gesticular para explicar o caminho a alguém, ou que tem de virar o mapa de modo que suas direções coincidam com a orientação atual de seu corpo está igualmente recorrendo a essa estrutura proprioceptiva mais firme e

---

[207] Este texto é de Köhler, *L'intelligence de singes supérieurs*, citado por Merleau-Ponty, EC, p. 182.

privilegiada, sobre a qual o espaço pode ser construído e percorrido em imaginação. Parece mesmo que a diferença específica da inteligência humana surgiria com essa transição em que a propriocepção funda as dimensões abstratas do espaço, para em seguida liberá-las para o uso de um corpo "imaginado", a princípio no lugar do objeto desejado:

> Da mesma maneira, *fazer com que o objeto faça* um desvio é traçar, com o nosso próprio gesto, o símbolo do movimento que teríamos que fazer se estivéssemos em seu lugar, é estabelecer uma relação entre relações, é uma estrutura ou uma intenção à segunda potência. O que falta ao chimpanzé é a capacidade de criar entre os estímulos visuais (e entre as excitações motoras que suscitam) relações que exprimem e simbolizam suas mais familiares melodias cinéticas. O animal não pode se colocar no lugar do objeto e ver a si próprio como objetivo. (...) como não poderia reconhecer uma mesma *coisa* de diferentes perspectivas. (EC, p. 184, 185)

Seríamos tentados a dizer que há uma correspondência entre o objeto imaginado de outro ponto de vista e o corpo próprio imaginado no lugar do objeto. Eles de alguma forma podem "trocar de lugar" e o observador pode se imaginar agindo no lugar do objeto. Fica claro que, ao menos na situação experimental discutida, deve haver um objeto para ancorar a "projeção" do corpo próprio, e que, se a projeção for efetiva e a correlação completa, deveríamos experimentar alguma alienação em relação a nosso corpo. Merleau-Ponty trata esses deslocamentos, essa relação entre relações (R [R1 atual: eu e o objeto] - [R2 inatual: eu como objeto e o objeto como eu imaginários]) como relações de representação entre diferentes tipos de estímulos: para construir uma "torre" de caixas mais estável, "o animal teria de tratar certos estímulos visuais e certos estímulos interoceptivos como representativos uns dos outros".[208]

Mas, sendo esse um caso em que temos acesso direto à experiência, sabemos que não há trabalho de representação ou de imaginação em sentido comum quando, por exemplo, empurramos um objeto em direção a uma abertura para poder alcançá-lo, mesmo que ele se afaste momentaneamente de nós. Fazemos "desvios" mais abstratos, e apenas a partir de certo grau de abstração há algo como a experiência de imaginar ou algum esquecimento da própria posição e do corpo próprio. É interessante notar ainda

---

[208] EC, p. 186.

que, ao menos nos exemplos que Merleau-Ponty empresta a Köhler, as relações entre relações se revelam quando há necessidade de movimentar-se ou ao objeto, de modo que não poderíamos deixar de conjecturar se a motricidade é melhor candidato a dado fundamental do problema da constituição original das formas propriamente simbólicas – evidentemente, a formulação de Merleau-Ponty aponta para as sensações interoceptivas, que não podem se apresentar corretamente sem ao menos uma intenção de movimento.

Finalmente, ele indica sua adesão a outra forma de explicação: "esse pretenso recurso aos dados táteis é na realidade um recurso ao espaço vivido, por oposição ao espaço virtual no qual nossas indicações inicialmente [quando tentamos explicar o caminho sem fazer gestos] se situavam".[209] Não há de fato imaginação e projeção no sentido habitual, mas esse "recurso ao espaço vivido" como volta a algo *mais*, não *menos concreto*, a saber, o espaço corporalmente vivido por meio da movimentação e da sensibilidade ao próprio corpo em situação no espaço e em movimento. Apenas se esse primeiro "campo cinético" (ou sinestésico) está firmemente presente como fundamento temos como passar ao "diagrama visual", estabelecendo "entre um e outro relações de correspondência recíproca e de expressão mútua".[210]

Merleau-Ponty discute também, acompanhando o raciocínio de Köhler, a relação entre a incapacidade dos chimpanzés de correlacionar o espaço vivido (motor) e o espaço visto e a "debilidade visual" que se lhes atribui. O último elemento não pode, enfatiza, ser pensado como causa da incapacidade de correlacionar espaço motor e espaço visual. Ele se limita a dizer que a visão é o "sentido do virtual", e que a debilidade visual atribuída aos chimpanzés é antes o resultado de sua menor capacidade de se situar virtualmente, e em seguida que "a debilidade visual não faz mais que exprimir a insuficiência das relações de expressão recíproca, do comportamento simbólico ou ainda da "estrutura coisa"".[211]

---

[209] EC, p. 184.

[210] EC, p. 185.

[211] EC, p. 187.

Em suma, alguns animais percebem relações, alguns percebem algumas relações entre relações, desde que nem o tempo nem o corpo próprio devam ser irrealizados. Relações entre relações, inexistentes mesmo entre os símios superiores e caracteristicamente humanas, são chamadas de "relações de expressão recíproca", o comportamento dependente delas de "comportamento simbólico" e aquilo que constituem de "estrutura coisa",[212] de que a seção final desta classificação se ocupa.

O último tipo de comportamento corresponde ao símbolo, definido como "o tema próprio de uma atividade que tende a *exprimi-lo*".[213] Comumente "exprimir" indica uma correspondência interna, como quando se diz que o rosto de alguém exprime dor ou alegria, e também o caráter essencialmente significativo do resultado, no exemplo, que nós que olhamos sabemos que aquela configuração do rosto significa algo. Ora, a formulação pontiana indica que o comportamento tipicamente humano exprime o próprio símbolo (que contudo esperaríamos, pelo uso que acabamos de recapitular, que exprimisse outra coisa).

Além disso, enquanto a expressão supõe comumente um vínculo natural com o expresso, na acepção comum um símbolo é um signo que remete a algo com que ele tem uma associação meramente convencional (sem o que seria um sinal, algo que está em contiguidade espacial e/ou temporal com outra coisa). Merleau-Ponty está com efeito dizendo algo diferente do usual, mas se não está simplesmente contradizendo a acepção comum, é necessário que haja uma correspondência interna entre o comportamento e o símbolo (expressão) e que ao mesmo tempo a associação entre o símbolo e o comportamento permaneça convencional. E deve-se atentar para o fato de que na expressão pensamos apenas em dois elementos, enquanto a expressão do símbolo pelo comportamento comporta um terceiro elemento, como deve ficar claro nos exemplos.

---

[212] EC, p. 187.

[213] EC, p.189.

Recordemos da seção anterior que no comportamento simbólico estão envolvidas pelo menos duas séries de relações, e não parece casual se o exemplo que introduz a explicação é novamente um comportamento motor, em que uma das séries de signos é visual: trata-se da análise do comportamento do instrumentista (Merleau-Ponty menciona secundariamente o datilógrafo). Quando alguém toca uma peça musical segundo uma partitura, de um lado há o texto musical, cuja correspondência com a série dos sons é evidentemente convencional, de outro os movimentos que acionam as, digamos, teclas do instrumento, movimentos que podem ser executados diferentemente; dependendo da posição inicial das mãos ou da sequência do trecho será mais conveniente usar primeiro este dedo, depois aquele, sendo que essas montagens motoras (conhecidas como dedilhados) variam também de pessoa para pessoa. O invariante é, segundo Merleau-Ponty, o significado musical do texto ou dos gestos. É a ele que o comportamento se dirige ou, no caso, é a música que o texto significa que o instrumentista toca, a relação de relações.

O que a descrição pontiana não recupera – ela é, aliás, terrivelmente breve – é a "irrealização" que desempenhara papel decisivo na comparação entre o comportamento dos chimpanzés e das crianças – pareceu então que o traço distintivo do ser humano é a capacidade de se liberar do presente, da situação atual, da posição corporal efetivamente ocupada, e assumir imediatamente uma atitude que só é possível pela apreensão simultânea das relações entre o presente e o (futuramente) possível, da situação atual e da situação possível, etc. Mas agora é o símbolo e o comportamento a ele correspondente que nos tornam humanos; qual é então a relação entre a "irrealização", que permite a relação de relações, e o símbolo?

Ao invés de apontar nessa direção (das condições de possibilidade da simbolização), Merleau-Ponty indica o "núcleo comum de significado" que é o próprio conteúdo do símbolo. No exemplo do instrumentista, a música guarda com cada uma das séries (a série dos signos gráficos do texto musical, a série dos movimentos do executante) uma associação apenas parcialmente convencional, porque "o desenho da melodia, a configuração gráfica do texto musical e o desenrolar dos gestos participam

de uma mesma estrutura".[214] Essa estrutura não é local, não é sequer abstraível da estrutura local (das instâncias), mas, ao contrário, comanda sua "abertura", permite sua compreensão ou, finalmente, que cada gesto ou cada signo gráfico se integre num todo significativo:

> A notação musical não seria uma linguagem, o órgão não seria um instrumento, se a maneira como escrevemos ou tocamos um dó não envolvesse um princípio sistemático e não supusesse a maneira como escrevemos ou tocamos as outras notas. O signo verdadeiro representa o significado, não segundo uma associação empírica, mas enquanto sua relação com os outros signos é igual à relação do objeto significado por ele com os outros objetos. (EC, p. 191)

Primeiramente, portanto, que a associação entre o símbolo e o que se exprime seja convencional não significa que seja contingente ou fortuita. O comportamento simbólico pode se realizar por diferentes gestos, no exemplo, visando contudo sempre a mesma significação, a melodia a executar. Sabe-se que a obra posterior de Merleau-Ponty retomará esse tema no comentário às ideias de Saussure: a associação entre cada palavra e seu significado pode parecer contingente, e certamente é convencional, uma vez que diferentes palavras podem designar aproximadamente as mesmas coisas, mas a linguagem como um todo é que confere significação a cada uma de suas palavras, independente de que algumas delas venham a se perder ou que surjam outras, novas. A relação de expressão se dá entre todos, ou formas – conquanto a linguagem não seja simplesmente mais um exemplo, mas o sistema simbólico por excelência, e a estrutura a que ela se reporta talvez não seja realmente designável (como no exemplo do instrumentista eram a música ou o universo dos sons). Em todo caso, a ausência de descrição da linguagem na tipificação do comportamento simbólico nos parece a sua segunda grande deficiência.

Se voltarmos contudo ao exemplo da música, deve sobressair ainda outro problema. O universo dos sons *musicais* não é estruturado com a mera percepção (que certamente comporta estruturação, já que ouvimos figuras sonoras sobre fundos igualmente sonoros). Existem várias estruturações musicais possíveis, o que é claro se lembramos que diferentes povos e épocas fazem e faziam música elegendo

---

[214] EC, p. 191.

sistematicamente diferentes alturas e intervalos, de modo que há inúmeras escalas e sistemas de escalas historicamente realizados, com suas respectivas notações e os instrumentos necessários para produzi-las. O universo contínuo dos sons, tal como se apresenta para a percepção e, modificado, para a ciência, não é o universo dos sons musicais, e se este último tem uma estrutura designável, é porque ele já foi *seletivamente* estruturado, num processo em que, quer nos parecer, o desenvolvimento de uma notação, ainda que não necessariamente gráfica (como nas "notações" vocais da complexa percussão indiana), e o dos instrumentos se entrelaçam. Além disso, o desenvolvimento estruturante de um universo sonoro musical culturalmente específico se relaciona com o de outros, a constituição da música se liga à da dança, das formas de celebração e socialização etc. Nesses processos, parece difícil dizer onde cessam os fins naturais e começam outros, os fins culturais, históricos (?), na medida em que a cultura, que é a estrutura de todas as estruturas, não perde senão tardia e ilusoriamente seus vínculos com a materialidade da vida orgânica (a alimentação, a preservação do corpo, etc.).

Evidentemente que esse ponto da exposição pontiana não comporta o tipo de reflexão que acabamos de fazer, que em grande parte é emprestada de outras obras do autor, mas o que gostaríamos de mostrar é que Merleau-Ponty constrói a tipologia dos comportamentos por um corte entre os fins naturais e os fins humanos, e que tal separação tem consequências importantes, que não são criticamente retomadas e atuam através das teses num sentido que nos parece contrário ao desígnio do autor de permanecer no meio misto do comportamento e da experiência perceptiva.

A explicação pontiana faz parecer que a atividade expressiva visa *exclusivamente* a si mesma. Em contraste com os dois primeiros tipos de comportamento, o comportamento simbólico se caracteriza por uma liberdade de situação, pela "multiplicidade perspectiva" que, conclui Merleau-Ponty, "introduz uma conduta cognitiva e uma conduta livre". A primeira conclusão se justifica porque nesse nível está a estrutura-coisa, ou seja, o objeto, já que apenas para os seres humanos as coisas do mundo natural podem ser tomadas separadamente, fazendo-se variar, ao menos virtualmente, sua situação e emprego – apenas ao ser humano ocorre que o mundo natural seja constituído de partes que podem ser deslocadas para outro contexto, para servir a fins próprios, como, com mais razão, fabricar instrumentos. De estalo, a

cognição "se abre para a verdade e para o valor próprio das coisas", que substituem todos aqueles fins demasiado naturais que orientam o comportamento animal.

Tal desvinculação do comportamento simbólico dos fins naturais contribui muito para a impressão "ascensional" que a tipificação das formas, dos comportamentos e dos signos provoca. Merleau-Ponty afirma imediatamente antes do trecho que acabamos de citar que "Os *a priori* sensório-motores do instinto ligavam o comportamento [instintivo, sincrético] a conjuntos individuais de estímulos e melodias cinéticas monótonas. No comportamento do chimpanzé, os temas, senão os meios, permaneciam fixados pelo *a priori* da espécie".[215] Se o comportamento simbólico é expressivo, se ele deixa de *ter* significado para *ser* significado, a liberação dos *a priori*, do instinto e dos temas naturais é posta como sua condição ou ao menos como seu correlato. Pois o significado do comportamento de todos os outros animais deve ser procurado nos temas predeterminados pelas condições da vida natural.[216]

Os seres humanos, por seu turno, representariam o advento do sentido "puro", uma vez que o fim do comportamento simbólico que os caracterizaria não é natural, mas se engendra na própria atividade de correlacionar universos similarmente estruturados, ou criar linguagens tais que possam exprimir a estrutura específica de diferentes universos sensórios e ser, por sua vez, instrumentos para novas expressões desta mesma estrutura, desta forma significativa. Se nesse movimento de distanciamento a primeira coisa a se perder de vista são os chamados fins naturais, não é senão coerente com o *a priori* da espécie humana que os universos estruturados da sensibilidade – do som, da visão, etc. – sejam deixados para trás, à medida que uma linguagem passa a exprimir outra, sem ter de voltar à referência concreta original. Mas se, contudo, cada movimento de constituição estruturante e expressiva estiver em consonância com as referências sensórias ou, talvez melhor dito, condisser com a experiência, temos aí um esboço de como o conhecimento não apenas se constitui validamente mas se torna cada vez mais

---

[215] EC, p. 192.

[216] Supomos que se fosse instado a precisar o sentido dessa predeterminação dos temas pela espécie, Merleau-Ponty teria de recorrer à explicação evolucionista que supõe que a sobrevivência individual e da espécie determina todos os aspectos, físicos e comportamentais, da vida animal. No curso sobre a Natureza, é certo que o filósofo procura escapar de toda visão determinista e econômica do comportamento e da vida.

abrangente, abstraindo sucessivamente do universo das estruturas-coisas em direção a... *mathesis universalis*?

Obviamente esta não é a direção para qual Merleau-Ponty desejaria levar seu leitor, como se mostra nas considerações que concluem a primeira parte da obra e, com mais clareza ainda, em toda segunda parte. Em resumo, o que ele lembra é que a negação "intrafilosófica" do empirismo conduz logicamente ao criticismo, e o percurso pelas minúcias científicas seria dispensável caso aderisse a uma posição criticista "clássica". É porque o verdadeiro adversário é o criticismo, pelo contrário, que a ciência foi visitada: para que se evidenciasse algo de verdadeiro por trás de seus resultados mal interpretados, algo dos fenômenos de que o criticismo não pode dar conta. Em suma, a partir deste ponto Merleau-Ponty se põe a refutar Brunschvicg – que a tarefa não é simples, sabemos pela persistência da crítica ao criticismo ou, de modo mais geral, a certa compreensão da filosofia transcendental imiscuída mesmo em Husserl, que se estende para muito além das teses (e constitui, no seu ponto mais alto de maturação, talvez, a motivação para a inflexão final da obra pontiana).

Mas antes de examinar o início do acerto de contas com o criticismo não nos deve escapar que ele é posto em jogo de forma extremamente subversiva – e, a nosso ver, conforme uma estratégia que torna incontornáveis os problemas que apontamos anteriormente. Numa passagem prévia, quando o filósofo tratava do estado provisório da teoria do funcionamento central, formulando por sua conta uma descrição verossímil das localizações cerebrais, isso servia à construção de uma alternativa à noção mecanicista de funcionamento em mosaico, dava corpo à noção concorrente de estruturações qualitativas. Na descrição da emergência da ordem simbólica o movimento é muito mais claro: essas categorias de sinais e de comportamentos que Merleau-Ponty vai encontrar nos naturalistas são adotadas como base da elaboração filosófica, de modo que se encontra o transcendental como um constituído, não apenas como constituinte.

O estatuto das descrições, aliás mais sumárias do que desejaríamos, é certamente afetado pelo capítulo III, em que se faz a crítica epistemológica da noção de forma que

constitui o núcleo teórico da Gestalt, mas a crítica não é uma contestação da legitimidade dos conteúdos da observação; pelo contrário, ela procura interpretá-los corretamente. Não se trata de incorporar um fragmento de saber positivo tal e qual à tese, mas tampouco se trata, era o caso com a teoria dos reflexos condicionados, de uma destruição quase completa da explicação científica pela crítica interna à experiência e em seguida epistemológica. Há sim, parece-nos, qualquer coisa afirmada com base na experiência, não apenas a legitimidade de uma noção de forma, mas sua validade: que ela de fato, desde que bem entendida, descreve tais e quais experiências. Mais que isso: em pontos-chave acompanha-se a descrição científica, reconhecemos desde a comparação entre o comportamento dos chimpanzés e o dos humanos certos elementos – o tempo, o símbolo – que permanecerão ativos na teoria pontiana para muito além da EC.

O que significa que, por seu turno, as retificações epistemológicas feitas no capítulo III à noção de forma não tornam a tese pontiana um trabalho de filosofia da ciência – enquanto o criticismo brunschvicgiano é sobretudo uma redução da filosofia à epistemologia, sua crítica deve ter um viés, mas não um resultado epistemológico. Justamente, desde esse momento se torna inegável que há algo afirmado sobre o que as coisas são, a experiência (científica, retificada pela reflexão filosófica) não é afetada, com a crítica epistemológica, de criticismo, ou seja, não se coloca tudo o que ela nos diz entre parênteses. Se o criticismo permite apanhar a experiência a partir de categorias cuja verdade é intemporal, quer dizer, de um plano que lhe é essencialmente estranho, o que se testemunha nesse movimento pontiano é uma reversão: vê-se as categorias intemporais surgirem na história da natureza, dos seres vivos, sem que agora nem a experiência, nem o símbolo puro da lógica possam se tornar dominantes e como que a única ordem legítima. Se se pensava ser preciso uma clarificação epistemológica antes de qualquer ontologia, agora é da descrição do que nos aparece que o que se pensa surge, quer dizer, a partir da nomeação correta do que é possível situar corretamente a possibilidade e o limite do que se pode conhecer. O que se pode conhecer depende do que se é – no caso, da norma da espécie a que se pertence. A impressão de que rumávamos diretamente para uma filosofia transcendental clássica é incompatível com o próprio modo pelo qual somos introduzidos nas categorias ou, na verdade, no regime do símbolo, em que elas podem se exprimir. Contudo, também não nos deve escapar que

conquanto a exposição do idealismo seja subversiva, ela não se enuncia, não se tematiza.

Se os símbolos e o comportamento simbólico – que realizam a verdade, o conhecimento, a liberdade, a consciência – emergem na série dos comportamentos animais, bem como, evidentemente, o homem está numa série ou num conjunto de espécies que fazem parte de uma história natural, então não se pode postular que haja uma "liberação dos fins naturais" na ordem simbólica, a não ser que se tome o cuidado de entender tal "liberação" não como um corte, uma negação absoluta, uma distinção, mas apenas como uma diferenciação, um salto, se quisermos. E aliás da mesma maneira com que não se deve entender a "irrealização" necessária à constituição do símbolo como uma negação da posição atual e do presente, hipótese em que já não é possível situar-se e agir. Pelo contrário, nos dois casos trata-se de uma relação original, em que a negação significa a aquisição de uma segunda perspectiva, que não anula, mas transforma a primeira. E a rigor o decisivo não se encontra nem na primeira dimensão, da atualidade, nem na segunda, virtual, mas na terceira – que Merleau-Ponty designa como o sentido, mas que igualmente poderíamos pensar como a ação que enlaça atualidade e possibilidade e lhes dá um (novo) sentido, ou exprime algo original. O leitor nota que reclamamos uma apreciação dialética da relação entre natureza e cultura, já que o autor vê a última surgir da primeira. Tal perspectiva se impõe tão mais fortemente por não poderem os símbolos mais abstratos – a verdade, por exemplo – ser entendidos senão como um limite para o qual tendem os comportamentos.

Merleau-Ponty começa explicitar as consequências anti-idealistas da reposição do símbolo na ordem dos fenômenos retomando a discussão epistemológica e a crítica da noção de reflexo. Seu veredito final acompanha integralmente o de Goldstein:[217] o

---

[217] *The Organism*, pp. 134 e 135: "The reflexes and the reflex laws are an expression of the organism's reactions, when certain parts are isolated. The isolation is effected either by the artificial (experimental) elimination of the rest of the organism that is not supposed to enter into the reaction or by the pathological segregation of single sections, through disease. There is a similarity between the experimental and the pathological phenomena, inasmuch as both have their origin in isolation".

reflexo, na medida em que é reação a estímulos elementares, seria em verdade uma degradação do comportamento nos animais e, no homem, ou degradação ou comportamento superior, possível apenas para quem pode abstrair aspectos da estrutura-coisa. É o que justifica a ênfase na peculiaridade do comportamento superior e do símbolo: as "estruturas superiores... não dão conta das outras".[218] Mas as estruturas superiores são aquelas de que dispomos para pensar as outras, e aparentemente estamos também presos e imersos no nosso modo próprio de comportamento: a "própria realidade... não pode ser nomeada nem pensada a não ser pela inteligência".[219] E não obstante isso não significa que os únicos fenômenos acessíveis à inteligência sejam os do mesmo nível que o dela, ou seja, que o conhecimento seja uma reflexão sobre as condições transcendentais do conhecimento, e que todo o conhecimento do "resto" seja ilegítimo. O que é claro quando o filósofo fala sobre o trabalho prévio de colocar os "problemas transcendentais do "pensamento confuso"".[220]

Ele não é outra coisa senão o próprio comportamento, que, prossegue Merleau-Ponty, se situa entre aquilo que é transparente para a inteligência como objeto, em-si – tudo que é explicável pela causalidade – e aquilo que é transparente como para-si pela reflexão. Se nos ativéssemos dogmaticamente aos marcos das formas biológicas, o pensamento confuso, anterior à instauração do símbolo ou de sua plena realização, seria problema da biologia, da psicologia, da etnografia, etc. O comportamento animal, na medida em que desdobra uma "projeção do organismo de uma *possibilidade* que lhe é

Mesma obra, pp. 147-149: "The formation of conditioned reflexes in man plays a not unimportant part in education and self-education. It requires a certain attitude, an adaptation to unaccustomed, unnatural situations that probably only man is capable of achieving. The conditioned reflexes represent the highest achievement in such adaptation.

Even a connection of this sort, however, is never the passive result of outside influences but originates in concomitant activity of the person himself or his fellow human beings.

Conditioned reflexes do not offer an adequate basis for understanding performances of the organism in general. From the viewpoint of figure-ground formation, they are not simple but complicated patterns. Indeed, one might even say they are the most intricate".

[218] Idem.

[219] EC, p. 196.

[220] Idem.

interior" – a legalidade interna ou a *norma* do organismo – não equivale ainda ao modo de ser propriamente humano, em que sói "transparecer uma consciência, quer dizer, um ser cuja essência é conhecer". Os animais que aprendem não são máquinas, "", eles têm "uma maneira curta e pesada de existir", mas distinguem-se do tecido do em-si como "uma concavidade", ao passo que "uma consciência é, nas palavras de Hegel, um "buraco no ser"".[221]

Ora, tais termos fazem supor uma maneira de existir inteiramente negativa e apartada do mundo, que o comportamento humano nunca recobre perfeitamente. Merleau-Ponty lembra que na realização mais alta do comportamento simbólico, a linguagem, "a constituição do outro como outro Eu não se conclui nunca, já que a palavra dele, mesmo tornada puro fenômeno de expressão, nunca deixa de ser expressiva dele mesmo tanto quanto da verdade e isso indissoluvelmente". E o reverso é também verdade, minha palavra, para o outro, não é só expressão da verdade (ou da não-verdade), mas de mim. De modo que o símbolo não de desprende inteiramente de suas condições originais, quer dizer, da própria atividade de simbolização, necessariamente ligada a um indivíduo real, concreto, indivíduo em sentido pleno e próprio. "Não existe pois comportamento que ateste uma pura consciência por trás dele, e o outro nunca me é dado como equivalente exato de mim mesmo, que penso" e por conseguinte "não deveríamos recusar a consciência apenas aos animais".[222]

Mas então como compreender as ideias de consciência, de verdade, de conhecimento? Uma primeira tentativa seria entender que o símbolo, o tipo de forma ou de estrutura que é a relação de relações, o comportamento simbólico, agora a consciência que Merleau-Ponty chama de "pura", tudo isso indica ou é enfim um *limite,* ideia, no sentido de algo que jamais existe plenamente, mas para que a realidade tende, dirige-se. Confundir as duas (idealidade e realidade, a consciência "buraco no ser" e a consciência empírica), acreditar que a consciência pura *existe* leva a um paradoxo:

---

[221] EC, p. 197.

[222] EC, p. 198.

> a suposição de uma consciência estranha reduz imediatamente o mundo que me é dado a condição de espetáculo privado, o mundo se esfacela numa multiplicidade de "representações do mundo" e não pode ser mais do que o sentido que estas têm em comum ou a invariante de um sistema de mônadas. (EC, p. 198)

A consciência pura não pode ser de ninguém, seus conteúdos não podem assim ser *experimentados*. O "buraco no ser", "ser cuja essência é conhecer" não existe no mesmo sentido em que os indivíduos, que se comunicam efetivamente, superando em ato as antinomias. Noutras palavras, a consciência é sempre consciência de alguém, o sentido das relações de relações está fundado no mundo da experiência, ou seja, nas estruturas apreendidas no mundo percebido, e portanto a superação do comportamento na consciência pura nunca se completa, embora ele esteja imantado nessa direção.

A vontade de não reconhecer essa impossibilidade é que explicaria, segundo Merleau-Ponty, a projeção das ideias-limite do modo de ser e conhecer humano nos outros seres: "a teoria dos animais-máquinas é uma "resistência" ao fenômeno do comportamento".[223] É o único momento desta primeira parte em que uma referência à psicanálise, ao desejo implicado na cognição, é feita. Infelizmente, é só uma menção – tomar essa ideia à sério implicaria rever a explicação anterior, consoante à de Husserl, por exemplo, de que a projeção das categorias cognitivas da experiência humana a todo o universo dos fenômenos, ao universo da vida dos animais, especialmente, é natural e ingênua. Poderia, ainda mais significativamente, alterar a falta de considerações pontianas sobre as *relações entre as categorias de comportamento*, na EC, ou das dimensões de existência (motricidade, sexualidade, linguagem) na FP.

Em todo caso, Merleau-Ponty frisa, e contra o tom enaltecedor da descrição do comportamento simbólico, que a ideia de consciência pura que acompanha logicamente as outras redundaria em paralisia (extática ou angustiada), não fosse o paradoxo se resolver praticamente, quer dizer, na ação e interação:

> Ora, de fato, tenho consciência de perceber o mundo, e, neste, comportamentos que visam *ao mesmo mundo* numericamente um, isto

---

[223] EC, p. 199.

> é, que, na experiência dos comportamentos, supero efetivamente a alternativa do para-si e do em-si. (EC, p. 198)

O uso da linguagem faz lembrar nesta passagem a solução do paradoxo de Zenão – que se resolve teoricamente pelo recurso à noção matemática de limite. "O comportamento não é uma coisa, mas também não é uma ideia", ele é o lugar de origem das coisas e das ideias e ambas são afinal apenas ideias ou limites que devem ser referidos ao mundo comportamental para receberem sentido.

Mas isso não é suficiente, e como que apenas explicita, na forma mais abstrata da linguagem (a matemática), a impossibilidade de coincidência entre a norma que se supõe ser a da espécie e sua existência, o distanciamento entre o comportamento humano e sua estrutura (simbólica). No nível do comportamento sincrético, havia a possibilidade do erro – como nas experiências, caras a Lacan, em que o comportamento sexual de determinada espécie de peixe é desencadeado por imitações grosseiras em cartão de parceiros sexuais, que contudo portam os signos decisivos (os *Merkmale*) –, no nível do comportamento guiado por sign-Gestalten, a insuficiência era cognitiva: um homem, confrontado com as tarefas em que os símios ora falham, ora têm sucesso, sempre consegue atingir o fim (natural). No nível simbólico, o poder da estrutura é justamente seu distanciamento: é por não aderir a suas configurações empíricas que as estruturas simbólicas conferem ao ser humano a maior capacidade cognitiva possível. Isso significa, como fica claro no capítulo III, que os símbolos não *são* no mesmo sentido em que são as coisas que eles permitem apreender organizadamente. Mas não significa – e Merleau-Ponty não volta a esse ponto – que seu uso seja igualmente desenraizado do ser, ou negue os fins naturais, como dizíamos.

A falta de revisão, aqui como adiante, do corte entre fins naturais e fins culturais, entre as estruturas chamadas inferiores e as estruturas simbólicas faz com que, a despeito dos esforços de Merleau-Ponty, falte um princípio que encadeie tipos de comportamento, uma história que trate a relação entre os modos de ser ou as dimensões de existência e, segundo nos parece, o tom ascensional com que Merleau-Ponty descreveu o surgimento da consciência, do símbolo, etc., não seja inteiramente neutralizado pela consideração de que é no comportamento efetivo que se superam as antinomias geradas pelas noções de símbolo, de consciência, etc., e isso a despeito do

fato de que a própria exposição pontiana seja, como apontamos, uma afirmação da anterioridade do ser sobre o conhecimento.

É especialmente problemático que 1. Os comportamentos reflexos não sejam devidamente separados dos comportamentos instintivos, que as reações sincréticas possam ser, por falta de desenvolvimento, consideradas ausentes da conduta dos animais que aprendem e particularmente do homem saudável, já que o reflexo é considerado um fenômeno patológico ou, no caso humano, excepcional e dependente do comportamento simbólico (em verdade, o reflexo humano é entendido como uma forma particular de comportamento simbólico); 2. Que o "pensamento confuso" da categoria intermediária seja descrito sobretudo a partir da observação de chimpanzés, sendo mencionado em conexão com seres humanos apenas nos casos de crianças, idosos e doentes.

Se o "superior" não explica o "inferior", nem diretamente – como pediria um idealismo – nem indiretamente, pelo uso científico ingênuo das categorias superiores para constituir um "inferior" que por sua vez as explicasse, resta que a conclusão é ainda negativa e predominantemente epistemológica: este meio original não é concebível nem como (ideia) nem como (coisa), os atos pelos quais as consciências empíricas se comunicam ultrapassam efetivamente as antinomias criadas pela noção de símbolo, mas só podemos concebê-las por uma insuficiência em relação ao ideal da consciência pura.

5. Tipos de estruturas: as ordens física, vital e humana

Segundo Merleau-Ponty, como vimos no cap. 3, a tese gestaltista do isomorfismo produz ou bem a consequência de um espiritualismo, ou a de um mecanicismo renovados. As formas que uma descrição atenta do comportamento revela, em especial as formas simbólicas, carecem de clarificação filosófica, sem a qual poderiam ser vistas ora como realidades extramateriais a produzir efeitos na natureza, ora como efeitos secundários da causalidade natural. É preciso saber em que sentido a forma é, e como este ser difere do ser da matéria que a física conhece.

Ora, o isomorfismo gestaltista procurava legitimar a existência das formas perceptivas (e demais formas comportamentais) mostrando que já no mundo físico há formas. Merleau-Ponty reconhece que o argumento não indica a princípio uma identidade entre formas físicas e formas cognitivas, mas aponta igualmente que afinal, quando se trata de esclarecer a relação entre elas, a Gestalt funda as últimas sobre as primeiras, pressupondo para tanto terem ambas o mesmo tipo de ser. Os psicólogos gestaltistas teriam feito do chamado meio geográfico, do universo da matéria física, a causa do comportamento. Se alguma dúvida resta, basta retomar uma das citações de Koffka de que Merleau-Ponty se serve: "... em nossas explicações últimas não podemos senão nos remeter a um universo de discurso que deve ser aquele sobre o qual a física tanto nos ensinou".[224]

Mas, lembra Merleau-Ponty, se a principal lição da Gestalt é "que nenhuma forma tem sua causa eficiente fora de si",[225] como se pode pensar que o mundo físico é causa das reações de um organismo? Fundando as formas percebidas sobre formas fisiológicas, que seriam por sua vez réplicas das formas físicas, a Gestalt conserva o pressuposto de que a forma tem uma causa "interna". Mas então é o organismo que deve aparecer como passividade pura, instância de reprodução de formas físicas. Evidencia-se mais uma vez a diferença entre a forma (Gestalt) perceptiva ou fisiológica pressuposta no isomorfismo e a estrutura do organismo, tal como Goldstein a descrevia. Segundo este último, não se pode dizer que o organismo não tem relação alguma com o

---

[224] Koffka, *Principles of Gestalt Psychology*, citado por Merleau-Ponty, EC, p. 208.

[225] EC, idem.

ambiente, tanto quanto não se pode dizer que este determine unívoca ou mecanicamente suas reações. O que falta é perceber que a estrutura do organismo é que descreve adequadamente as suas possíveis reações aos fatores externos. Desta maneira, a Gestalt se revela claramente deficitária, ainda mecanicista:

"A teoria da forma pensa ter resolvido o problema das relações entre a alma e o corpo e o problema do conhecimento perceptivo descobrindo processos nervosos estruturais que, de um lado, tenham a mesma forma do psíquico e, de outro, sejam homogêneos às estruturas físicas. Nenhuma reforma da teoria do conhecimento seria necessária, e o realismo da psicologia como ciência natural seria conservado de modo definitivo." (EC, pp. 209, 210)

No exemplo privilegiado do comportamento perceptivo, a Gestalttheorie afirma que vemos objetos e não mosaicos porque o percebido reproduz, pelo isomorfismo entre a forma fisiológica dos estímulos e o fenômeno que chega à consciência, as distinções (de luminosidade e cor) que delimitam o objeto. O corpo é uma estação de passagem, se quisermos, um codificador ou tradutor, entre a realidade física e a consciência – mas o código estabelece apenas, segundo a definição matemática da função bijetora entre conjuntos de mesma cardinalidade, um equivalente orgânico para cada elemento constitutivo da forma física, e um fenômeno coeso para cada forma *real* (na linguagem gestaltista, um estímulo proximal para cada estímulo distal, uma forma fisiológica para cada conjunto de estímulos proximais, uma forma percebida para cada objeto físico capaz de produzir um conjunto coeso de estímulos proximais).

"Assim, o conhecimento permanece definido segundo os esquemas mais simples como uma imitação das coisas, a consciência continua uma parte do ser. A integração da matéria, da vida e do espírito é obtida pela sua redução ao denominador comum das formas físicas." (EC, p. 210)

5.1 O ser das formas físicas

Como as formas físicas são um elemento central da teoria isomorfista da percepção, sua refutação sistemática exige nada menos que uma crítica do conhecimento natural. Em primeiro lugar, Merleau-Ponty concorda com Wertheimer quanto à existência das formas físicas, contra os pressupostos epistemológicos da física clássica – que as tomaria por ilusões –, e procura esboçar por sua vez, desta vez contra a

Gestalt, um quadro epistemológico condizente com a física "corrigida pela relatividade", mostrando que a matéria existe num espaço não homogêneo e num tempo não-eterno, e que leis e estruturas são momentos dialéticos do conhecimento do mundo físico. Num segundo passo, o autor procura distinguir as formas físicas daquelas que se observam nos organismos.

O essencial, contudo, é entender que as formas, quaisquer que sejam, físicas, biológicas ou simbólicas, são sempre para uma consciência, "um objeto de percepção". Esse último aspecto leva a que Brunschvicg seja primeiro um mestre – a argumentação sobre a relação entre leis e estruturas se funda em sua obra – e a seguir um opositor, na medida em que a consciência para a qual a natureza é não é uma consciência "pura", mas justamente perceptiva. De tal sorte que nem o universo do naturalismo pode se fechar sobre si e explicar a consciência como outra de suas partes, nem se pode dizer que a consciência produz o universo – nem "a percepção é um acontecimento da natureza", nem a consciência é puro espírito ou puro conceito.

A *Gestalttheorie* identificava a existência de formas em sistemas físicos, conjuntos de elementos e forças tais "que nenhuma lei seja formulável para cada parte isolada e que cada vetor seja determinado em grandeza e direção por todos os outros".[226] A lei de cada forma vige apenas nos "limites da estrutura dinâmica considerada e (...) determina para cada ponto interior suas propriedades, de modo que estas nunca são propriedades absolutas, propriedades *deste* ponto".[227] Ela pode ainda se expressar em mais de uma forma, uma vez que alguns sistemas podem redistribuir suas partes ou forças "numa ordem qualitativamente diferente", conforme sejam as forças externas variantes ultrapassem certo patamar. São tais sistemas, e não os átomos ou partículas, que contam como os "indivíduos" de tal epistemologia, enquanto as "propriedades absolutas" dos corpúsculos, conquanto eles permaneçam "discerníveis de direito", cedem lugar às propriedades estruturais dos sistemas em que estiverem.

---

[226] EC, p. 231. Os gestaltistas parecem concordar que a descrição de propriedades de conjunto no universo material remonta a Ehrenfels.

[227] EC, p. 214.

Em verdade, os corpúsculos dotados de propriedades absolutas não corresponderiam sequer a uma noção corrente em física. Segundo Merleau-Ponty, a "noção de individualidade... implicada na mecânica ondulatória" não é mais essa, na medida em que as partículas definidas "por uma massa e uma carga elétrica constantes" já são "noções abstratas". Elas não podem ser localizadas no espaço como os corpos da mecânica clássica e seu movimento "é determinado pelo campo das forças" em que estiverem. Finalmente, "a massa total de um sistema de corpúsculos em interação, proporcional, segundo a teoria da relatividade, à sua energia, ... não pode ser repartida entre os corpúsculos, não é pois igual à soma das massas que pertenceriam aos corpúsculos tomados isoladamente".[228] A física quântica portanto trataria as partículas como objetos individuais em sentido diverso da física clássica, mas não simplesmente como partes meramente abstratas de sistemas totalmente indivisíveis, pois os corpúsculos possuem, apesar de tudo, localização, carga e massa probabilisticamente determinadas. O ponto é que essas determinações, mais precisamente essas medições sempre colocam as partículas em sistema com outras, no que Koehler provavelmente identificaria com formas.[229]

A incursão no estatuto da matéria na "nova física" é contudo breve. A ênfase recai nos sistemas físicos identificáveis na física clássica – com razão, uma vez que os fenômenos fisiológicos nervosos ocorrem numa escala em que a indeterminação da física quântica não vem comprovadamente ao caso, ou em que os fenômenos quânticos se resolvem em fenômenos para os quais a ciência clássica pode fornecer uma explicação adequada. Merleau-Ponty lembra que "Koehler encontrou sem dificuldade exemplos de forma na física clássica: a distribuição das cargas elétricas num condutor, a diferença de potencial, a corrente elétrica".[230]

---

[228] EC, nota 35, pp. 221, 222.

[229] Talvez se possa dizer que o fenômeno de entrelaçamento, de grande importância na física quântica, embora não possa ser compreendido pela noção de forma que temos discutido, apoia adequadamente o argumento pontiano de que os elementos discretos da física clássica são abstrações instrumentais na física contemporânea.

[230] EC, p. 214.

Os sistemas reconhecidos pela física clássica tem ao menos um tipo de historicidade. Segundo Merleau-Ponty,

"Se considerarmos como uma forma o estado de distribuição equilibrada e de entropia máxima para o qual tendem as energias operantes num sistema conforme o segundo princípio da termodinâmica, podemos presumir que a noção de forma será apresentada em física sempre que se atribuir aos acontecimentos naturais uma direção histórica." (EC, p. 214)[231]

Ou seja, um sistema que evolui por equalização da energia entre seus membros produz uma desdiferenciação; o progresso temporal o conduz sempre a um estado final homogêneo.

Contudo, a progressão temporal que se identifica, na segunda lei da termodinâmica, à marcha monótona do incremento da entropia não é a única forma de historicidade, mesmo se nos ativermos apenas ao universo da matéria inanimada. É preciso considerar que toda lei física vige nos limites de uma estrutura: "todas as leis físicas... exprimem uma estrutura e têm sentido apenas no interior dessa estrutura". Quando falamos, diz ele, sobre a "lei da queda dos corpos", não pensamos que tal lei só permanece verdadeira se a velocidade de rotação da Terra não mudar – se ela aumentar além de certo limite, os corpos podem mesmo não cair mais –, ou qualquer outra das condições relevantes para a vigência da lei. O conjunto dos elementos, das relações entre eles, dos seus comportamentos, alguns ou todos mutuamente condicionados, é o que Merleau-Ponty entende por uma estrutura. Além disso, se

"... a gravitação estiver ligada a certas regiões do espaço qualitativamente distintas, como quer a teoria da relatividade geral, a lei não poderia exprimir uma propriedade absoluta do mundo, ela representa um certo estado de equilíbrio das forças que determinam a história do sistema solar." (EC, p. 215)[232]

Tal história não se identifica com o processo irreversível de homogeneização da segunda lei da termodinâmica. Trata-se de uma historicidade potencialmente

---

[231] Merleau-Ponty dá Koehler, *Die Physischen Gestalten*, como referência para essa consideração, na nota 23 (EC, p. 214).

[232] Desta vez, Merleau-Ponty oferece Brunschvicg como referência de suas reflexões sobre a gravitação; nota 25. Ele é a referência fundamental de toda essa seção.

descontínua, "por saltos", ou seja, por rupturas estruturais seguidas de reorganizações estruturais que implicam novos conjuntos de leis:

> "O jogo combinado das leis poderá fazer que deixem de existir as estruturas que se tinham estabilizado e fazer que apareçam outras, cujas propriedades não são previsíveis. Existe pois um curso das coisas no qual as leis residem e que não pode ser definitivamente resolvido nelas." (EC, p. 216)

Como cada lei isola algumas variáveis ou elementos da situação, mas está de fato inserida na estrutura, não se trata realmente de *uma* lei, mas de um sistema de leis válidas naquela "estrutura cosmológica"; cada série regida pelas leis em separado sofre a influência do resto do sistema de eventos e de leis: "o que verificamos, enfim, nunca é uma lei, mas um sistema de leis complementares (...) a verdade da física não se encontra nas leis tomadas uma a uma, mas em sua combinação".[233] O que significa que a noção normal de causalidade não se sustenta e, se ela deve ser mantida, é apenas com ciência de que "a solidariedade dos fenômenos" implica "uma espécie de amortização, proporcional à distância, das influências exercidas num fenômeno dado pelos fenômenos anteriores e simultâneos".[234]

Em suma, Merleau-Ponty dá à tese da existência das formas físicas um alcance muito amplo: todo o campo físico, na medida em que é regido por leis e tem uma história, comporta não apenas estruturas particulares, correspondentes aos sistemas fechados, mas em certo sentido também uma estrutura de estruturas, que as mantém todas ligadas num mesmo universo. E no entanto é preciso fazer uma restrição igualmente ampla à tese das formas físicas: a Gestalt teria saltado para uma conclusão que Merleau-Ponty julga ilegítima, a saber, teria postulado que as formas físicas existem "*no seio* de uma natureza considerada em-si" e, além disso, teriam uma espécie de precedência ontológica, na medida em que dariam à natureza um "espírito":[235] diante da ambivalência de tempo e espaço, partículas e ondas, matéria e energia da física contemporânea, que sugerem fortemente a própria percepção, "não devemos concluir

---

[233] EC, p. 216.

[234] EC, p. 217.

[235] EC, p. 218.

que formas *já* existem num universo físico e servem de fundamento ontológico para as estruturas perceptivas".[236]

Numa filosofia "puramente estrutural", a noção substancial da forma não faz sentido. As estruturas não têm precedência de qualquer tipo em relação às leis: a relação entre lei e estrutura é "de envolvimento recíproco",[237] "estrutura e lei são dois momentos dialéticos e não duas potências do ser (...) a forma não é um elemento do mundo, mas um limite para o qual tende o conhecimento físico e que ele próprio define".[238] Se a Gestalt pôde facilmente encontrar formas no universo físico, contra os pressupostos epistemológicos da ciência física, é porque, "longe de a "forma física" poder ser o fundamento real da estrutura do comportamento e em particular de sua estrutura perceptiva, ela própria é concebível apenas como um objeto de percepção".[239] O próprio Koehler lembra que a física moderna foi construída sobre a percepção ingênua, não por rejeição, mas por seleção cuidadosa dos fenômenos percebidos. Postular a seguir que as formas existem por si mesmas e causam a organização da percepção é incoerente com essa primeira descoberta.

Nesse passo a Gestalt reproduziria, ao invés de reter criticamente, um movimento ingênuo da própria ciência que, "a partir de certas estruturas perceptivas privilegiadas procurou construir a imagem de um mundo físico absoluto, de uma *realidade* física da qual elas não passariam de manifestações".[240] A hipóstase contudo, num caso como no outro, esquece que apenas a percepção pode dizer que algo é, algo de que o saber se apropriará separando-o de uma estrutura cuja análise é de direito impossível ou, pelo menos, infinita; Merleau-Ponty lembra que as fórmulas matemáticas ganham sentido distinto apenas quando referidas a fenômenos percebidos: "a equação que dá a densidade elétrica em cada ponto da superfície de um elipsoide

---

[236] EC, p. 226.

[237] EC, p. 219.

[238] EC, p. 221.

[239] EC, p. 225.

[240] EC, p. 226.

condutor poderia igualmente representar grandezas correspondentes, mas puramente matemáticas, que poderíamos de forma arbitrária atribuir aos diferentes pontos de um elipsóide de papel".[241]

Se as leis permitem apanhar certos aspectos dinâmicos das estruturas, estas últimas são para o observador, são fenômenos. O que significa que "a referência a um dado sensível ou histórico não é uma imperfeição provisória, é essencial para o conhecimento físico" e que está irremediavelmente fadado ao fracasso o projeto positivista de descartar o dado perceptivo como "um ponto de partida (...) um intermediário provisório entre nós e o conjunto das leis", que "explicando por seu jogo combinado o surgimento de tal estado do mundo, a presença em mim de (...) sensações, o desenvolvimento do conhecimento e a própria formação da ciência, deviam assim fechar o círculo e se colocar nelas mesmas".[242] Em nenhuma outra passagem, em nossa opinião, é mais clara a alternativa entre "o universo do naturalismo" que "não pôde se fechar nele mesmo", e o fato incontornável da consciência, que aparece como um outro da natureza.

A mesma conclusão se impõe também no que tange às estruturas biológicas: também elas não são coisas em si e não definem uma natureza intemporal de um "setor" do universo, mas são, pelo contrário, fenômenos, objetos da percepção ou da experiência de observadores. O caráter transcendental do conhecimento que já encontrávamos na física se confirma e em certo sentido se aprofunda no domínio do conhecimento biológico.

No fluxo de eventos físico-químicos do organismo, é a intuição das estruturas haurida da experiência direta que possibilita ao observador contar sua história biológica, fazer cortes que marcam o nascimento, o desenvolvimento, o adoecimento, a adolescência etc: "devemos separar mentalmente certos fenômenos parciais de seu

---

[241] EC, p. 220.

[242] EC, p. 226.

contexto real e subsumi-los a uma ideia que não está contida, mas expressa neles. (...) o organismo do qual a análise biológica se ocupa é uma unidade ideal".[243]

Mas não é apenas nesses grandes cortes da história do organismo que o caráter fenomênico dos eventos biológicos e, por conseguinte, a fundação fenomenológica do conhecimento biológico se evidenciam. A todo instante a inteligibilidade do organismo segundo as categorias comportamentais só pode ser compreendida como derivada da experiência, que nos apresenta imediatamente "o ato de apanhar a presa, de caminhar para o objetivo, de correr para longe de um perigo"[244], ações que, todas, só podem ser entendidas como interações dialéticas entre organismo e ambiente, ou seja, como um tipo de ligação que só é acessível como objeto – quer dizer, como algo abstraível, manipulável etc. – ao pensamento simbólico, que nomeia relações em função de um tempo "não-aderente".

Portanto o conhecimento das formas biológicas ou dos organismos depende de certas categorias acessíveis apenas à experiência ou ao que os gestaltistas chamavam de dados da experiência direta. Esta descobre ainda nos organismos efetivamente observados, aliás como anteriormente no universo físico, certas constantes factuais, de modo que a conclusão epistemológica tirada da crítica da física se amplia, conquanto transformada, para a biologia:

> "Deveríamos admitir, tanto na biologia quanto na física, que uma análise exaustiva das estruturas é de fato inconcebível: as próprias ações físicas e químicas nas quais decompomos uma função podem se produzir apenas num contexto estável, as leis só explicam uma estrutura dada pressupondo uma outra estrutura e, nesse sentido, a física do organismo também é obrigada a partir de um certo "dado histórico"." (EC, p. 240)

Esse dado histórico é inelidível, não é possível considerar "os caracteres do indivíduo orgânico" como "o resultado macroscópico de uma multiplicidade de ações elementares idênticas às dos sistemas físicos".

---

[243] EC, p. 238.

[244] EC, p. 236.

Isso porque as estruturas orgânicas têm características que aprofundam a conclusão, restringindo ainda mais a vigência das categorias epistemológicas da física, em especial da causalidade e da ideia de lei. As formas orgânicas não podem ser assimiladas às físicas como queria a Gestalt, nem entendidas plenamente pelo estabelecimento de sequências causais de reações químicas, ainda que em número astronômico. Elas são originais.

Os sistemas físicos tendem ao repouso, a um equilíbrio equalizado, como descrito pela segunda lei da termodinâmica. Os sistemas orgânicos evidentemente não. Merleau-Ponty condena a tentativa de identificar os chamados comportamentos privilegiados dos organismos aos estados de equilíbrio equalizado dos sistemas físicos: a simplicidade e maior economia e facilidade atribuídas aos comportamentos privilegiados só fazem sentido em relação a certos caracteres originais e não-lógicos da espécie e do próprio indivíduo.

> "... o comportamento privilegiado é aquele que permite a ação mais simples e adaptada: por exemplo, as designações espaciais mais exatas, as discriminações sensoriais mais finas. Cada organismo tem, pois, na presença de um meio dado, suas condições ótimas de atividade, sua própria maneira de realizar o equilíbrio, e as determinantes interiores desse equilíbrio não são dadas por uma pluralidade de vetores, mas por uma atitude geral com relação ao mundo." (EC, p. 232)

A vigência da norma significa que o organismo trabalha sobre o ambiente que o cerca, estimula etc., realiza "um certo tipo de ação transitiva que caracteriza o indivíduo". Enquanto as formas físicas representam uma solução única para as interações energéticas que nele se encontrarem, de modo a sempre chegar a uma distribuição uniforme e assim ao repouso, as estruturas vivas evidentemente apresentam uma variedade que impede absolutamente pensar numa analogia, seu traço principal é justamente a "iniciativa" do organismo, que não encontra paralelo nas interações mecânicas e unidirecionais dos elementos inorgânicos.

Merleau-Ponty faz um longo aparte sobre o sentido da a-causalidade em física e em biologia, que marca uma diferença epistemológica importante. Ele constata a princípio que a física quântica fala de eventos sem causa, que poderíamos aproximar da noção de "iniciativa" dos organismos. Contudo, a comparação tem alcance limitado, pois a a-causalidade física representa apenas um limite opaco, algo que escapa aos

instrumentos matemáticos com que aquela ciência pode formular as leis, segundo seu modelo de conhecimento.

"A resistência do dado concreto às leis próximas da física é, por assim dizer, anônima: é a opacidade do fato, o choque do resultado inesperado ou a experiência de uma qualidade inexprimível. A imperfeição do conhecimento pelas leis não obriga a física a admitir outro modo de conhecimento, porque o resíduo descoordenado não se presta a nenhuma determinação verificável, a não ser aquelas que a ciência obterá mais tarde através da invenção de novas leis. A lei permanece pois o modelo de toda verdade física. Ao contrário, o "fundo não-relacional" com o qual a biologia explicativa depara mostra-se para nós por meio de caracteres positivos, é a revelação de relações objetivas de um novo gênero." (EC, p. 242)

Tal novo gênero de relações é o que se encontra na ideia do organismo, na noção goldsteiniana de norma. Elas implicam sobretudo que, ao contrário dos sistemas físicos, os organismos não podem ser analisados como sequências de instantes discretos:

"O organismo se distingue dos sistemas da física clássica porque não admite a divisão no espaço e no tempo." Enquanto o físico prevê um estado do sistema em função do anterior, "a função nervosa não é localizável pontualmente, uma melodia cinética está inteiramente presente em seu início e os movimentos nos quais ela se realiza progressivamente só podem ser previstos em função do conjunto..." (EC, pp. 242, 243)

Os fatos de laboratório ou da patologia que a Gestalt, e com menos sutileza o mecanicismo usam para assimilar as formas orgânicas às físicas são interrupções da dialética entre organismo e meio, causadas por adoecimento, isolamento ou pelo engajamento consciente do sujeito. As estruturas percebidas no comportamento "só podem ser explicadas por modelos físicos quando as isolamos artificialmente do contexto de ação... Nesse caso, o privilégio de certas formas (...) depende apenas dos caracteres objetivos dos estímulos apresentados".[245]

A validade das leis de Wertheimer não significa que o organismo pode ser assimilado às formas físicas, mas "que ele teve a sorte de encontrar (...) constantes admitidas pela atividade total do organismo". Tais "leis" o são num sentido distinto daquele em que as leis da física são, porque o organismo não é a soma das interações físico-químicas que no entanto o constituem.

---

[245] EC, p. 235.

A unidade das estruturas de comportamento portanto exige que se coordenem os eventos não como sucessões em que o estado imediatamente anterior explica o posterior, mas como conjuntos vistos de um único golpe como totalidades, ou como sequências significativas:

"A unidade dos sistemas físicos é uma *unidade de correlação*, a dos organismos, uma *unidade de significado*. A coordenação pelas leis, como a prática do pensamento físico, deixa nos fenômenos da vida um resíduo que é acessível a um outro gênero de coordenação: a coordenação pelo *sentido*." (EC, p. 243)

Se isso é verdade, o conhecimento biológico não pode nunca fingir desconhecer a percepção ou a experiência como a fonte das estruturas que procura em seguida decompor e explicar. A ciência aqui inegavelmente passa

"do que é percebido ao que é coordenado, sem que jamais possamos seguir o caminho inverso e fazer repousar a ordem "prós emas" na ordem "kath auto". O significado e o valor dos processos vitais, que a ciência, como vimos, é obrigada a considerar, são atributos do organismo *percebido*, mas não são, por isso, denominações extrínsecas com relação ao organismo verdadeiro, pois o organismo verdadeiro, aquele que a ciência considera, é a totalidade concreta do organismo percebido, portador de todas as correlações que a análise nele descobre e não decomponível nelas." (EC, p. 243)

Merleau-Ponty ressalta que a percepção também aqui, como antes com relação ao mundo físico, não é o lugar em que vamos encontrar o conhecimento pronto: "essa apreensão das estruturas não é nem completa nem exata na percepção comum e... não entendemos que essa intuição seja inata".[246] A exemplo da descrição que Koehler já fazia do progresso da ciência física como uma constante troca entre percepção, seleção racional e modificação da experiência, a biologia deve partir da experiência direta, refletir e voltar a ela. "A biologia descritiva... partindo das intuições imperfeitas da percepção comum, as reorganiza e corrige. Há troca de serviços entre a descrição do corpo fenomênico e a explicação causal."

Ela não é um ponto de partida que depois pode ser abandonado em favor de um conhecimento independente, mas um dado permanente a ser trabalhado. A argumentação pontiana contra a hipóstase de toda estrutura (física ou biológica)

---

[246] EC, p. 245.

significa que não podemos nem postular que a vida venha como que de outro universo animar a matéria, nem esperar uma explicação completa, que reduza o organismo a um efeito para o observador de uma infinidade de eventos materiais discretos que a princípio prescindissem dele e em verdade o tornassem uma espécie de efeito.

E portanto temos que encontrar um caminho entre duas alternativas constitutivamente incompletas mas também parcialmente produtivas, aliás no quadro geral de uma ciência menos sólida. A física não pode resolver o universo material em leis e estruturas porque ele tem uma história em que as relações dialéticas entre essas duas formas de inteligência progridem por saltos, ou seja, de maneira não inteiramente racionalizável nos termos dos instrumentos da análise físico-matemática – mas o conhecimento por leis segue sendo necessariamente seu modelo. A vida por sua vez não pode ser explicada nas reações físico-químicas, mas pode ser analisada nesses termos, sem que contudo jamais a análise reconduza aos dados da descrição derivada da experiência direta. A ciência descobre nos fenômenos que chamamos de organismos certas relações físicas e

> "Uma contraforça que interviria para romper essas correlações é inconcebível. Mas nada obriga a pensar que o ciclo das ações físico-químicas possa se fechar através do fenômeno do organismo, que a explicação possa adequar-se aos dados da descrição, que o corpo fenomênico possa ser convertido num sistema físico e integrado na ordem física" (EC, p. 248)

Apenas com essa condição, cujo preenchimento Merleau-Ponty estima impossível, seria possível descartar o observador como epifenômeno dos fatos. Como, pelo contrário, já desde o conhecimento do mundo físico o "fundo não-relacional", manifesto pela introdução de constantes fácticas nas leis físicas, não pode ser elidido e as leis e estruturas, ao invés de se fecharem numa explicação e descrição completas do universo desdobram diante do observador uma dialética constitutiva de uma História; como também e com mais razão no conhecimento dos organismos se explicita claramente o excesso da descrição sobre a explicação possível e permanece, portanto, o resíduo indepassável da observação dos fenômenos, não há hipóstase possível em nível algum. E, conclui Merleau-Ponty, clarificado, o ponto de vista do observador estrangeiro é no máximo metodologicamente defensável, mas em verdade a natureza

física é desde sempre e para sempre fenômeno, e com mais razão a vida "já era consciência da vida".[247]

A ordem simbólica é portanto situada sob a égide dessa consciência que se abre aos fenômenos dos quais provém e sobre os quais versa afinal todo conhecimento sem que se possa nunca abandonar esse campo por algo intemporal ou puramente lógico. Noutras palavras, a seção sobre a ordem simbólica a situa no domínio da consciência, eminentemente da consciência perceptiva, que é entendida não apenas como originária mas como fundamental. Explicitam-se assim certas teses pontianas que apenas se podiam ler como implicações no que precede.

Como nos capítulos anteriores, o objeto da investigação é definido no embate com interpretações tradicionais que o autor critica. Primeiramente o autor recupera duas concepções de consciência como fluxo de estados, as de Bergson e Janet, e procura mostrar que a análise reflexiva elimina sucessivamente as contribuições da memória e da inteligência, e chega assim a um "simples psicológico", "o elemento especificamente irredutível da percepção", que é apenas o juízo de existência sem conteúdo determinado, "espécie de choque instantâneo".

Tal concepção, prossegue Merleau-Ponty, redunda em que não seja possível definir a consciência simultaneamente pela percepção e pela ação ou ver entre elas mais que um vínculo extemporâneo. A mesma conclusão se aplica à concepção criticista do sujeito como sede de juízos que lhe proporcionam a posse de representações de objetos para si.

> "a psicologia e a filosofia tendem para uma noção da consciência atual, da qual precisam para dar conta daquilo que há de específico na percepção, existências individuais que ela revela em nós ou fora de nós. Mas a filosofia não dispõe de uma ideia da consciência e ... da ação que tornariam possível entre elas uma comunicação interior. Que a consciência seja uma duração contínua ou um centro de juízos, nos dois casos essa atividade pura é sem estrutura, sem natureza. Correlativamente, a percepção

---

[247] EC, p. 252.

e a ação tomadas naquilo que têm de específico, ou seja, como o conhecimento e a modificação de uma realidade, deveriam se ver expulsas da consciência." (EC, p. 255)

A elaboração de uma noção de consciência progride então pelo exame da relação entre consciência e ação – o oposto de uma consciência sem conteúdo, sucessão das pontadas fugidias que dizem "algo é" e da posse indiferente de conteúdos sintetizados pela faculdade do juízo. A consciência se caracteriza, afirma Merleau-Ponty, por seu engajamento imediato num mundo significativo eminentemente humano e expressivo, por meio da percepção (que oferece, de novo, sem mediação, estruturas plenas de significado, “fisionomias”). Tal maneira de aceder ao mundo, tal foco no universo dos objetos e intenções práticas é contraparte (não efeito) de uma orientação prática do sujeito, de uma prioridade da ação sobre a reflexão.

Para fazer jus à crítica da consciência como instância cognoscente-contemplativa, "seria inicialmente necessário deixar de definir a consciência pelo conhecimento de si, introduzir a noção de uma vida da consciência que ultrapasse seu conhecimento expresso de si mesma",[248] precisamente a que encontramos observando o sujeito em ação: o ultrapassamento da consciência “explícita” – a posse ciente de representações – é o excesso da consciência ativa sobre a especulativa. Merleau-Ponty o mostra descrevendo um jogador em ação: "o campo... está presente para ele como o termo imanente de suas intenções práticas; ele e o jogador são um só corpo..." A consciência do jogador não está nesse meio, "ela nada mais é... que a dialética do meio e da ação".

O enlace entre consciência e "ambiente" é um dado primário, descritivo, que deve ser confirmado pela observação e pela reconstrução da história da consciência, por meio da caracterização da consciência ingênua, identificada quase exclusivamente nesse passo à consciência infantil. A criança, afirma Merleau-Ponty, segundo a observação psicológica, está desde muito cedo apta a perceber o outro e a pregnância significativa da linguagem. "A palavra, o outro ... são estruturas indecomponíveis e, nesse sentido, *a*

[248] EC, p. 255.

priori."[249] A criança está voltada imediatamente para suas interações com os outros, que ela "lê" primeiramente pelas expressões corporais, depois pelas intenções significativas veiculadas pela linguagem verbal, e finalmente pela linguagem como tal, com crescente nível de sofisticação.

Essas orientações primordiais para o outro e para o ambiente humano, encontradas na descrição da consciência infantil, mas estendidas à consciência adulta – ainda que transformadas pela dialética do conhecimento, do objeto e da verdade –, são tomadas como os elementos que possibilitam formular um novo conceito de consciência, de modo a evidenciar a ligação interna que Merleau-Ponty reclamava entre percepção e ação.

Mas há outro: a negação, que podemos tomar como o princípio dinâmico pelo qual as ligações do sujeito com os outros e com o ambiente se transformam continuamente, ao invés de se estabelecerem de uma vez por todas ao fim da maturação orgânica, como sucede com os animais. O traço definidor mais profundo da ordem simbólica está no movimento de negação que constrói significados e instrumentos para em seguida negá-los pela construção de novos significados e instrumentos, processo que deixa obras de todo tipo em seu rastro.

Vamos encontrar a negação no cerne da percepção propriamente humana, como aquilo que impede que o homem se perca no percebido e o que define a estrutura. Segundo Merleau-Ponty, Descartes teria sido o primeiro (moderno) a enfatizar o elemento transcendental envolvido na percepção, embora não tenha tirado todas as consequências de sua descoberta: "ele revela ao pensamento o domínio indubitável das significações" quando postula que não se trata na percepção de objetos extramentais, mas do "pensamento de ver e de tocar", que desvela "o sentido interior da percepção e dos atos de conhecimento".[250]

---

[249] EC, p. 266.

[250] EC, p. 302.

Ora, o criticismo parte da descoberta cartesiana, segundo Merleau-Ponty para evidenciar que já na percepção há um movimento contrário ao "contato cego com um objeto singular", sem o qual não seria possível que lhe déssemos um sentido. Por aí, e já na companhia de Husserl, a apreensão das qualidades secundárias, usualmente consideradas fatuais, não-lógicas, se torna justamente a evidência da atividade transcendental da consciência:

"O vermelho como sensação e o vermelho como *quale* devem ser distinguidos e já a qualidade comporta dois momentos: a pura impressão do vermelho e sua função, que é, por exemplo, de abarcar uma certa extensão de espaço e de tempo. Conhecer é pois sempre aprender um dado em certa função, sob certo aspecto, "enquanto" ele me significa ou me apresenta alguma estrutura." (EC, p. 306)

Noutras palavras, é porque no coração da percepção também há um movimento de negação, que separa o sujeito do objeto, é possível que se lhe apresente uma estrutura, que depende de que ele apreenda os elementos em sua função. É isso que permite que a percepção humana tenha, na mesma medida em que seus objetos aparecem como estruturas, um interior e constitua uma ordem simbólica. Que contudo não rompe com as demais estruturas naturais – não faz do homem algo exterior à natureza.

"Se, agora, continuarmos nossa descrição, sempre do ponto de vista do espectador estrangeiro, e se considerarmos a ordem humana, inicialmente não veremos aí mais do que a produção de novas estruturas. Se a vida é o aparecimento de um "interior" no "exterior", a consciência é apenas a projeção no mundo de um novo "meio", irredutível aos precedentes, é verdade, e a humanidade apenas uma nova espécie animal." (EC, p. 252)

Com o que se define uma especificidade, mas não uma separação radical entre os significados humanos e o sentido da percepção em geral. Justamente muitos dos argumentos usados na primeira parte da EC para desbancar o mecanicismo versam sobre a estruturação da percepção dos animais. Galinhas se comportam de acordo com relações, não com valores (cromáticos) absolutos e assim por diante. Teremos então de dizer que há um movimento de separação entre o animal e suas sensações também, mas que a estrutura da percepção animal, segundo as categorias descritivas dos tipos de comportamento (que o dividiam em comportamento instintivo, amovível, simbólico), aponta para um grau menor de afastamento e, por isso, de abstração e manipulabilidade.

Na história das espécies, o homem equivale ao ultrapassamento de um limiar, à inauguração de algo que Merleau-Ponty chama de ordem simbólica.

Nossa prioridade será então entender que tipo de relação Merleau-Ponty proporá entre a ordem simbólica e as outras duas – e mais enfaticamente com a ordem biológica, na qual se costuma situar o corpo. Ele claramente se coloca entre os herdeiros da descoberta cartesiana do "domínio das significações", mas, como sabemos, pretende também contestar o criticismo, em especial a solução que este oferece ao problema da percepção, ou da união da alma e do corpo – a relação entre a ordem biológica e a ordem simbólica, que explica a percepção, se traduz também na relação entre o corpo como entidade viva e o sujeito como consciência, ao menos no âmbito das teses pontianas – e não é por outro motivo que a obra culmina no capítulo sobre as relações entre corpo e alma.

O advento de uma ordem superior – da ordem simbólica, mas, em seu interior, de "subordens" das quais a mais alta Merleau-Ponty designa como "espírito" – não pode ser entendido como adição ou superveniência. Pelo contrário, ele é descrito de forma a lembrar a *Aufhebung* da dialética hegeliana, embora o autor o remeta afinal à *Umgestaltung* de Goldstein: "O advento das ordens superiores... suprime como autônomas as ordens inferiores e dá aos processos que as constituem um significado novo."[251] Essa forma específica de relação, que não é da mesma ordem das relações físicas – que, como vimos, são insuficientes para fornecer inteligibilidade aos fenômenos biológicos e simbólicos –, que tampouco é de ordem lógica (semelhante à relação entre fatores e soma, parte e todo etc.), é designada noutras passagens por Merleau-Ponty como a *fundação* de uma ordem superior na precedente.

O corpo de que a fisiologia cuida não corresponde ao corpo fenomênico de que a biologia se ocupa. Vimos que os mecanismos fisiológicos abstraídos e manipulados em

---

[251] EC, p. 280. A negação, o conceito de trabalho e a dialética parecem vir de Hegel, via Hyppolite, mas na p. 340 Merleau-Ponty assinala que "será preciso distinguir no desenvolvimento uma liberação ideal que não nos transforma... e uma liberação real que é a *Umgestaltung* da qual falamos, apoiando-nos em Goldstein".

laboratório assumem outro comportamento se repostos no quadro da vida natural dos organismos. Mas no caso do homem, "nem mesmo esses modos de comportamento subsistem tal e qual... reorganizados por sua vez em conjuntos novos, os comportamentos vitais desaparecem como tais".[252] Certamente é esse tipo de incorporação e transmutação que Merleau-Ponty acusa a psicanálise freudiana de desconhecer, por supor uma vida meramente instintual por sob a vida consciente dos sujeitos. Segundo a concepção pontiana, a vida orgânica é arrebatada pelos sentidos propriamente humanos, "e o corpo do sujeito normal, contanto que não os separemos dos ciclos espaço-temporais de conduta que traz em si, não é distinto do psiquismo".

Quando Merleau-Ponty fala de uma reestruturação que faz desaparecerem "os comportamentos vitais como tais", é apenas coerente que ele afirme que "o surgimento da razão e do espírito não deixa intacta, nele, uma esfera dos instintos fechada em si".[253] A ordem simbólica que transforma as duas anteriores é posta sob a égide da consciência "superior", aquela que emerge tardiamente e que o autor dizia ser necessário fazer surgir na história da consciência individual, que começa na criança como um entrelaçamento imediato com as fisionomias tanto humanas quanto dos objetos de uso humano.

E contudo essa mesma consciência (que acreditaríamos talvez excessivamente adulta e civilizada) está profundamente entranhada no organismo, ao ponto em que "distúrbios gnósicos que afetam a atitude categorial se traduzem pela perda das iniciativas sexuais". Mais contundentemente ainda, Merleau-Ponty observa que "a alteração das funções superiores atinge até as chamadas montagens instintivas e a ablação dos centros superiores provoca a morte, ao passo que animais descerebrados podem bem ou mal subsistir".[254] O segundo argumento parece vir de Koffka, mas Merleau-Ponty o toma no sentido oposto. Para Koffka o fato de que os animais descerebrados só subsistem com assistência mostra que a consciência altera o funcionamento do sistema nervoso (embora não se possa precisar como, o que continua

---

[252] EC, p. 281.

[253] EC, p. 282.

[254] EC, p. 282, o primeiro exemplo é referido a Goldstein. Trata-se de um dos aspectos do caso Schneider, que Merleau-Ponty explora em detalhe na FP.

válido ainda hoje). Para Merleau-Ponty, a sobrevivência dos animais descerebrados mostra que a consciência *humana* é única – ele parece pretender que o entrelaçamento da consciência com as funções inferiores é tão vasto, a reestruturação ou instauração da ordem simbólica tão profundamente incorporada ao corpo humano que sua sobrevivência é impossível na ausência de consciência.

A união postulada entre corpo e espírito é essencial e mesmo real:

"... se os pretensos instintos do homem não existem *isolados* da dialética espiritual, correlativamente essa dialética não pode ser concebida fora das situações concretas em que se encarna. Não agimos apenas com o espírito. O espírito é uma transformação real e não ideal do homem. (...) ele não pode repousar em si mesmo." (EC, p. 282)

O espírito deve portanto descer à concretude e engajar-se em relações com o outro e com o mundo, sobretudo com aquele delimitado pelos artefatos humanos, sublinhando-se nessas relações menos a atividade que as constitui que sua contraparte negativa, que permite, por sua negação, renová-las. Entretanto, embora o espírito não possa "repousar em si", ele ainda parece deter a iniciativa, o princípio e a direção desses processos todos de envolvimento no concreto: tanto com o corpo – o que fica claro pelo exemplo-chave do organismo que não pode viver sem consciência – quanto com o mundo.

A impressão de que há primazia da ordem simbólica e da consciência repousa no fato de que as outras duas ordens estão por assim dizer contidas nela. Tratava-se, diz Merleau-Ponty, o tempo todo da consciência: "o que chamamos de natureza já é consciência da natureza, o que chamamos de vida já é consciência da vida, o que chamamos de psiquismo ainda é um objeto diante da consciência". Todo o conteúdo da ordem física é assinalável justamente sob o título de "ordem física", quer dizer, é um significado para a consciência, que, enquanto procura sua origem em reações químicas, ao mesmo tempo as inventa:

"Considerávamos inicialmente a consciência como uma região do ser e como um tipo particular de comportamento. Analisando-a, nós a encontramos em toda parte e como lugar das ideias, e em toda parte ligada como integração da existência."

Essa consciência como "meio de universo" descende diretamente do "domínio das significações" primeiramente apontado por Descartes e a "discussão do pensamento

causal", que passa por Kant e Husserl, estabelece definitivamente os direitos da "atitude transcendental".[255]

"A ideia de uma filosofia transcendental, ou seja, a da consciência como constituindo o universo ... e apreendendo os próprios objetos numa experiência externa indubitável, nos parece uma aquisição definitiva como primeira fase da reflexão." (EC, pp. 332, 333)

Há contudo outra conclusão a ser tirada, que Merleau-Ponty aliás remete também a Kant[256], sem desenvolver aqui a menção às suas "indicações essenciais". Em todo caso, trata-se da ideia de indiscernibilidade entre ideia e existência na estrutura:

"O que há de profundo na Gestalt da qual partimos não é a ideia de significado, mas a de *estrutura*, a junção de uma ideia e de uma existência indiscerníveis, o arranjo contingente pelo qual os materiais passam, diante de nós, a ter um sentido, a inteligibilidade no estado nascente."

Voltando aos exemplos da primeira parte da obra, Merleau-Ponty lembra que embora não se possa dizer que a visão seja o substrato fisiológico da intuição dos conjuntos simultâneos, a perda total ou parcial do tecido nervoso responsável pelo processamento da informação visual redunda na impossibilidade da apreensão daquele tipo de conjunto. O mesmo se aplica à relação entre audição e conjuntos consecutivos (sequências temporais). Ele chama a passagem entre a maior "concretude" da visão à maior abstração dos conjuntos de "sublimação".

"O comportamento superior conserva na sua profundidade presente de sua existência as dialéticas subordinadas, desde a do sistema físico e de suas condições topográficas até a do organismo e de seu meio. Elas não são reconhecíveis no conjunto quando este funciona corretamente, mas sua iminência é atestada pela desintegração em caso de lesão parcial." (EC, p. 321)

---

[255] EC, p. 319.

[256] Na nota 41, EC, p. 319 Merleau-Ponty distingue entre a filosofia de inspiração criticista que é sua antagonista desde os projetos e a filosofia kantiana propriamente dita. Referindo-se anteriormente à primeira ele escreve: "Pensamos numa filosofia como a de L. Brunschvicg e não na filosofia kantiana que, em particular na Crítica do Juízo, contém indicações essenciais no tocante aos problemas que estão aqui em discussão."

E se isso é verdade o criticismo não pode simplesmente excluir a matéria e o corpo da filosofia, porque a própria consciência como meio de universo os "conserva e integra", ou seja, é impossível sem eles ou, melhor dito, não é nada se não por eles. A *Umgestaltung* do corpo biológico pela alma ou pelo símbolo nunca é, diz Merleau-Ponty, integral ou estável, e nos momentos em que as dialéticas se desorganizam aparece algo frequentemente descrito como uma discordância entre corpo e alma que "é a verdade do dualismo".

> "... a alma, se não dispuser de nenhum meio de expressão – ou melhor dizendo: de nenhum meio de se efetuar –, logo deixará de ser *seja o que for*, deixará em particular de ser alma (...); o corpo que perde seu sentido logo deixa de ser corpo vivo para voltar à condição de massa físico-química, ele só alcança o *non-sens* morrendo." (EC, p. 324)

Há portanto uma consciência naturante, que se apresenta suas próprias condições de existência (sem que essas condições possam ser tomadas como causas suficientes), para a qual o corpo é um entre outros objetos de conhecimento por ela constituídos.

Mas há igualmente uma consciência naturada, que se faz no corpo e do que o mundo real lhe diz, ou, nas palavras de Merleau-Ponty, "a consciência como o lugar dos significados e a consciência como fluxo do vivido"[257]. O criticismo não a reconhece; contudo ela não é "meramente" empírica, um resto, mas pelo contrário originária e fundante em relação à consciência do sujeito transcendental; finalmente, a consciência como fluxo do vivido, a consciência perceptiva enfim, tem acesso a realidades, não apenas a um domínio de representações cuja relação com um em-si é insondável.

A dualidade interna à consciência[258] equivale à diferença entre os perfis que se apresentam à consciência perceptiva, fluxo de vividos, e os objetos da consciência transcendental – a primeira apreende o triângulo em carne e osso, a segunda, a ideia de triângulo. Aqui se apresenta um segundo excesso da consciência viva sobre a consciência transcendental, não mais o que se evidencia na ação, mas o que se evidencia

---

[257] EC, p. 326.

[258] EC, p. 333: "não somos obrigados a restabelecer no interior da consciência uma dualidade que não admitimos mais entre ela e as coisas exteriores?"

na experiência da passividade, que também nos dá a ideia de que o corpo é um intermediário entre nós e as coisas.

Sabemos pela reflexão que a passividade da consciência não é efetiva, que o corpo não se interpõe entre nós e as coisas – porque o próprio corpo é um objeto da consciência, porque a apreensão das estruturas, com seu núcleo negativo, demonstra pelo contrário uma atividade constituinte da consciência já no nível da percepção – e que portanto o realismo se funda num erro. Mas a experiência da passividade "deve ter um sentido e pode ser *entendida*". O realismo deforma a experiência, e contudo "... apoia-se num fenômeno autêntico", "a estrutura própria da experiência perceptiva, a referência dos "perfis" parciais ao significado total que eles "apresentam" seria esse fenômeno."[259] Isso porque a apresentação dos objetos por perfis é a condição essencial para que a consciência os viva como transcendentes – e perceba-se não como produtora do mundo, mas como seu receptáculo ou, em suma, como passiva.

O índice de existência, aquilo que faz a diferença entre conteúdos concebíveis e o percebido, só pode vir do corpo. O realismo pensa essa origem equivocadamente, transformando o corpo num mecanismo e em causa do percebido, mas há outra maneira de fazê-lo, inscrevendo o próprio corpo no campo fenomenal – em verdade, concebendo-o como um de seus elementos constituintes. Essa mesma implicação do corpo no campo fenomenal sugere uma espécie de descompasso entre consciência e corpo, e finalmente o "enigma do corpo".

"... como eu poderia receber um objeto "numa certa direção", se eu, sujeito perceptivo, não estivesse de algum modo escondido em um de meus fenômenos, que me envolve, já que não posso girar em torno dele? É preciso dois pontos para determinar uma direção." (EC, p. 331)

O corpo se apresenta para a consciência perceptiva como um fenômeno incompleto, e nossas tentativas de hipostasiá-lo e encontrar nele um objeto completo que explicaria nossa percepção são comparáveis à tentativa de ver nossos próprios olhos. Sua incompletude é fenomenologicamente insuperável, porque é condição da constituição do campo fenomênico – o ponto de vista não pode se tornar o visto.

---

[259] EC, idem.

Conclusão

Procuraremos agora resumir o que precede no interesse da questão que designamos, com a tradição, como o problema da união do corpo e da alma, e com vistas à abertura de perspectivas para o prosseguimento desta pesquisa. Já não se trata apenas de repor o percurso da primeira tese, mas de apontar questões que ela sugere mas não desenvolve. Nosso interesse central recaía sobre a tentativa original de Merleau-Ponty de articular as descobertas científicas que excediam os quadros explicativos da epistemologia empirista, bem como constestavam sua antítese intelectualista, de modo a conquistar para a reflexão o domínio do real, sobretudo por um exame detido das relações entre o corpo e o que o filósofo chama preferencialmente espírito.

De um ponto de vista contemporâneo, teríamos que reconhecer, em primeiro lugar, que a ciência discutida por Merleau-Ponty está muito ultrapassada, o que nos obrigaria a rever os argumentos contra o modelo mecanicista do corpo, caso queiramos dar a eles vigência no discurso crítico contemporâneo. De fato, parece-nos que as inflexões da história desde então só fez crescer o interesse da constelação teórica proposta por Merleau-Ponty como ponto de partida de seu projeto filosófoco. A neurociência é possivelmente o campo científico que recebe mais atenção dos leigos na atualidade, por uma série de razões extremamente convincentes e díspares: avanços científico e tecnológico nesse campo prometem melhoras significativas tanto para os indivíduos quanto para as sociedades (dentre as quais, melhores tratamentos para doenças mentais largamente prevalentes na população adulta e amenização da decadência das faculdades mentais na velhice), e no entanto os mesmos avanços poderiam ter consequências devastadoras, considerando-se que abrem possibilidades de intervenção em aspectos do corpo e do comportamento humanos até aqui inacessíveis.[260]

Parece-nos que a EC abre um diálogo *sui generis* com a ciência, que não se identifica com a relação anterior entre esta e a filosofia criticista, nem tampouco com a

---

[260] Cf. Jonathan Crary. *24/7. Late capitalism and the ends of sleep*. Londres, Nova Iorque: Verso, 2013, que examina o impacto social, político, econômico, simbólico e psíquico da tentativa (inicialmente) militar, obviamente amparada em ciência, de reduzir ao máximo a necessidade de sono. Este é um exemplo entre muitos.

versão contemporânea da filosofia da ciência, que a sucedeu, quer dizer, com uma reflexão epistemológica. E no entanto poderíamos entender que o diálogo se esgota nessa mesma obra, na medida em que o filósofo parece concluir que não se pode esperar nenhum esclarecimento científico da relação entre corpo e alma, do "domínio das significações" que é o avesso impensado das descobertas científicas ou mesmo das estruturas que são a "verdade do naturalismo". Julgamos contudo que não é o caso, e que há que se manter em mente, além do abandono da fisiologia, bastante claro a certa altura da tese, o procedimento crítico que a conforma inteiramente, segundo o qual não é possível considerar a relação entre filosofia e ciência jamais encerrada.

A rejeição da tese do isomorfismo, que tentamos discutir com algum detalhe, deve ser tomada em sua formulação precisa: o que se rejeita é a noção de uma *primazia* da ordem física e a explicação *causal* do comportamento (destacadamente, da percepção). Do contrário, seríamos levados a acreditar que o realismo de fato é um erro, que todo conhecimento empírico sobre o corpo e em especial sobre o sistema nervoso é irrelevante na compreensão do comportamento e da consciência. O que Merleau-Ponty diz sobre a conservação das ordens física e biológica na ordem simbólica não define claramente o interesse da fisiologia ou, de forma mais adequada à nossa situação histórica, da neurociência. Seria preciso prosseguir a crítica da aplicação do conceito de causalidade física aos domínios da biologia e do comportamento.

Voltando ao exemplo da percepção visual, preferido por Merleau-Ponty, quando vemos algo há um padrão de ativação nervosa e uma experiência perceptiva. O realismo do senso comum postula que o padrão é causa da experiência perceptiva, que nosso corpo é causa dos fenômenos que aparecem para a consciência. Vimos que o realismo não pode, na opinião de Merleau-Ponty, ser dispensado pelo criticismo como um erro e o corpo como mais um objeto da consciência, mas que ele é um "erro bem fundado", ou seja, um que revela algo de válido. Ele localiza assim o problema na passagem da atitude ingênua – para a qual as coisas são e o corpo fenomênico é real – à "atitude" empirista, para a qual uma *substância* é *causa* das experiência internas de uma consciência concebida ora como epifenômeno, ora como outra sorte de substância.

Mas não podemos com isso esquecer que não há experiência perceptiva sem atividade nervosa. O conceito de causalidade exige que o fator considerado como causa

seja sempre anterior àquele considerado como efeito, e a sucessão constante. Ora, no caso da visão os dois elementos são rigorosamente simultâneos (embora a rigor o processo fisiológico possa ser decomposto em vários momentos, de modo que teríamos de saber a partir de qual deles há experiência perceptiva). Em todo caso, não há experiência perceptiva visual sem atividade dos olhos e do cérebro, mas também não pode ocorrer o padrão normal de ativação nervosa sem a experiência. Mais que isso, a consciência, situada na ordem simbólica, deve possuir um correlato fisiológico, situado na ordem biológica. A questão é entender que com isso não há isomorfismo, porque não há dois planos distintos de existência, mas dois pontos de vista desde os quais se observa a mesma coisa – que não aparece em sua totalidade senão quando recompomos mentalmente as duas perspectivas. Portanto voltamos à ideia de Goldstein de que corpo e alma são dois índices do mesmo fenômeno. Poderia parecer que o abandono da fisiologia como via explicativa implica falta de interesse na relação entre as ordens, mas a correlação entre elas é o resultado final de um entendimento estrutural, ainda perfeitamente válido. O que procuramos sublinhar é que a rejeição do isomorfismo gestaltista, bem como afirmações repetidas da impossibilidade de recompor os fenômenos por uma explicação física podem conduzir à conclusão, em nossa opinião falsa mesmo em relação à EC, de que não há nada mais a aprender do ponto de vista do observador estrangeiro senão que a ciência se funda num "bom erro".

Cremos que o procedimento da EC continua válido e que hoje com mais razão pode haver uma "troca de serviços", nas palavras de Merleau-Ponty, entre o ponto de vista do observador estrangeiro e o reflexivo. Uma das facetas menos previsíveis da neurociência é revelar a consistência de observações que, sem evidência física, pareceriam demasiado subjetivas e fantasiosas. A mesma ciência que pode fazer afirmações reducionistas com base numa epistemologia ingênua pode acrescentar não apenas legitimidade, mas uma riqueza de detalhes a observações psicológicas e, assim, ajudar a diminuir o reducionismo e as simplificações grosseiras em circulação. Por exemplo, uma obra de divulgação científica produzida por um renomado cientista[261]

---

[261] Antonio Damasio, *Descartes' Error*, Nova Iorque, Avon Books, 1995. O mesmo autor é criticado por "porque continua a falar da emergência da mente a partir do corpo" e concebe a relação entre eles como um paralelismo. Bruno D'Ambros, "Resenha: a unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa", in "Cadernos Espinosanos XXVI", São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, jan-jun 2012, p. 206. A obra resenhada é de Chantal Jaquet.

recebeu bastante atenção leiga ao defender que a tomada de decisões racionais envolve o funcionamento adequado de áreas nervosas relacionadas às emoções. Noutras palavras, o cientista argumenta convincentemente, mesmo para os mais duros empiristas, que as formas mais altas de razão se fundam em comportamentos anteriormente tidos como primitivos, porque correlacionados à atividade de áreas evolutivamente mais antigas do sistema nervoso. Não podemos pensar em melhor exemplo da *Umgestaltung* proposta por Merleau-Ponty.

Esse mesmo exemplo evidencia também a necessidade de rejeitar a interpretação do comportamento como uma sucessão de ordens a culminar na ordem simbólica e espiritual como a mais abstrata, isto é, aquela em que a negação pode se desenvolver mais intensamente. Enquanto Merleau-Ponty parece, como dissemos várias vezes, associar os comportamentos superiores a um grau crescente de abstração, portanto a operações tais como as exigidas pela álgebra e outras formas de raciocínio lógico, o trabalho experimental a que nos referimos indica, pelo contrário, que tais formas extremamente abstratas são auxiliares das funções mais altas da inteligência, mas não seu núcleo. Noutras palavras, um sujeito pode conservar intactas as faculdades mentais ligadas ao cálculo e demais abstrações, mas perder a capacidade de tomar decisões conducentes a uma situação pessoal e social mais desejável ou mais justa. Não parece que seja apenas a capacidade de projetar-se numa situação diferente da atual (a negação do atual) que constitui o núcleo do pensamento propriamente humano, mas a capacidade de conectar-se emocionalmente às projeções (o desejo ou a aversão pelo virtual). Numa palavra, o ego virtual que está envolvido na tomada de decisões (mormente de decisões que carregam implicações morais) não é uma abstração como as séries ou os conjuntos simultâneos oriundos da percepção, mas um "vivido em primeira pessoa em hipótese". De outra maneira, poderíamos objetar a Merleau-Ponty que a liberdade, que aparece em suas teses como o ápice da ordem simbólica, sendo apenas negação, não tem conteúdo, e que portanto seu sentido é sempre meramente acidental ou indiferente, exterior ao próprio movimento de negação. Procuraremos a seguir mostrar que de outro ponto de vista se evidencia a mesma lacuna na análise da união entre corpo e alma.

Vimos que ao corpo fisiológico corresponde uma alma em tese inteiramente explicável pelos mecanismos orgânicos, e portanto nenhum problema da união entre corpo e alma. Sabemos ainda que o exame dos objetos constituídos pelo ponto de vista do espectador estrangeiro acaba por revelar sua contrapartida, i.e., a ordem simbólica e a consciência, uma vez que a tese empirista evoca logicamente a resposta criticista e revela o domínio das significações como território próprio da filosofia. A manutenção de um diálogo com a ciência, aliás, não anula a descoberta do domínio autônomo das significações: o ponto de vista reflexivo é tão legítimo – e tão incompleto – quanto o do observador estrangeiro.

Consequentemente, o que Merleau-Ponty procura fazer é criticar o criticismo para ultrapassá-lo. A dialética da verdade pode ter um valor ambíguo, já que "quando a consciência se separa do tempo... para apreendê-lo como um significado intelectual e manipulável" ela pode não encontrar a verdade, mas entrar como que num "sonho lúcido, no qual não encontra nenhuma opacidade... por viver na superfície dela mesma e no invólucro das coisas".[262] Segundo a tese criticista, o corpo se converte num dos fenômenos que se apresentam à consciência; a questão é que tampouco com esse corpo a consciência tem uma relação que faça dele *seu corpo*, que lhe abra acesso a um mundo real, ao invés de um mundo de representações.

Donde a crítica à "teoria intelectualista da percepção" – de acordo com os projetos das teses –, aspirar "integrar até o fenômeno do real"[263] à filosofia. Segundo Merleau-Ponty, o dado fundamental que o criticismo desconhece, com o qual se perde o real, é o corpo como um fenômeno com duas características distintivas: a incompletude e a função de constituir o campo fenomênico. O campo só pode ser orientado porque o corpo constitui um ponto de referência "que me envolve", porque "eu, o sujeito perceptivo", estou "de algum modo escondido em um de meus fenômenos". Se o corpo pudesse se tornar objeto para a consciência da mesma forma que os outros objetos seria porque o sujeito poderia destacar-se dele e observá-lo de fora, o que é naturalmente

---

[262] EC, p. 343.

[263] EC, p. 345.

impossível. Mas isso de fato "basta para mostrar que não existe um enigma de "meu corpo", nada de inexprimível em sua relação comigo"[264]?

Parece-nos que a experiência de ter um corpo não pode ser descrita simplesmente como a de perceber um objeto incompleto, que resiste à exploração e "termina com um objeto tátil-muscular". O próprio Merleau-Ponty admite que "não descrevemos completamente a estrutura do corpo, que comporta ainda uma perspectiva afetiva cuja importância é evidente".[265] A mesma experiência da doença, que ensina que o corpo é um intermediário entre nós e as coisas, ensina, aliás mais enfaticamente, que em algum nível nos identificamos para além de todo arbítrio ao nosso corpo, que somos um corpo vivo. O que distingue o corpo próprio dos outros fenômenos não é apenas nem sobretudo o fato de que não posso examinar todas as suas partes ou de que ele "envolve" o sujeito, mas justamente que ele seja sentido como parte integrante do ego.

O próprio Merleau-Ponty reconhece que "não podemos nem mesmo admitir sem reservas entre a alma e o corpo uma relação de expressão comparável à do conceito e da palavra nem definir a alma como o "sentido do corpo", o corpo como a "manifestação da alma"", uma vez que "essas fórmulas têm o inconveniente de evocar dois termos, solidários talvez, mas exteriores uma ao outro e cuja relação seria invariável".[266] Certamente apenas o exame da dimensão afetiva – no sentido original e próprio do termo – da união seria capaz de justificar a experiência do corpo próprio e dos fenômenos mesmos.

Pois o índice existencial dado na percepção é atribuído por Merleau-Ponty à apresentação dos objetos por perfis, que por sua vez é caracterizada por ser passível de exploração infinita. Devemos acrescentar que a cada mudança na aparência do objeto deve corresponder uma mudança da orientação corporal do observador, quer dizer, outras tantas mudanças do fenômeno do corpo próprio. O objeto aparece em carne e osso porque está coordenado ao corpo fenomênico. Se os perfis do corpo próprio não

---

[264] EC, p. 331.

[265] EC, idem.

[266] EC, p. 323.

estiverem corretamente relacionados à sucessão de perfis do objeto convencemo-nos de que o objeto é uma ilusão, como no cinema. Contudo não pode se tratar apenas de duas séries coordenadas de fenômenos – uma dessas séries deve ser a "minha" série, deve corresponder ao eu, em sua união afetiva com o corpo. Isso não está explicitado no texto pontiano. Noutras palavras, o corpo não fornece apenas um ponto relativamente fixo, a coordenada zero a partir da qual o campo fenomênico ganha orientação. O objeto aparece em carne e osso, não apenas como objeto perfilado para a consciência, para um sujeito de carne e osso, não para um corpo que aparece para um sujeito. Se os perfis do corpo não fossem reconhecidos como aspectos do meu corpo, tampouco a realidade poderia se concretizar.

A absorção das dialéticas biológicas na simbólica, a união do corpo e da alma significa portanto que além do “eu penso” que deve acompanhar todas as representações e é correlato de seu sentido, há um “eu sou isto” que é correlato de sua existência; o primeiro só pode ser evidenciação do segundo se os laços entre o ego e o corpo, pelo qual nos enlaçamos a todo o resto, forem postos fora de circuito. E como se sabe a redução, que é a mesma neutralização vista do "outro" lado, nunca vai ao fundo: isso apagaria o "eu penso". O eu penso e a representação são abstrações ou *manipulanda* secundários, advindos de uma consciência perceptiva que doa sentido, mas também se situa efetivamente no mundo, ao invés de simplesmente lhe dar uma orientação. O campo fenomênico é mais que um campo vetorial. E por isso toda simulação de realidade está incompleta, embora possa ser muito convincente, sem as sensações corporais correspondentes à exploração do campo e sem a experiência do corpo próprio (ou do corpo como eu). As sensações intero e proprioceptivas, mais fortemente que as dos sentidos externos, não podem ser separadas do sujeito senão posteriormente, por uma operação abstrativa. Sou eu, não meu corpo, que aqui está, que faz este ou aquele movimento – é esse eu encarnado o correlato dos objetos.

Outra faceta da mesma omissão da "dimensão afetiva" da união entre corpo e alma é a ideia de que o psiquismo é uma espécie de subordem inferior da ordem simbólica. Trata-se de outro ponto pouco desenvolvido na argumentação, mas de amplo alcance: logo depois da observação sobre a união entre corpo e psiquismo, Merleau-

Ponty distingue psiquismo e espírito. O problema é que a distinção não é de fato examinada, mas parece feita de passagem. A primeira menção acontece imediatamente depois da conclusão da crítica ao freudismo, na sentença que abre a subseção seguinte: "Mas nem o psíquico com relação ao vital nem o espiritual com relação ao psíquico podem ser tratados como substâncias ou mundos novos". O psíquico portanto parece identificar-se à ordem de fenômenos delimitados pelo freudismo e pelas reestruturações incompletas da vida biológica, uma vez que uma verdadeira reestruturação é por sua vez designada pelos "atos espirituais", que "teriam seu sentido próprio e suas leis interiores". O psíquico é situado portanto a meio caminho entre o vital e o espiritual.

A noção de um movimento entre estados mais integrados e outros, menos integrados, não é de forma alguma estranha à obra. Mas o psiquismo, que parece pertencer à ordem simbólica, ao invés de aparecer como um estado completo, mesmo que intermediário, só é descrito por *não ser* o estágio superior. O que afinal significa que devemos entender o psiquismo como um estado em que há uma falsa consciência simbólica e em que as forças vitais dirigem de fato o comportamento. Prevalece a impressão de que para Merleau-Ponty a ordem simbólica culmina no "espírito".

Donde uma crítica bastante parcial a Freud. As orientações da consciência infantil para o outro, o ambiente humano e a linguagem, estendidas à consciência adulta – em que são incorporadas à dialética do conhecimento, do objeto e da verdade –, são tomadas por Merleau-Ponty como os elementos que possibilitam formular um novo conceito de consciência, de modo a evidenciar a ligação interna que ele reclamava entre percepção e ação. Contudo, sabemos que a psicanálise as toma noutra perspectiva, procurando ligá-las de um lado ao desenvolvimento de um extenso *thesaurus* simbólico, parte coletivo, parte individual, e de outro à vida orgânica, novamente tanto da espécie quanto do indivíduo. Nesse movimento, a psicanálise também chega a uma noção bastante ampliada do indivíduo, que desde o início mostrou-se mais abrangente que as noções filosóficas de sujeito e de consciência, quaisquer que sejam as variações consideradas.

Na EC, contudo, Merleau-Ponty enxerga a psicanálise quase exclusivamente como uma forma de reducionismo, como uma teoria que postula uma relação causal entre a vida sexual e a vida psíquica dos indivíduos, ou, em suma, que a ordem simbólica é um efeito, uma consequência da ordem biológica. Ele exprime ainda a convicção de que o quadro conceitual da psicanálise, como o das outras psicologias anteriormente examinadas, compraz uma noção inadequadamente substancialista do simbólico, manifesta nas metáforas energéticas de Freud, que equiparam as instâncias psíquicas a locais ou forças físicas.

Sua apreciação da psicanálise se centra pois em reformulá-la segundo a noção não-substancialista de estrutura. Merleau-Ponty parece ver em Freud exclusivamente, a esta altura, alguém que acredita que a vida psíquica é um *efeito* da sublimação de forças biológicas.[267] Ele afirma que, pelo contrário, isso seria verdade apenas em casos patológicos, em que não houve uma verdadeira reestruturação das atitudes infantis – o que quer dizer que as atitudes infantis são ainda biológicas. É especialmente significativo que ele tome "libido" como sinônimo de instinto sexual-reprodutivo.

"Na medida em que a sublimação não passa de uma derivação de forças biológicas não empregadas, a atividade nova deve conservar o aspecto intermitente e a labilidade característicos das condutas não integradas; nos casos em que, ao contrário, a sublimação e a transferência tiveram êxito, isso significa que as energias vitais não são mais as forças motrizes do comportamento, que foram realmente integradas a um conjunto novo e suprimidas como forças biológicas. Seria pois possível e necessário distinguir casos em que os mecanismos freudianos funcionam de outros casos em que são transcendidos. Existiriam homens cuja conduta é totalmente explicável pela história da libido, cujos atos só têm relação com o universo da biologia." (EC, p. 279)

Igualmente clara a respeito da posição de Merleau-Ponty em relação à psicanálise nesta obra é a conclusão de que para os que são "verdadeiramente homens", "as explicações causais de Freud seriam sempre anedóticas".[268] Como ele já havia admitido implicitamente que as falhas de reestruturação do comportamento segundo o

---

[267] E nesse sentido a crítica que Merleau-Ponty dirige a Freud se assemelha à endereçada a Bergson e Janet, o primeiro é criticado por referir-se à ação como "ação vital, aquela pela qual o organismo se mantém na existência". Ele interpretaria os atos do trabalho como outras tantas maneiras de "atingir os fins que o instinto persegue". EC, p. 253.

[268] EC, p. 280.

modo superior fornecido pela ordem simbólica são muito frequentes,[269] somos forçosamente levados à conclusão de que não apenas as crianças, mas quase todos os adultos não são "verdadeiramente homens", seguem como que aprisionados num misto entre a dialética vital e a dialética própria à ordem simbólica, o psiquismo.

Contudo, o último movimento da EC é o reconhecimento de que na recorrência das dialéticas inferiores há algo mais que o simples fato da falta a pensar.

> "Há uma dualidade que sempre reaparece num nível ou noutro: a fome ou a sede impedem o pensamento e os sentimentos, a dialética propriamente sexual transparece normalmente através de uma paixão, a integração nunca é absoluta e sempre fracassa, num nível mais alto no escritor, mais baixo no afásico. Sempre chega um momento em que nos esquivamos de uma paixão, seja por cansaço, seja por amor-próprio. Essa dualidade não é um simples fato, é fundada num princípio, toda integração supondo o funcionamento normal das formações subordinadas, que sempre reclamam seu próprio bem." (EC, p. 325)

Reconhecemos novamente a ideia de que as ordens física, biológica (e psíquica) são inferiores à simbólica (à qual se subsumem o pensamento, a paixão e a linguagem), mas agora Merleau-Ponty afirma que a regressão ao orgânico – ou a fuga do simbólico – não é um acidente passageiro. Pelo contrário, ela se funda num princípio que poderíamos designar como uma *resistência* das dialéticas inferiores, que parecem, ademais, ter interesses próprios, conflitantes com os da consciência, já que "reclamam seu próprio bem". Gostaríamos de ressaltar que, embora isso seja impossível no quadro da EC, a psicanálise nos forneceria suporte para tomar essa resistência como índice de um sentido que se constitui antes ou mesmo a despeito da consciência, e não por ou para ela.

Tendo reformulado a explicação causal dos complexos freudianos por meio de "metáforas estruturais", Merleau-Ponty diz ser necessário admitir que eles têm também uma sorte de resistência, são estruturas que tendem a se conservar. Elas podem ser ignoradas, mas nem por isso carecem de sentido; se "entendemos nossos estados vividos

---

[269] "A obra de Freud não é um quadro da existência humana, mas um quadro de anomalias, por mais frequentes que sejam." EC, pp. 278 e 279.

sob uma ideia que não lhes é adequada... mesmo ignorado por nós, o verdadeiro significado de nossa vida não deixa de ser sua lei eficaz".[270] Pode haver portanto um desacordo entre a "estrutura efetiva" do comportamento e o significado que o sujeito (a consciência) lhe atribui. Se pensarmos que as estruturas efetivas se manifestam no comportamento e são experiência psíquicas, o psiquismo constitui então ao menos uma instância da união entre corpo e alma, que pode ainda se realizar num nível mais elevado, quando o sujeito puder reuni-las sob uma ideia adequada. Mas importa mais frisar que o reconhecimento da "lei eficaz" dada pelas "estruturas efetivas" do comportamento implica também que há sentido antes da consciência. Obviamente a psicanálise é, ao menos teoricamente, uma das maneiras de alcançar uma segunda forma de união, de tornar os sentidos veiculados no comportamento e no psiquismo acessíveis à consciência. Contanto que reconheçamos ainda que essa segunda união não se faz simplesmente no interesse nem por meio da dialética da verdade, ou do sujeito e do objeto.

O que também se mostra noutro caso de união entre corpo e alma em que o corpo não se apaga em favor dos supostos interesses da alma, mas prescreve-lhe certo acesso à verdade, diferente sem dúvida daquele de outra natureza que a científica, mas também diferente do acesso espiritual ou filosófico. Referimo-nos ao exemplo de El Greco, que versa sobre a possibilidade de transmutar os acidentes da constituição orgânica em sentido pela arte. Merleau-Ponty o traz à baila para constestar pela última vez a hipótese determinista, segundo a qual os acidentes do corpo determinariam os conteúdos da alma. Há sempre a possibilidade de uma retomada dialética em que alma agora joga com o que antes a determinava:

> "Os acidentes de nossa constituição corporal podem desempenhar esse papel de reveladores, contanto que, em vez de serem sofridos como fatos puros que nos dominam, eles se tornem, pela consciência que tomamos deles, um meio de estender nosso conhecimento. No limite, o suposto distúrbio visual de El Greco foi conquistado por ele e tão profundamente integrado com sua maneira de pensar e de ser que se mostra, finalmente, muito mais como a expressão necessária de seu ser que como uma particularidade imposta de fora. (...) Tudo o que provinha de dialéticas parciais e independentes, sem relação com o significado total de sua vida, foi assimilado e inserido na sua vida profunda." (EC, p. 314)

---

[270] EC, p. 340.

Mas é notável como o argumento muda de valor perto do final, e a possibilidade de conquista das determinações iniciais pelo espírito se encaminha para uma afirmação evidentemente equivocada da sua soberania ilimitada, que desemboca afinal no mesmo ponto de chegada do criticismo:

"A mesma enfermidade sensorial ou constitucional pode ser causa de escravidão, se impuser ao homem um tipo monótono de visão e de ação... ou ser a ocasião de uma maior liberdade, se ele dela se servir como instrumento. Isso supõe que o homem a conhece em vez de obedecê-la. Para um ser que vive no nível simplesmente biológico, ela é uma fatalidade. Para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que ascendeu à dialética do sujeito e do objeto, o corpo já não é causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto de consciência." (EC, p. 315)

Merleau-Ponty parece conduzir o argumento na direção do criticismo para rebatê-lo ainda uma vez, mas nesse momento escapa à argumentação que a arte, se pode ser entendida como uma forma de conhecimento, é de uma natureza bastante diversa da ciência. Ao dar à sublimação artística viés intelectualista, não se reflete que a verdade da arte é uma verdade sensível, e que portanto é equívoco falar em "conquista" das circunstâncias do corpo pelo espírito. A doação de sentido aqui não passa pela constituição de um discurso supostamente extraperceptivo, mas, justamente, se faz no sensível – os símbolos da pintura não são abstratos como os da linguagem verbal, mas justamente elementos sensíveis dotados de um sentido. Ora, Merleau-Ponty enfatizava que

"O que há de profundo na Gestalt (...) não é a ideia de significado, mas a de *estrutura*, a junção de uma ideia e de uma existência indiscerníveis, o arranjo contingente pelo qual os materiais passam, diante de nós, a ter um sentido, a inteligibilidade no estado nascente." (EC, p. 319)

A estrutura, se deve se diferenciar positivamente da significação, pode se aproximar do símbolo; todo percebido, porque estruturado, será ao menos potencialmente também símbolo, mas não necessariamente ou eminentemente de algo extraperceptivo. O sentido do percebido não se esgota no seu conteúdo imediato, mas *pode* se desdobrar dentro do próprio campo fenomênico por atos de expressão, que são outros tantos atos de doação de sentido.

Se a liberdade é assumir os acasos do corpo e do psiquismo (bem como os acasos da história e dos grupos sociais específicos que situam o sujeito), a iniciativa de

doação do sentido não está apenas com a consciência como instauradora da dialética da verdade, nem mesmo com a consciência perceptiva comum, cuja doação de sentido passa despercebida. Teríamos de reconhecer em primeiro lugar uma variedade de sentidos anteriores à consciência em sentido estrito, todos evidentemente tributários da estruturação perceptiva, e por conseguinte também uma dialética entre as formas de consciência. (Nesse caso seria preferível conservar a palavra da tradição, alma, já que "a consciência não é apenas e nem sempre consciência da verdade",[271] como correlato ou "fenômeno concordante"[272] do corpo, do mundo, dos outros e da história.)

E, em todo caso, deveríamos conceber várias formas da união do corpo e da alma, diferentes da subsunção do orgânico, a nosso ver concebido ainda muito conservadoramente, à ordem superior do espírito. Desacreditado o "sonho lúcido" do intelectualismo, neste momento o filósofo pode lhe opor ainda a faticidade da resistência das dialéticas inferiores e a verdade eficaz da estrutura efetiva, que pode dirigir uma biografia sem jamais ser "conquistada" pelo sujeito, no que bem poderia ser entendido como o reconhecimento de que a sombra do Cogito segue irremediavelmente em seu lugar. A questão é saber se a longa investigação fenomenológica da percepção levada a cabo na segunda tese seria capaz de nos franquear meios pensar "positivamente" o corpo-alma, não apenas como correlato do mundo dos objetos cognoscíveis, mas como sujeito uma vida entre outros.

---

[271] EC, p. 339.

[272] EC, p. 336.

Bibliografia

BIMBENET, Étienne. *Nature et humanité*, Paris: Vrin, 2004

BURKE, Robert E. "An appreciation of Sherrington's *The integrative action of the nervous system*", *In: "*Brain", p. 889..

CARDIM, Leandro Neves. *Corpo*. São Paulo: Globo, 2009.

CLARAC, F (2005) The History of Reflexes Part 1: From Descartes to Pavlov, IBRO History of Neuroscience. Disponível em: [http://www.ibro.info/Pub/Pub_Main_Display.asp?LC_Docs_ID=3155]. Último acesso em: 03/10/2013.

CRARY, Jonathan. *24/7. Late capitalism and the ends of sleep*. London, Nova Iorque: Verso, 2013.

DAMASIO, Antonio. *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*, Putnam Publishing, 1994.

D'AMBROS, Bruno. "Resenha: a unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa", in "Cadernos Espinosanos XXVI", São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, jan-jun 2012.

EARP, Brian D. "I can't get no (epistemic) satisfaction: why the hard problem of consciousness entails a hard problem of explanation". Disponível em: www.academia.edu/1497087/I_cant_get_no_epistemic_satisfaction_why_the_hard_problem_of_consciousness_entails_a_hard_problem_of_explanation.

FERRAZ, Marcus Sacrini A. Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty. 2008. Tese. Departamento de Filosofia, FFLCH, USP.

FINK, Eugen. "Die phänomenologische Philosophie Edmund Husserls in der gegenwärtigen Kritik". Disponível em: http://nasepblog.files.wordpress.com/2012/08/fink-eugen-die-phc3a4nomenologische-philosophie-edmund-husserls-in-der-gegenwc3a4rtigen-kritik-1933.pdf

FOUCAULT, M. "A governamentalidade" *in Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____.*Vigiar e punir*. São Paulo: Vozes, 2000.

_____. *História da sexualidade I* (*A vontade de saber*). São Paulo: Graal, 2010.

"Isto não é um cachimbo", São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREUD, Sigmund. "Cinco lições de psicanálise" In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910[1909]) Obras completas de Sigmund Freud (23 v.), V.XI. RJ, Imago, 1996

GOLDSTEIN, Kurt. *The organism*, Nova Iorque: Zone Books, 1995

GURWITSCH, Phänomenologie der Thematik und des reinen Ich. Disponível em: http://www.gurwitsch.net/dissertation.htm

KOFFKA, Kurt. Princípios de psicologia da Gestalt. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975

LACAN, Jacques. "O estádio do espelho como formador da função do eu...", *In*: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar Editor, (1966) 1998.

_____. *Le Séminaire*, livre II. Paris, Seuil, 1978.

_____. "O simbólico, o imaginário e o real", In: *Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971

_____. "Sur la phénoménologie du langage", in *Signes*, Paris: Gallimard, 1960, p. 117.

_____.*La structure du comportement*. Fim da redação, 1938, publicação, 1942, Presses Universitaires de France. Utilizaremos a edição brasileira: *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____.*Phénoménologie de la perception*. Publicação, 1945, Gallimard. Edição brasileira: *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____.*O primado da percepção e suas consequências filosóficas*, precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) e A natureza da percepção (1934); tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____."La philosophie de l'existence", in: *Parcours deux*,

_____."Titres et travaux", *in* Parcours Deux, Paris: Verdier, 2000

_____.*Psicologia e pedagogia da criança*, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____.*O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MOINAT, Frédéric. Le vivant et sa naturalisation: le problème du naturalisme en biologie chez Husserl et le jeune Merleau-Ponty. Springer, 2012.

PAVLOV, I. P. *Conditioned Reflexes*. Oxford University Press, Humphrey Milford, s/d, p. 2.

PINTOS, María-Luz. "Gurwitsch, Goldstein, Merleau-Ponty. Analyse d'une étroite relation". *In*: "Chiasmi international", Paris: Vrin, Mimesis, University of Memphis, Clinamen Press, ano?. Número 6 ("Entre esthétique et psychanalyse").

PRADO JR., Bento. "Lacan: biologia e narcisismo ou A costura entre o real e o imaginário", *In*: Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise, org. Vladimir Safatle, São Paulo: Editora Unesp, 2002, pp. 53-72. P.54.

RAMOS, Silvana de Souza. A prosa de Dora. Uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty. 2009. Departamento de Filosofia, FFLCH, USP.

SARTRE, Jean-Paul. Situações I. São Paulo: Cosac & Naïfy, 2005

SHERRINGTON, *Integrative action...*, New Haven, Yale University Press, 1920

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a d'Alembert*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LANDER, Eric. Vídeo-aula 27 do curso de Introdução à biologia, "Sistema nervoso 2", base de cursos online do MIT: http://ocw.mit.edu/courses/biology/7-012-introduction-to-biology-fall-2004/video-lectures/lecture-27-nervous-system-2/

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. "Como ser neurocientista?", disponível em: http://www.suzanaherculanohouzel.com/journal/2013/4/22/como-ser-neurocientista.html. Acessado em 2/08/2013.

Autor desconhecido. "Short-term Stress Can Affect Learning And Memory". *ScienceDaily*. Retrieved July 10, 2012, from http://www.sciencedaily.com-/releases/2008/03/080311182434.htm